



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO

**A Supervisão e as Narrativas Supervisivas como
estratégia para a Melhoria dos Resultados de alunos, do
5º ano de escolaridade, na disciplina de Inglês**

Trabalho realizado por: Laura Teles Ferreira

Orientadora: Maria dos Anjos Cohen

Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores

Julho de 2013

À memória dos meus queridos pais

Agradecimentos

Fazer este trabalho foi para mim a realização, muitos anos adiada, de um sonho que pretendia concretizar e que já tardava muito.

Os meus agradecimentos vão para:

A minha Orientadora, Professora Maria dos Anjos Cohen, pelo seu apoio, espírito crítico e disponibilidade incondicional, pois, apesar da distância física esteve sempre presente na elaboração deste trabalho.

O ISCE, em particular a Técnica de Biblioteca, Andreia Sousa, pelo excelente serviço prestado.

À direção e colegas da escola onde o estudo se realizou, pela imprescindível colaboração concedida.

Aos meus amigos, pelo apoio que me deram, e pela compreensão pela minha “ausência”.

A todas as minhas colegas do Curso de Mestrado, pela colaboração e apoio ao longo dos dois anos letivos em que decorreu o Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores.

Ao meu filho, Ricardo, pelo exemplo que lhe quis dar e pelo tempo que não lhe dei...

Ao João, meu marido, pela força anímica que me transmite e que me permitiu ir onde sempre quis chegar.

Resumo

A observação da prática educativa de um docente com perto de 30 anos de carreira não se pode considerar atualmente uma prática comum, no entanto, a supervisão voluntária assente numa metodologia reflexiva, colaborativa e transformadora, no sentido da melhoria dos resultados escolares, através da implementação de um trabalho de investigação sobre a nossa própria prática é uma medida que pode ser considerada como eficaz e gratificante.

O potencial libertador e/ou opressor das nossas ações relaciona-se diretamente com a forma como nos posicionamos face ao mundo como ele é, a qual depende de como imaginamos o mundo como ele deve ser. É no espaço que medeia entre o que é e o que deve ser que se inscreve a supervisão pedagógica como prática de transformação. (Vieira, 2006:277)

O insucesso na disciplina de Inglês é uma preocupação recente. Os alunos de 5.º ano, habitualmente, tinham resultados muito bons em Inglês, na ordem dos 95%. No entanto, o grupo sobre o qual incidiu este estudo apresentava resultados que apontavam apenas para os 75% de sucesso. Nesse sentido, pretendeu-se implementar um trabalho de investigação sobre a própria prática, e, porque somos defensores dos benefícios de uma prática colaborativa, reflexiva e dialogada, pensou-se recorrer à Supervisão como instrumento de melhoria, bem como às narrativas dialogadas, que são registos colaborativos que ajudam os docentes na suas investigações de cariz crítico, desocultando modos de como o poder e a natureza formal, abstrata e eurocêntrica do conhecimento escolar opera no sentido de limitar a sua autonomia profissional...Enquanto estratégia reflexiva de desenvolvimento pessoal e profissional, as narrativas dialógicas *“permitem compreender o modo como os escreventes desenvolvem formas de indagação sobre o seu pensamento e ação que favoreçam a construção reflexiva crítica e colaborativa na (re)construção de identidade profissional”*. (Moreira, 2011:31).

A abertura da sala à supervisão por parte de outros colegas ‘amigos críticos’ e as narrativas dialógicas permitiram recorrer a estratégias diferentes das normalmente utilizadas, como a autoavaliação semanal dos alunos e a tutoria de pares, que resultaram na melhoria dos resultados dos alunos e do desempenho profissional da docente investigadora, numa atitude emancipatória.

Palavras – chave: Supervisão colaborativa; reflexão; narrativas dialogadas.

Abstract

The educational practice of a teacher with nearly 30 years of career nowadays can't be considered as a common practice, however voluntary supervision based on a collaborative, reflective and transformative methodology towards improving educational attainment, by implementing a research work on our own practice is a measure that can be considered as effective and rewarding.

The liberating potential and/or oppressor of our actions relate directly to how we position ourselves in relation to the world as it is, which depends on how we imagine the world as it should be. It is in the space between what is and what should be that is part of the pedagogic supervision practice of transformation. (Vieira, 2006:277)

The failure in the discipline of English is a recently concern. 5th year students usually had very good results in English, in the order of 95%. However, the Group on which focused this study showed results that pointed only to the 75% success rate. In this sense, it was intended to implement a research work on our own practice and because we advocate the benefits of a collaborative, reflective practice and through dialogue, it was thought the Supervision as a tool for improvement, as well as the dialogued narratives, which are collaborative records that help teachers in their investigations of critical nature, un hiding ways of how power and formal nature, abstract and Eurocentric school knowledge operates to limit their professional autonomy ... While reflective strategy of personal and professional development, the dialogical narratives "*allows you to understand how the scribes develop ways to answer about your thinking and action to encourage critical reflective and collaborative construction in the (re) construction of professional identity*". (Moreira, 2011:31).

The opening of the classroom supervision to other colleagues "critical friends" and the dialogical narratives allowed to resort to different strategies of commonly used, such as the weekly student self-assessment and peer tutoring, resulted in improvement of students' results and professional performance of the teacher researcher, in an emancipatory attitude.

Key – words: Collaborative supervision; Reflection; dialogued narratives.

Conteúdo

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
Índice de Quadros e de Figuras	i
1. Introdução	1
2. Enquadramento Teórico	4
2.1. Investigação sobre a própria prática	4
2.2. Tutoria de Pares	6
2.3. Pedagogia para a autonomia	7
2.4. Auto supervisão	10
2.5. Supervisão	11
3. Metodologia	20
3.1. Problemática	21
3.2. Objetivo do estudo – geral e específico	24
3.3. Tipo de estudo	25
3.4. Sujeitos/Amostras/Participantes	26
3.4.1.- O meio onde nos situamos	26
3.4.2. - A unidade e as subunidades educativas do Agrupamento	27
3.4.3. - Pessoal Docente /Não docente /Discentes	28
3.4.4. - Docentes/Técnicos das Atividades de Enriquecimento Curricular	30
3.4.5. -Técnicos Superiores	30
3.4.6 - Pessoal Não docente	31
3.4.7. – Alunos-	32
3.4. 8. Grupos de sujeitos	33
3.5 Recursos Materiais	37
3.6. Procedimentos	38

<u>4. Resultados</u>	44
<u>4.1. Descrição dos resultados</u>	44
<u>4.2. Discussão dos resultados</u>	62
<u>5. Conclusão</u>	71
<u>Referências bibliográficas</u>	73
<u>Anexos</u>	
<u>Apêndices</u>	

Índice de Quadros e de Figuras

- Quadro 1 – Inglês 2º e 3º ciclo – resultados -1º período de 2009/2013 - pág. 21
- Quadro 2- Pessoal Docente /Não docente /Discentes – pág. 25
- Quadro 3- Oferta Educativa e Formativa - nº de alunos – pág. 25
- Quadro 4- Número de docentes /educadores – pág. 26
- Quadro 5- Docentes/Técnicos das Atividades de Enriq. Curricular – pág. 27
- Quadro 6- Técnicos Superiores – pág. 27
- Quadro 7- Assistentes Operacionais – pág. 28
- Quadro 8- Assistentes Técnicos – pág. 28
- Quadro 9- Alunos – pág. 29
- Quadro 10- Alunos Subsidiados – pág. 30
- Quadro 11 – Questionários -Tipo de Informação recolhida – pág. 36
- Quadro 12- Grelha síntese da 1ª aula do 1º ciclo de supervisão – pág. 49
- Quadro 13- Grelha síntese da 2ª aula assistida do 1º ciclo – pág. 50 e 51
- Quadro 14- Grelha síntese da 3ª aula do 1º ciclo de supervisão – pág. 52
- Quadro 15- Grelha síntese da 1ª aula do 2º ciclo de supervisão – pág. 53
- Quadro 16- Grelha síntese da 2ª aula do 2º ciclo de supervisão – pág. 54
- Quadro 17- Grelha síntese da 3ª aula do 2º ciclo de supervisão – pág. 55
- Quadro 18- Página do diário do docente de 4 de fev. – pág. 57
- Quadro 19- Página do diário do docente de 18 de fev. – pág. 57
- Quadro 20- Página do diário do docente de 22 de fev.. – pág. 58
- Quadro 21- Página do diário do docente de 8 de abril – pág. 58
- Quadro 22- Página do diário do docente de 12 de abril – pág. 58
- Quadro 23- Pá Página do diário do docente de 22 de abril – pág. 58
- Quadro 24- Percentagem de alunos com nível inferior a 3 no 1ºp. – pág. 66
- Quadro 25- Percentagem de alunos com nível inferior a 3 no 2ºp. – pág. 66
- Quadro 26- Evolução da avaliação dos alunos ao longo do ano – pág. 67

Figura 1- Género – pág. 32

Figura 2- Idades – pág. 32

Figura 3- Habilitações literárias dos pais – pág. 32

Figura 4- SASE – pág. 33

Figura 5- Profissões dos pais – pág. 33

Figura 6- Atitudes face à escola – pág. 41

Figura 7- Atitudes face ao Inglês - pág. 42

Figura 8- Recursos disponíveis em casa que podem ajudar a Inglês – pág. 43

Figura 9- Atividades realizadas fora da sala de aula – pág. 43

Figura 10- Dificuldades sentidas – pág. 45

1. Introdução

“A qualidade do ensino depende intrinsecamente da contínua aprendizagem dos professores, à medida que os contextos didáticos, o comportamento dos alunos e as expectativas dos docentes mudam” (Eraut, 2001, p. 9-10).

Este trabalho tem por principal objetivo demonstrar uma visão transformadora da supervisão pedagógica enquanto recurso formativo, reflexivo e crítico, numa perspetiva de melhoria da qualidade do serviço prestado e de entreaajuda e colaboração entre colegas. Esta proposta de conceptualização da relação entre supervisão e reflexão, mediante a construção de narrativas, preferencialmente dialogadas, defende um novo paradigma, cujo objetivo principal é orientar os docentes numa direção potencialmente emancipatória. Para tal, apresenta-se um trabalho de investigação sobre a prática educativa, em que se investiga a nossa própria prática.

Os contextos pedagógicos cada vez mais diversificados requerem respostas educativas adequadas às necessidades educativas dos educandos, cada vez mais inovadoras e criativas, levando os docentes a procurarem soluções colaborativas, visões imparciais dos colegas mais experientes, e uma gestão cada vez mais eficaz da sala de aula e das estratégias de ensino-aprendizagem, numa sociedade do conhecimento à escala universal.

Os professores sentem a necessidade de desenvolver uma prática pedagógica orientada pela criatividade e reflexividade, num ambiente de formação permanente e de desenvolvimento profissional contínuo, numa perspetiva colaborativa, onde o respeito e a dignificação profissional e interpessoal seja uma realidade crescente.

A escola de massas mostra dificuldade em se transformar face à consolidação da multiculturalidade, agravando mesmo confrontos entre diferentes culturas, classes sociais, “raças”, confissões religiosas, minorias étnicas, diferentes estilos cognitivos, diferentes sensibilidades e capacidades, a exemplo do que também parece acontecer noutros países.

Os pilares estruturantes desta investigação são focalizados na narrativa, na capacidade criativa e de adaptação de estratégias de ensino aprendizagem docente e na educação para os valores e para a diversidade, numa perspetiva reflexiva, construtivista, colaborativa, humanista, num período histórico

particularmente desafiante para os docentes, pela crise económica instalada, causando movimentos migratórios por motivo de desemprego (o regresso a casa dos pais, agora idosos), levando à entrega dos filhos aos avós ou outros familiares, por incapacidade financeira de os sustentar, e conseqüentemente implica a mudança de escola e de rotinas, situação que, regra geral, implica para a escola necessidades específicas de acolhimento e integração destes estudantes.

A Escola deve construir significado e desse modo gerar uma sinergia capaz de movimentar quem, nela, ou à volta dela, se move, aprende, cresce, vive, constrói e se constrói. No fim, todos, porque todos, direta ou indiretamente, de uma forma ou outra somos marcados por ela de uma forma inesquecível. A escola é para muitos jovens o centro do mundo. Descontentes com as suas famílias, cada vez mais desestruturadas, e cada vez mais incapazes de lhes dar o que necessitam, por vezes até prover as necessidades básicas, a escola é um local com uma dimensão e uma importância de tal forma fulcral que se torna o epicentro do seu universo. A escola reflete e é o reflexo da sociedade em que vivemos e vai refletindo, a cada momento, o momento histórico que se vive.

O europeísmo, a multiculturalidade e o surgimento da comunicação em rede exponenciou a importância atribuída à aprendizagem do Inglês como língua de eleição do mundo atual.

O insucesso na disciplina de Inglês tem sido uma preocupação recente. Tradicionalmente, os alunos gostavam esta disciplina, principalmente no 5.º ano de escolaridade, por ser o 1.º ano que tinham esta disciplina e, portanto, pela novidade, além da reconhecida importância que sempre teve quer nas relações comerciais e profissionais, quer na música e outras atividades de lazer. Atualmente, os alunos iniciam o contacto com o Inglês no 1.º ano do 1.º ciclo, nas chamadas AEC (atividades de enriquecimento curricular) e por motivos sobre os quais não nos vamos debruçar, quando iniciam o 5.º ano, nem sempre trazem uma imagem muito positiva. Obviamente que muitos há que irradiam entusiasmo e colaboram com todo o empenho e vivacidade, para os quais se torna necessário desenvolver competências de autocontrolo da sua participação entusiástica.

Em consequência das tradicionais expectativas relativamente aos resultados dos alunos na disciplina de Inglês no 5.º ano, o sucesso esperado no Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas onde se desenvolve o estudo é de um mínimo de 95%, quando o resultado de alguns alunos, nomeadamente a turma objeto deste estudo é de 75%. Foi neste sentido que se implementou um estudo de intervenção sobre a prática educativa e porque se defendem os benefícios de uma prática colaborativa, reflexiva e dialogada, pretendeu-se que vários colegas, disponíveis e experientes, observassem algumas aulas na disciplina de Inglês, na turma alvo deste estudo, para que fosse possível, através da reflexão e do diálogo, trabalhar no sentido de melhorar os resultados destes alunos, mediante uma abordagem metodológica mista.

O estudo de investigação sobre a prática educativa do investigador encontra-se dividido em cinco capítulos e estes em várias secções. No capítulo 1, Introdução, foi justificada a pertinência do tema trabalhado e o principal objetivo do estudo realizado. No capítulo 2, Enquadramento teórico, procurou-se apresentar a informação teórica necessária à correta compreensão e fundamentação das opções e rumo que o estudo teve. No capítulo 3, Metodologia, sobre a pergunta de pesquisa, o objetivo do estudo, o tipo de estudo, os sujeitos participantes e procedimentos, explicitou-se o trabalho desenvolvido. Foi identificado o problema a resolver, foram definidos objetivos, apresentados os participantes, as técnicas e instrumentos de recolha de dados e analisadas/ avaliadas as atividades desenvolvidas. No capítulo 4, Descrição e discussão dos resultados, procedeu-se à avaliação da execução do estudo. Terminou-se, no capítulo 5, com as conclusões, sendo, ainda, feitas algumas recomendações e reforçados alguns autores.

“O meu ‘ponto de fuga’ abre-me questões justamente sobre a complementaridade supervisão/colaboração, que, pessoalmente, tendo a entender como pacíficas”. (Alarcão & Canha, 2013:9)

2. Enquadramento Teórico

2.1. Investigação sobre a própria prática

O docente bem-sucedido, nos dias de hoje, tem de ser obrigatoriamente, a nosso ver, um prático reflexivo, que investigue autonomamente, que colabore com os colegas, que reflita sobre as suas preocupações, que partilhe com os colegas essas suas preocupações e que oiça os outros colegas, numa perspectiva de emancipação libertadora. Os ambientes de sala de aula, as situações de aprendizagem e avaliação são progressivamente mais complexas e os desafios com que os docentes se deparam levam-no a ter de se munir de ferramentas para conseguir dar resposta a todas as diferentes solicitações, necessidades e motivações. Os alunos diferem, pelas aquisições realizadas anteriormente, pelo seu contexto social e pelas inter-relações que estabelecem. O docente necessita de ser detentor *“de uma visão crítica que lhe permite aceitar, adaptar, ou até mesmo rejeitar, indicações alheias à realidade da aula, com a crença de se encontrar na via adequada”* (Alarcão, 1996: 58). Quer isto dizer que o docente dos dias de hoje deve ser capaz de se auto questionar relativamente às suas práticas, analisar e refletir sobre os resultados obtidos, através de uma atitude de autosupervisão. Espera-se, ainda, que seja capaz de envolver os seus alunos e responsabilizá-los pela sua aprendizagem. Ao tentar encontrar soluções para os problemas com que se depara, o professor reflete e essa reflexão pode ser feita através de narrativas, ou em colaboração com outros professores. Isto implica que ele tenha de ser continuamente supervisor ou solicite aos colegas que o supervisionem de forma sistemática ou consoante a sua disponibilidade, possibilitando que nessa prática se reveja e possa ver o resultado do seu trabalho e o desempenho das suas funções, de forma mais satisfatória e mais dignificante, pois tem alguém que o ajuda e o apoia, com quem discute e analisa novas estratégias, e metodologias, corrigindo vícios que não se apercebe que adquiriu.

A Investigação sobre a prática pode ser definida como uma reflexão que o investigador faz sobre a sua própria prática, de forma a ajudá-lo a compreender os problemas que se colocam nos campos de trabalho onde intervém como profissional (Ponte, 2011).

2.2. Autorregulação

Segundo Klenowski (2002), a autorregulação envolve a consciencialização da aprendizagem e o autoconhecimento, nomeadamente através de instrumentos de autorregulação.

Tudo aponta para a necessidade de desenvolver e implementar metodologias de aprendizagem que permitam ao aluno envolver-se na planificação e monitorização da construção do seu conhecimento, adotando uma postura reflexiva e desenvolvendo um olhar crítico sobre o que foi feito, como foi feito, sobre as aprendizagens realizadas e as dificuldades sentidas, com o objetivo de encontrar estratégias individuais ou de grupo que lhe facilitem ultrapassar as dificuldades sentidas.

Segundo Santos (2003), aquilo a que chamamos conhecimento não tem e não pode ter o propósito de produzir representações de uma realidade independente, mas tem, antes, uma função adaptativa. A realidade objetiva é algo que não existe, uma vez que todos temos dela uma visão, necessariamente diferente da dos outros. É nesta ideia que se baseia o construtivismo.

Através do pressuposto que aprender não é o resultado do desenvolvimento, aprender é desenvolvimento, o construtivismo como teoria psicológica tem sido aplicado às práticas educativas. Assim, a escola deverá criar oportunidades para que os alunos coloquem as suas próprias questões, e momentos em que façam a gestão das suas hipóteses e modelos, e testem a sua validade. A escola deverá ser um local onde se estimula a capacidade de resolução de problemas, em contextos com significado, realistas, permitindo aos alunos explorar e gerar possibilidades, esclarecendo e discutindo as contradições encontradas.

O ambiente de aprendizagem deve, segundo Coll et al. (2001), criar condições para que esta atuação heurística se processe, e assim se opere a construção e reconstrução do conhecimento.

De acordo com Novak et al. (1999), uma das finalidades da pedagogia construtivista é assegurar um ambiente de aprendizagem o mais rico possível, motivador, modificável e transformador. Os aprendizes não são páginas em branco ou recipientes à espera de serem cheios. Pelo contrário, encontram-se

cheios de conhecimentos adquiridos, aptidões, motivações e outras características, que interatuam com os novos conhecimentos com que entram em contacto.

De acordo com os pressupostos anteriores, a aplicação do paradigma construtivista em contextos educativos justifica-se devido à importância da aprendizagem através da partilha de interesses e ideias, pela discussão das compreensões individuais com as dos restantes intervenientes no processo dinâmico da aprendizagem, resultando na valorização da autonomia e de uma forma de conhecimento inerente a um tipo de aprendizagem que contribui para o aparecimento de uma variedade de estratégias com particularidades e especificidades próprias, centradas na autoaprendizagem e na aprendizagem colaborativa.

A aprendizagem colaborativa engloba um conjunto de processos de ensino que partem da organização da turma em grupos de trabalhos, mistos e heterogéneos, constituídos por um pequeno número de elementos, que trabalham em conjunto de forma colaborativa, para resolverem tarefas que levam à aquisição de conhecimentos (Moreira, 2001).

Na escola atual, já há alguns anos que se trabalha o desenvolvimento de capacidades colaborativas e de socialização que permitem a construção do conhecimento, tendo por base o princípio de aprender a aprender e o princípio da partilha, do respeito e a valorização do trabalho de todos.

2.3.Tutoria de Pares

A Tutoria de Pares é definida por Edward E. Gordon (2005, p.1), como um *“método de instrução em que um aluno é considerado tutor, assistindo pedagogicamente em matérias em que o mesmo é um “expert”, a um outro aluno considerado iniciante e que designamos como sendo o tutorado”*.

Indicam-se como objetivos específicos:

- Estabelecer o grau de conhecimento dos alunos sobre a tutoria de pares;
- Identificar as expectativas dos alunos face à tutoria de pares;
- Evidenciar o papel da tutoria de pares na superação de dificuldades;
- Indagar reações dos alunos perante a tutoria de pares;
- Envolver os alunos na regulação da sua própria aprendizagem;
- Determinar as dificuldades sentidas na tutoria de pares;

- Identificar fatores que condicionam a implementação da tutoria de pares;
- Determinar as potencialidades da utilização da metodologia da tutoria de pares;
- Desenvolver o conhecimento profissional e a capacidade de intervenção da professora no âmbito da tutoria de pares.

A Tutoria entre Pares permite ouvir, orientar no percurso escolar, apoiar na orientação escolar, apoiar na integração escolar, educar para os valores (Seabra e Monteiro, 2009).”

“A educação libertadora pressupõe que o aluno tem de participar na apreensão do conhecimento, conquanto se verifica que tanto os alunos como os professores são aprendentes, são sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes.” (Freire, 1996: 46)

2.4. Pedagogia para a autonomia

No 1.º ciclo do ensino básico é muito comum encontrarmos os alunos mais avançados a ajudarem, na resolução de problemas, aqueles que apresentam mais dificuldades, assim como ensinam os conteúdos que já dominam, principalmente em turmas constituída por vários grupos de alunos, enquanto o professor se ocupa de outro grupo.

Zabalza (1995:24-25) acredita que, quando os alunos têm que ensinar os colegas, tiram desse ato benefícios semelhantes aos que teriam se eles fossem ensinados por professores. E define aprendizagem colaborativa como sendo um recurso ou estratégia que tem em conta a diversidade dos alunos dentro de uma mesma turma, privilegiando uma aprendizagem personalizada que só será possível se os alunos cooperarem para aprender, em detrimento de uma aprendizagem individualista e competitiva.

O professor define os objetivos do trabalho, toma as decisões sobre o grupo-turma e efetua todos os preparativos necessários, motivando previamente os alunos para uma eficaz execução das tarefas, explicando-lhes os objetivos das mesmas e os procedimentos a adotar para que os alunos alcancem o sucesso. Ao professor cabe ainda a função de responder às questões que lhe sejam colocadas e que estejam relacionadas com o desenvolvimento da tarefa.

Nos pressupostos enunciados no Quadro Europeu Comum de Referência (Conselho da Europa, 2002), a autonomia aparece fortemente associada ao conceito de “aprender a aprender”:(...) A aprendizagem autónoma pode ser encorajada se o “aprender a aprender” for considerado parte integral da aprendizagem da língua, de forma a que os aprendentes tomem progressivamente consciência do modo como aprendem, das opções que lhes são oferecidas, e que melhor lhes convém (Conselho da Europa, 2002: 199).

A autonomia aparece consagrada na Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº 46/86, no artigo 2: “O sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos, livres, responsáveis, autónomos e solidários...”. (Diário da República, 1986).

Nas finalidades que apontam e nas metodologias que preconizam, os programas e as orientações curriculares integram diretrizes sobre o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem. No caso do 2º Ciclo do Ensino Básico, prevê-se o seguinte: “Promover a estruturação da personalidade do aluno pelo contínuo estímulo ao desenvolvimento da autoconfiança, do espírito de iniciativa, do sentido crítico, da criatividade, do sentido de responsabilidade e da autonomia.” (Ministério da Educação, s/d: 7)

“As finalidades e objetivos enunciados para o ensino-aprendizagem da língua inglesa no ensino básico, visam o desenvolvimento do aluno não apenas no campo cognitivo mas também nos domínios afetivo, social e moral. Pretende-se, naturalmente, que sejam adotadas metodologias centradas no aluno, que o tornem agente ativo e consciente não só da sua própria aprendizagem como do seu comportamento. A sua aprendizagem será tanto mais significativa, quanto mais os conteúdos e vivências mobilizadas se relacionarem diretamente com as suas, ou com as que conhece, com os seus interesses e as experiências de aprendizagem o mobilizem, não só como aluno, mas também como pessoa com um carácter em formação, e, cada vez mais entregue à escola e cada vez menos em contacto com a família.

Deste modo, se fomenta a motivação e o empenho do aluno, ao mesmo tempo que ele se torna mais responsável e autónomo ao ser chamado a

intervir, a negociar, a tomar decisões e a assumi-las.” (Ministério da Educação, s/d: 40)

Ao longo das últimas três décadas a aplicabilidade do conceito de autonomia na aprendizagem de línguas estrangeiras tem marcado a reflexão e investigação de diversos autores, por se considerar que apenas uma pedagogia para a autonomia pode (...) *“desenvolver alunos mais responsáveis e motivados, com um papel pedagógico reforçado, com poder discursivo, alunos que aprendem a aprender e que mantêm uma postura reflexiva face ao processo de ensino/aprendizagem da língua”* (Vieira, 1998: 40)

Nas duas últimas décadas, a pedagogia para a autonomia tem sido cada vez mais alvo de estudos e projetos, no entanto continuamos a verificar que esta não é uma prática generalizada nas escolas, embora se possa observar que os programas recomendam a utilização de metodologias centradas no aluno, de modo a promover a sua consciencialização do processo de aprendizagem (Martins, 2007).

“Só uma avaliação de carácter eminentemente prospetivo, realizada com a função de interpretar e regular o processo de ensino/aprendizagem, permite um reajuste constante na (inter)ação pedagógica e o desenvolvimento da capacidade do aluno gerir a sua aprendizagem: identificar as suas dificuldades e necessidades, refletir sobre elas e encontrar estratégias eficazes para a resolução dos seus problemas” (Vieira, 1993:36).

No seguimento dos pressupostos que vêm sendo mencionados, o processo educativo deverá ser orientado de forma a maximizar a aprendizagem do aluno promovendo a autorregulação dos comportamentos (valores e atitudes) e dos conhecimentos.

“Num discurso promotor da autonomia, o professor coloca questões à turma, possibilitando a diversificação das intervenções, o que é ainda reforçado pelo trabalho de pares e de grupo. A interação entre o professor e os alunos torna-se mais fluida. O erro passa a ser encarado como fonte de negociação e aprendizagem, devendo a reposição da resposta correta envolver a colaboração direta do aluno” (Martins, 2007:20).

Preconiza-se, pois, um envolvimento efetivo do aluno na construção das competências de regulação da sua aprendizagem, a qual pode ser favorecida pela tutoria de pares.

Sempre que o docente sente que o contexto da educação se modifica, e se sente insatisfeito com o seu trabalho e os resultados obtidos pelos alunos é imperioso que verifique as sua prática face aos novos desenvolvimentos e assuma estratégias e procedimentos que se coadunem com os mesmos, ao invés de resistir a uma mudança irreversível e à qual o modelo tradicional já não dá resposta.

2.4. Auto supervisão

A auto supervisão é uma dinâmica semelhante à supervisão *como a orientação da prática pedagógica que não deve terminar com a profissionalização, mas prolongar-se sem quebra de continuidade na tão falada e tão pouco considerada “formação contínua”*. Ou seja, a dinâmica da supervisão deve continuar através da *autosupervisão* ou da supervisão realizada no seio do grupo dos colegas (Alarcão e Tavares, 2003).

O diário crítico reflexivo e as narrativas dialógicas, enquanto estratégias enquanto estratégias de supervisão clínica reflexiva, permitem compreender o modo como os escreventes desenvolvem formas de indagação sobre o seu pensamento e ação, de modo a favorecer a construção reflexiva crítica e colaborativa na (re)construção de identidade profissional (Moreira, 2011)

O diário individual crítico reflexivo prende-se com a escrita sobre a prática desenvolvida pelos praticantes. Neste trabalho, o estudo do diário individual como ferramenta para a reflexão crítica tem um papel importante, na medida em que nos permite entender as atividades educativas realizadas no contexto em que foi desenvolvido, através das descrições levadas a cabo, que podem conduzir, após reflexão, à compreensão e transformação da ação. Por outras palavras, o diário individual crítico reflexivo parece-nos uma ferramenta para a construção interna da reflexão crítica, para a transformação do indivíduo, uma vez que, através dele, o sujeito tem a oportunidade de escrever sobre a sua ação concreta e também sobre teorias formais estudadas. Além disso, pela sua característica escrita, o diário permite um distanciamento e organização do pensamento que poderá servir como contexto para a reflexão crítica.

Acima de tudo, o diário e as narrativas dialogadas constituem instrumentos para análise da reflexão crítica pelas suas características discursivas, que permitem a reflexão crítica e auxiliam a reconstrução interna dessa reflexão. A escolha do diário e das narrativas dialogadas como elementos importantes para a reflexão crítica, prendem-se com a convicção de que, através da sua análise, interpretação e conseqüente revisão da ação, conduzem o docente à autosupervisão. No entanto, se estes escritos forem partilhados e comentados poderão ganhar outra dimensão e promover a evolução do estudo noutros sentidos ou serem reforçados positivamente.

“A sujeição da escrita pessoal a um (ou mais) comentário(s) de ‘amigos críticos’ faz com que o processo de ‘revelação’, muito próprio da escrita, não se torne num exercício narcísico ou autista, com pouca ou nenhuma implicação para a mudança da teoria e da prática educativa” (Moreira, 2011:30).

2.5. Estratégias supervisivas

Em Alarcão & Canha (2013:19), a supervisão é definida como *“um processo de acompanhamento de uma atividade através de processos de regulação que são enquadrados por um referencial e operacionalizados em ações de monitorização em que a avaliação está obviamente presente”*.

“A Supervisão implica uma visão de qualidade, inteligente, responsável, livre, experiencial, acolhedora, empática, serena e envolvente de quem vê o que se passou antes, o que se passa durante e o que se passará depois...” (Mintzberg, cit. por Alarcão e Tavares, 2003:47).

A Supervisão permite passar duma atitude de exclusiva reprodução, à transformação, através da indagação e intervenção crítica, da democraticidade, dialogicidade, participação e emancipação (Vieira, 2011), apontando para uma “satisfação espiritual”.

A supervisão pedagógica desenvolve-se no “terreno profissional”. Tem como objetivo a identificação de lacunas entre a teoria e as exigências profissionais e conduz à melhoria das práticas. Podem utilizar-se de modo combinado variadas técnicas de formação. É uma estratégia de formação usada nas diferentes etapas do desenvolvimento profissional (antes da profissionalização, no 1.º ano de profissão e ao longo da carreira), que visa a análise e superação

de problemas. Requer cooperação entre pelo menos dois profissionais, sendo que, à partida, um deles deve ser reconhecidamente mais experiente, competente e eficiente, de acordo com a perspectiva de Alarcão e Tavares (2003).

Um bom supervisor desenvolve o seu trabalho sempre numa perspectiva re(id)realista, partido do real, mas trabalhando no sentido do ideal.

Ao pensarmos em supervisão pedagógica; relacionamo-la com a observação de aulas, enquanto estratégia privilegiada de recolha de informação sobre a ação docente e pensamos imediatamente nos vários cenários de supervisão e na sua evolução ao longo dos tempos.

Alarcão e Tavares (2010) defendem que o tipo de supervisão depende em, grande parte, das escolhas que se fazem, e da visão que se tem sobre a prática de supervisão. Referem-se nove cenários de supervisão, mas, estes não devem “ser entendidos como compartimentos estanques ou categorias que se excluem mutuamente, já que coexistem com frequência” (2010:17).

Segundo Onofre (1996), seja qual for o cenário supervisivo e os critérios adotados na sua definição, o grande objetivo será sempre a melhoria das condições de desenvolvimento profissional dos professores.

Enunciamos, seguidamente, uma breve descrição dos nove cenários de supervisão identificados, por Alarcão e Tavares (2010).

- Cenário da imitação artesã – neste cenário os professores praticavam-na com o mestre, o modelo, aquele que se achava ser o bom professor, limitando-se a reproduzir, por imitação, o que o mestre fazia.
- Cenário da aprendizagem pela descoberta guiada – “assentava na ideia da existência de bons modelos e na perpetuação dessas qualidades através da imitação.” (Alarcão e Tavares, 2010:20).
- Cenário Behaviorista – Devido à grande dificuldade de encontrar bons modelos de professores, propunha-se “identificar as competências de maior utilidade para um jovem professor e de desenvolver um programa de treino dessas mesmas competências” (Alarcão e Tavares, 2010:21). Surge então o

microensino que assenta na ideia de que todos os professores executam determinadas tarefas da mesma forma.

- Cenário Clínico – O modelo da supervisão clínica foi desenvolvido por Cogan, Goldhammer e Anderson. Estes três investigadores resolveram experimentar um modelo em que o professor fosse o agente dinâmico, enquanto o supervisor o ajudaria a analisar, questionar e refletir o seu próprio ensino. Segundo Cohen (2012), a supervisão clínica numa perspetiva original surge, em 1980, com Goldhammer, centrada na observação e análise colaborativa, com o objetivo de melhorar a prática educativa através de ciclos de observação. Segundo Alarcão (1982:153), a “supervisão clínica é uma forma de supervisão de professores cujo objetivo principal consiste em melhorar o ensino dos professores e a aprendizagem dos alunos através de uma análise conjunta dos fenómenos ocorridos na sala de aula e levada a cabo pelo professor e pelo supervisor.” Em Sá-Chaves e Amaral (2000), a principal característica que distingue este cenário é o papel do supervisor, que se assume como o facilitador da reflexão, ajuda na identificação e na planificação de resolução de problemas com base na colaboração. Quando se pretende formar professores reflexivos, faz todo o sentido envolver a sua formação inicial num cenário de supervisão clínica. A este modelo de supervisão está ligado um supervisor que tem como principal objetivo “ajudar o professor em formação a melhorar o seu ensino” (Alarcão, 1982), sendo “um facilitador da aprendizagem do professor” (Amaral et al, 1996). “A supervisão clínica atua de dentro para fora, pondo o acento na observação e reflexão do próprio ensino e na colaboração e entreaajuda dos colegas.” (Alarcão e Tavares, 2010:118). A Supervisão clínica é “centrada na observação e análise colaborativa das práticas de ensino e aprendizagem com o objetivo de as melhorar” (Vieira e Moreira, 2011:29).

- Cenário Psicopedagógico – Stones, (citado por Alarcão e Tavares, 2010:34) “defende a tese de que fazer supervisão é ensinar. Ensinar os professores a ensinar”. O principal problema deste contexto é determinar como passar do “saber” ao “saber-fazer”, e para isso sugere que entre a aquisição de conhecimentos e o ato pedagógico, o futuro professor passe por uma fase de observação, definindo a formação inicial psicopedagógica dos professores em três fases: conhecimento, observação e aplicação. O mesmo autor, citado por

Alarcão e Tavares (2010:31), sugere então um ciclo de supervisão baseado em planificação, interação e avaliação.

- Cenário Pessoalista – Neste cenário, vários autores defenderam a ideia da importância do desenvolvimento da pessoa do professor, baseando-se no autoconhecimento e no autodesenvolvimento. Alguns autores como Glassberg e Sprinthall (citados por Alarcão e Tavares, 2010) baseiam-se nas teorias de Piaget e defendem que os programas de formação de professores devem estar de acordo com o grau de maturidade psicológica dos formandos. Nesta perspetiva, segundo Alarcão e Tavares (2010), não é só importante a objetividade da observação, mas as perceções e sentimentos dos intervenientes aquando da observação. Devem então organizar-se experiências que levem os professores a refletir sobre elas e suas consequências.

- Cenário Reflexivo – segundo Alarcão e Tavares (2010:35), esta abordagem “combina ação, experimentação e reflexão sobre a ação, ou seja, reflexão dialogante sobre o observado e o vivido segundo uma metodologia do aprender a fazer fazendo e pensando, que conduz à construção ativa do conhecimento gerado na ação e sistematizado pela reflexão.” Defendido, primeiramente por Schön, baseia-se numa abordagem reflexiva na formação de professores, no valor da reflexão “na ação” e “sobre a ação”, sempre com o objetivo da construção do conhecimento profissional. O conhecimento na ação, passa pelo diálogo com a situação, e a forma como os vários tipos de reflexão têm um papel importante no desenvolvimento da *artistry*:

- reflexão na ação, ao longo da ação, dando origem a reformulações práticas no momento;
- reflexão sobre a ação, retrospectiva da ação, reconstrução mental;
- reflexão sobre a reflexão na ação, visitar a ação passada de forma a delinear a ação futura.

Zeichner (citado por Alarcão e Tavares, 2010) foi também um grande impulsionador da formação reflexiva de professores, defendendo que a abordagem reflexiva desenvolve a capacidade emancipatória no professor através do exercício da auto supervisão.

- Cenário Ecológico – este é um cenário de supervisão, baseado no desenvolvimento humanista e construtivista em ambiente interativo, também de cariz reflexivo. Este cenário centra-se na dinâmica do processo que se estabelece na interação entre o indivíduo que se encontra em constante aprendizagem e o meio envolvente em constante transformação (Alarcão e Tavares, 2010). Segundo os autores referenciados, a supervisão aparece com a função de proporcionar e gerir experiências diversificadas, em contextos diferentes, aos futuros professores. Nesta perspetiva, existem três fatores essenciais ao desenvolvimento humano e profissional: atividades, papéis e relações interpessoais, mas também a natureza dos contextos e relações.
- Cenário dialógico – Waite, citado por Alarcão e Tavares, 2010, descreve-nos este cenário como consistindo num processo em que se atribui à linguagem e ao diálogo crítico um grande papel no desenvolvimento profissional dos professores, implicando a análise do discurso dos professores como revelador das teorias em uso.

Os modelos puros, atualmente, não são utilizados recorrendo-se a modelos mistos ou combinações de vários cenários.

Para a operacionalização do processo de supervisão é imprescindível o planeamento: traçar objetivos e definir os processos e instrumentos a utilizar.

Relativamente à observação, é importante decidir o processo de recolha de informação a utilizar, recorrendo a estratégias e instrumentos que permitam a descrição objetiva do real, com finalidades específicas e pré-determinadas.

Quanto à atitude do observador, é necessário escolher entre as várias formas de observação, a que se adequa melhor à situação e ao perfil do supervisor e do docente observado. Numa situação de supervisão da prática de um docente com vários anos de experiência, poderemos focalizar a observação num constrangimento detetado que se pretende ultrapassar.

Quanto ao processo de observação, poderá ser ocasional ou contínua consoante a situação, e armada ou instrumental se a observação é registada (de forma rápida e imediata), em um qualquer suporte, de acordo com uma grelha de observação, ou desarmada quando o observador não utiliza instrumentos de registo, sendo a observação realizada de modo descritivo.

Ao referir processos de observação de aulas é indispensável mencionar a perspetiva original (Goldhammer et al. 1980), centrada na observação e análise colaborativa da prática educativa, com o objetivo de a melhorar, operacionalizada através de ciclos de observação, o tradicional modelo de supervisão clínica e a perspetiva crítica (Smyth, 1989 e1997).

“Seja qual for o tipo de observação e dos dados recolhidos, o objetivo da análise dos dados é sempre o mesmo: transformar a complexidade dos dados em bruto numa representação clara, sempre que possível visualizada, dos dados significativos”. (Alarcão e Tavares, 2003:97).

O professor e o supervisor devem construir e reconstruir juntos, adequada, objetiva e validamente os instrumentos de registo da observação. O ideal seria combinarem-se avaliações qualitativas e quantitativas.

Finalidades da observação das aulas:

- Diagnosticar os aspetos do conhecimento e da prática profissional a melhorar;
- Adequar o processo às características e necessidades específicas do professor;
- Estabelecer as bases para uma tomada de decisão fundamentada sobre o processo de ensino e aprendizagem;
- Avaliar a adequação das decisões curriculares efetuadas pelo professor e, eventualmente, sugerir abordagens ou percursos alternativos;
- Proporcionar o contacto e a reflexão sobre as potencialidades e limitações de diferentes abordagens, estratégias, metodologias e atividades;
- Desenvolver diferentes dimensões do conhecimento profissional do professor.

REGISTOS DE OBSERVAÇÃO

- Tirar notas, registos descritivos;
- Fichas de observação – registo da frequência com que um comportamento ou atitude ocorre;

- Listas de verificação – registo da presença ou ausência de comportamentos, características ou atitudes;
- Escalas – registo da intensidade, frequência ou qualidade de comportamentos, atitudes ou características.

A observação pode recair em um ou múltiplos aspetos: atitudes do aluno, atitudes do professor, interações na sala, gestão do espaço, do tempo, rigor na abordagem dos conteúdos, utilização dos recursos e pode assumir a forma que mais se adequa ao perfil dos intervenientes.

Este momento, a observação da aula, completa as decisões tomadas no primeiro, a pré-observação, incluindo em si um imediato reinício do processo, com o objetivo de aperfeiçoar. Assim, ambos deverão “refletir sobre o seu ‘eu’ de professor”, sobre tudo o que se passou na interação triangular e “alterar, se necessário, algo que não esteja em consonância com a sua função de agente de desenvolvimento e de aprendizagem.” Deverá ser ativo no procedimento. O supervisor deverá colaborativamente “ajudar a refletir, a interpretar, a ver a realidade por detrás de números, categorias, incidentes e descrições”. (Alarcão, 2003: 98).

Após a observação, supervisor e supervisionado, com base na grelha adotada, devem proceder a uma reflexão individual, preferencialmente escrita.

Na reunião pós-observação realiza-se a discussão da aula observada, de acordo com as dimensões da grelha, procedendo-se a uma reflexão conjunta, em que o supervisor deve ajudar o professor a refletir e a interpretar a realidade, utilizando os dados que recolheu e analisou, com vista à melhoria e desenvolvimento pessoal e profissional. Definem-se prioridades para as próximas observações e podem negociar-se metas de aprendizagem e de melhoria das práticas.

De acordo com Reis, P. (2011), o sucesso e a eficácia deste tipo de reuniões poderá estar relacionado com diversos fatores, nomeadamente:

- O tempo decorrido entre a observação e a reunião (deverá ser cerca de um ou dois dias depois da observação);
- O local da reunião (poderá ser na sala onde ocorreu a observação, mas não deverá ser no gabinete da direção);

- O estabelecimento de diálogo (o diálogo franco, aberto, que potencie a comunicação e a emancipação do supervisionado);
- A qualidade do feedback (as observações do supervisor devem ser pistas que conduzam à melhoria da prática).

Caso o ciclo esteja terminado, o supervisor elabora o relatório sobre o ciclo de observação e procede ao arquivo dos documentos do ciclo de observação.

O processo deve ser sempre colaborativo e o trabalho assíncrono e à distância pode ser potencializado e aproveitado, através do recurso à internet e a ferramentas da Web 2.0, o que poderá facilitar a partilha de documentos, nomeadamente de reflexões, narrativas dialogadas e relatórios.

Os princípios da indagação crítica, intervenção crítica, democraticidade, participação e emancipação, devem estar presentes em todos os momentos da supervisão, que deve ser sempre encarada de um modo re(id)ealista, partindo sempre do real em direção ao ideal, numa contínua busca da melhoria profissional.

Devemos, ainda, pensar em variados tipos de estratégias supervisivas a implementar pelo docente: autoquestionamento/autoavaliação, diálogo reflexivo, análise documental, inquérito, observação de aulas, narrativas profissionais, portefólio de ensino e investigação-ação. Os registos reflexivos, são a forma privilegiada de recolha de informação, que poderão ter a forma de diário reflexivo, notas de campo, questionários/guiões, gravações, grelhas, questionários e entrevistas, enquanto metodologias de construção de conhecimento sobre a prática. (Vieira e Alarcão, 2011:29)

“O processo de supervisão não pode, de qualquer forma, ser encarado desprendido do desenvolvimento e da aprendizagem do supervisor, do formando e dos alunos” (Alarcão e Tavares, 2010:47).

Citando (Alarcão e Tavares, 2010:120), não devemos esquecer que o “fulcro da atividade reside na colaboração que se manifesta no encontro de colegas que, numa atitude não avaliadora, se debruçam sobre os dados colhidos durante uma observação”, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino, os resultados dos alunos.

(Alarcão e Tavares, 2010:121), defendem a supervisão clínica como forma de formação contínua, apoiando a teoria de Smyth, que dá um valor inestimável à autoavaliação, aliada à observação e reflexão de outro colega.

“A supervisão da prática pedagógica emerge... como uma auto e hétero supervisão comprometida e colaborante em que os professores se entreadjudam e desenvolver-se e a melhorar o seu próprio ensino.” (Alarcão e Tavares, 2010:129).

3. Metodologia

Neste capítulo, descrevem-se os procedimentos utilizados para atingir os objetivos do trabalho. Começa-se com uma descrição sumária do estudo, passando-se depois à caracterização dos docentes e alunos participantes e à dos instrumentos de recolha de informação, com os procedimentos.

Na implementação desta investigação sobre a prática educativa, privilegiámos a observação, instruídos por aquilo que os agentes mais diretos (supervisores/observadores e alunos) fizeram, pensaram, verbalizaram e sentiram, valorizando as suas opiniões e perceções sobre os fenómenos. Investigámos para agir, refletir na ação e sobre a ação, para reformular, para novamente agir sendo nossa vontade que este processo só terminasse quando o objetivo estivesse atingido.

Após a definição da problemática do estudo, definidas as questões de investigação e conhecido o ponto da situação, os procedimentos metodológicos desta primeira fase da investigação encaminharam-se, principalmente, para a análise dos dados recolhidos pela diretora de turma e os resultados do teste diagnóstico. Subsequentemente, solicitou-se a colegas que observassem as aulas da investigadora de forma formativa.

Pretendia-se que realizassem observações com o objetivo de compreender a dinâmica dos processos, estabelecer os pontos fortes e apresentarem sugestões de melhoria, que poderiam, além do mais, facilitar a construção de instrumentos de recolha de dados para as etapas posteriores e apontar estratégias específicas que contribuíssem para a resolução do problema.

Vieira (1995) aponta para a criação de condições que evidenciem uma orientação reflexiva de formação e que favoreçam uma pedagogia para a autonomia em contexto de ensino aprendizagem.

Paralelamente, e porque as informações recolhidas até ao momento eram insatisfatórias, recorreremos a entrevistas aos alunos. Após a análise destes dados, a professora investigadora definiu uma série de estratégias a aplicar, passou à ação e abriu as portas aos colegas que vieram assistir às aulas, com um espírito de alegria e boa vontade, pois estavam a colaborar para que a investigadora pudesse melhorar os resultados dos alunos e, conseqüentemente,

a sua prática profissional, numa atitude emancipadora e (re)construtiva, disposta a desconstruir, se necessário fosse.

Torna-se evidente a importância da formação de profissionais reflexivos, flexíveis, dinâmicos, capazes de solucionar problemas relacionados com a sua prática pedagógica e tomar decisões educativas contextualizadas, fundamentadas e criticamente refletidas (Schön, 2000).

Os pressupostos norteadores desta investigação tiveram por base este pensamento, que privilegia, entre outros aspetos, o desenvolvimento profissional como um processo contínuo, em que os docentes se envolvem em dinâmicas colaborativas, centradas em questões que emergem dos contextos de prática. A investigação é considerada uma atividade que segue, de perto a atividade docente, onde cada vez mais se atenua a separação que ainda existe entre o mundo dos professores-pesquisadores e o mundo dos pesquisadores académicos (Zeichner, 1998). Neste sentido, a prática dos professores é considerada o elemento central do processo investigativo, valorizando-se a investigação *com* os professores em detrimento da investigação *sobre* os professores (Moreira, 2005).

Neste estudo, coadunámos a perspetiva de supervisão enfatizada por Vieira (2001a, citada por Moreira, 2005:36), que a associa, principalmente “à tarefa de regulação da prática propriamente dita, independentemente de quem a realiza, supondo sempre a construção, individual ou colaborativa, de uma visão da educação, no que ela é e no que pode vir a ser”.

Além disso, destaca-se como objetivo principal “o desenvolvimento da reflexividade profissional dos professores para a melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos” (Vieira, 2006:15). Nesta perspetiva, faremos uma breve caracterização do processo superviso, realizado por diferentes professores participantes neste projeto, tendo como base as observações semiestruturadas e a análise das evidências produzidas, pelos participantes, por escrito ou oralmente durante as reuniões.

3.1. Problemática

QUESTÃO ORIENTADORA e o ponto de partida

A questão orientadora do estudo foi a seguinte:

Como melhorar os resultados dos alunos da turma X do 5.º ano, de forma a tentar aproximar os resultados destes alunos das metas estabelecidas para a disciplina de Inglês, no Projeto Educativo do estabelecimento de ensino.

Procurou-se compreender as dificuldades na disciplina de Inglês, numa turma de 20 alunos que frequentavam o 5.º ano do ensino básico, numa escola agrupada desde a educação pré-escolar ao 3.º Ciclo do Ensino Básico, no que diz respeito às reações dos alunos, às suas expectativas, às decisões tomadas, às reflexões avaliativas, às dificuldades sentidas, aos obstáculos ultrapassados, aos papéis do professor e do aluno, aos recursos e estratégias utilizados.

O projeto foi desenvolvido numa turma do 2.º Ciclo do Ensino Básico porque é o nível em que a docente investigadora leciona. Pelos motivos acima expostos, e seguidamente devidamente desenvolvidos, decidiu-se realizar uma experiência de investigação sobre a prática. Porque é nossa convicção de que, quanto mais cedo os alunos desenvolverem competências reflexivas e de trabalho colaborativo, entre outras, melhor estarão preparados para a aprendizagem escolar e ao longo da vida.

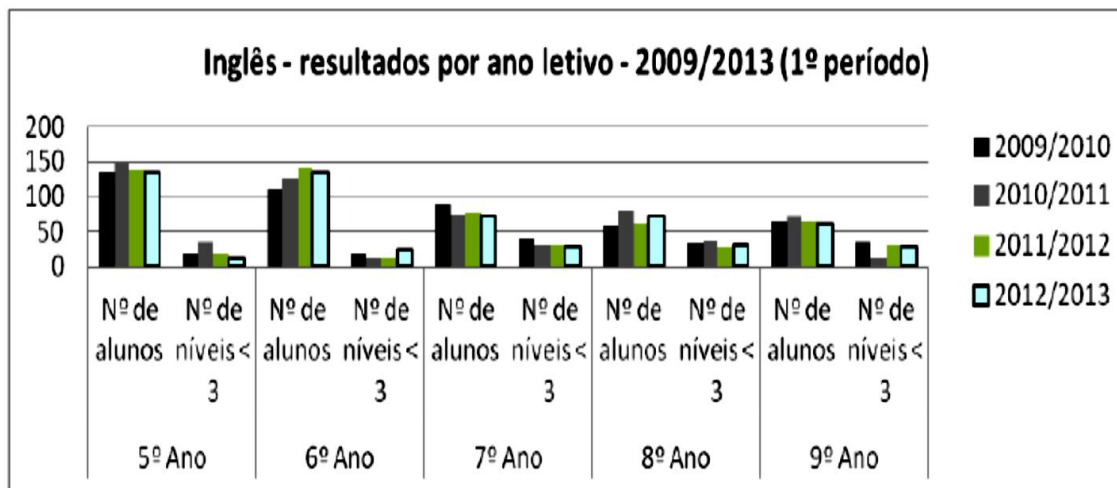
O Ensino Básico deve promover a avaliação predominantemente formativa de caráter sistemático, o que conduz a uma alteração no tradicional desempenho dos intervenientes. O protagonista do processo de avaliação é o aluno, e não apenas o professor, o participante ativo, o que nos deve conduzir a práticas reflexivas de autoavaliação contínua, em que não só o professor, mas principalmente o aluno deve refletir sobre o seu progresso, quer a nível comportamental, quer cognitivo, estabelecendo metas, identificando os seus pontos fracos e os seus pontos fortes, e reformulando a sua estratégia de aprendizagem, sempre que necessário, dialogando e negociando com o professor. Avaliar passa a ser uma tarefa cooperativa de negociação, através da qual se torna possível o reajuste das conceções e das práticas de professores e alunos, devendo-se recorrer a outros instrumentos de avaliação para além dos testes, nomeadamente questionários e grelhas de autorregulação (Vieira & Moreira, 1993).

Este estudo baseou-se na turma X do 5.º ano que apresentou, nos testes diagnósticos de setembro, taxas de sucesso inferiores ao nível 3, na ordem dos 26,4%, como se pode verificar no quadro 1 (retirado do relatório periódico de

acompanhamento ao PEE, elaborado pelos elementos da 3.^a secção do Conselho Pedagógico, do qual a docente investigadora era membro), resultados que nos deixaram muito insatisfeitos e com vontade de perceber melhor este problema para se tentar dar um contributo no sentido de melhorar os resultados destes alunos, e, entusiasmar outros colegas a procurarem caminhos, diferentes dos habituais, para tentarmos ajudar os nossos alunos a melhorar os seus resultados na disciplina de Inglês, logo na base, para que gradualmente se atenua a diferença de resultados, e dotarmos os nossos docentes de armas diferenciadas para se auto dignificarem e melhorarem os seus níveis de segurança no trabalho que executam.

INGLÊS (2º E 3º CEB) – RESULTADOS DO 1º PERÍODO (2009/10 a 2012/13) Quadro 1

	5º Ano			6º Ano			7º Ano			8º Ano			9º Ano		
	Nº de alunos	< 3		Alunos	< 3		Alunos	< 3		Alunos	< 3		Alunos	< 3	
		Nº	%		Nº	%		Nº	%		Nº	%		Nº	%
2009/2010	135	19	14,1%	111	20	18,0%	89	40	44,9%	75	33	44,0%	64	35	54,7%
2010/2011	148	36	24,3%	125	13	10,4%	74	31	41,9%	78	38	48,7%	71	13	18,3%
2011/2012	139	20	14,4%	141	11	7,8%	77	30	39,0%	60	28	46,7%	65	31	47,7%
2012/2013	135	13	9,6%	133	24	18,0%	72	29	40,3%	73	30	41,1%	61	29	47,5%



De referir que estes alunos iniciaram o estudo da Língua no 1.º ano do 1.º ciclo, a título opcional e gratuito, fazendo parte da oferta de Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) do Agrupamento, o que produziu três situações diferenciadas:

- Alunos que frequentaram, com aproveitamento, todos os anos de Inglês, que lhes foram proporcionados ao longo do 1.º ciclo, com classificações entre Insatisfaz, Satisfaz e Satisfaz Bem.

→ Alunos que frequentaram a disciplina de Inglês apenas durante alguns anos, alguns períodos ou alguns dias, e que poderão ter tido ou não classificação satisfatória no 4º ano.

→ Alunos que nunca frequentaram as AEC de Inglês.

A título de curiosidade, relata-se que a frequência de Inglês num determinado ano com Insatisfaz, ou a não frequência da AEC de Inglês num certo ano de escolaridade não tem precedentes para a frequência do ano seguinte, ao longo do 1.º ciclo, e de apesar de não haver um Programa, existem orientações programáticas de inglês do 1.º ciclo, que, no nosso caso, têm sido coordenadas por uma colega de Inglês de 2.º ciclo, de forma a assegurar a coordenação da disciplina no 1.º ciclo, e a trabalhar em articulação com o 2.º ciclo de escolaridade.

3.2. Objetivo do estudo – geral e específico

O estudo enquadrou-se na didática da língua estrangeira e centrou-se na implementação das estratégias referidas, numa perspetiva otimista.

Os alunos deste Agrupamento têm resultados escolares fracos. As disciplinas de Português, Matemática e Inglês são aquelas em que há uma maior incidência de resultados inferiores ao nível 3. O insucesso aumenta exponencialmente ao longo do 3.º ciclo, e o abandono neste ciclo tem taxas assustadoras, ao que a escola e as entidades competentes parecem não conseguir fazer face de forma que satisfaça os docentes, apesar de não cruzarem os braços, e se multiplicarem na aplicação de Projetos, tais como o EPIS, FÉNIX, Turma Mais, e outros.

O objetivo deste trabalho foi melhorar os resultados dos alunos da turma X do 5º ano, de forma a dar resposta a um dos problemas identificados no Projeto Educativo deste estabelecimento de ensino e tentar aproximar os resultados destes alunos das Metas estabelecidas para Inglês. Para tal, era necessário conhecer melhor os alunos, as suas perceções da escola, da disciplina de Inglês, os seus hábitos e métodos de estudo, para implementar práticas que os levassem a refletir sobre as causas do seu insucesso e possibilitassem motivá-

los, envolvê-los no processo de ensino-aprendizagem e modificar a sua atitude e valoração do Inglês como disciplina.

O objetivo deste projeto de investigação teve como pressuposto a aceitação de que é pertinente a experimentação de novas metodologias e de que o desempenho do docente e os resultados dos alunos, como estudantes de língua estrangeira, podem sair beneficiados.

O estudo enquadrou-se, no campo da autosupervisão, mediante as reflexões efetuadas, quer através do diário do docente, como das narrativas dialogadas estabelecidas com os docentes supervisores e, no da supervisão pedagógica, centrada na observação, reflexão, análise, discussão, experimentação e avaliação de práticas, de forma colaborativa e reflexiva, ao longo de dois ciclos supervisivos.

Este estudo de investigação sobre a ação educativa do professor investigador utilizou uma metodologia do tipo descritivo e interpretativo, reflexivo e colaborativo, no qual se tentou recolher dados através de instrumentos diversificados, nomeadamente no âmbito do estudo da problemática e definição do perfil dos alunos, e também na autorregulação dos comportamentos e das aprendizagens, bem como na regulação do desempenho dos alunos, mediante a implementação da tutoria de pares.

3.3. Tipo de estudo

De acordo com Ponte (2002), este trabalho, pelas suas características, metodologias adotadas, sujeitos participantes e âmbito do estudo, insere-se numa investigação sobre a prática educativa, pois trata-se de uma investigação sobre a nossa própria prática.

“A investigação dos profissionais sobre a sua prática pode ser importante por várias as razões. Antes de mais, ela contribui para o esclarecimento e resolução dos problemas; além disso, proporciona o desenvolvimento profissional dos respetivos atores e ajuda a melhorar as organizações em que eles se inserem; e, em certos casos, pode ainda contribuir para o desenvolvimento da cultura profissional nesse campo de prática e até para o conhecimento da sociedade em geral” (Ponte, 2002:1).

De acordo com o mesmo autor, foi este o tipo de investigação a utilizar, uma vez que a finalidade é, primeiramente, clarificar os problemas e, num segundo momento, encontrar as estratégias de ação mais adequadas.

3.4. Sujeitos/Amostras/Participantes

3.4.1.- O meio onde nos situamos (dados recolhidos e adaptados a partir do PEA)

O Agrupamento Vertical de Escolas em estudo situa-se num concelho, que faz parte do distrito de Setúbal, e, juntamente com outros concelhos faz parte da sub-região do Alentejo Litoral, NUT III. A sua população residente ronda os 15 mil habitantes, distribuídos por 6 freguesias.

Este município possui um grande potencial de desenvolvimento ao qual está associado a extensão da sua costa, o seu território rural e florestal e a sua beleza natural. Por isso, os investimentos previstos ou em execução no concelho potenciam um crescimento significativo ao nível da empregabilidade e da conseqüente fixação da população, ainda que não se tenha refletido num aumento de discentes.

Atualmente, a população ativa está distribuída pelos seguintes sectores de atividade (INE, 2001):

- Sector Primário – 13%; - Sector Secundário – 24%; - Sector Terciário – 66%.

O turismo é uma aposta estratégica. Por isso, *“abrem-se para esta terra novas perspetivas de crescimento e os agentes locais, públicos ou privados devem equacioná-las e transformá-las em estratégias de desenvolvimento equilibrado e equitativo para todos os seus habitantes, num esforço de tornar a sociedade local economicamente ativa, socialmente justa e ambientalmente sustentável. Evidentemente, neste contexto, a educação assume uma importância extrema: só com formação de quadros de qualidade a região pode assegurar os objetivos desejáveis”* (Carta Educativa, p. 40).

O Concelho possui vários serviços públicos na área da saúde, da segurança, da proteção, da juventude, da ação social, da justiça, da cultura e da educação.

As mostras e as feiras são atividades em que o Município, as associações de desenvolvimento local e os privados têm apostado. A oferta tem sido diversificada e tem aumentado nos últimos anos. De entre estas, é de salientar a feira franca de Agosto.

O sector privado assiste a algumas dinâmicas inovadoras na agricultura, mas é o sector dos serviços que apresenta um maior dinamismo e é no seu seio que se assiste a um crescendo de atividades associadas ao turismo.

Os espaços culturais e desportivos têm condições bastante satisfatórias e as atividades desenvolvidas pelo município, ou por instituições públicas e privadas, têm sido regulares, inovadoras e primado pela qualidade.

Sendo a educação um vetor estratégico para o município, a oferta educativa e formativa organiza-se numa rede escolar que comporta uma Escola Profissional, uma Escola Secundária e um Agrupamento Vertical de Escolas, estando em curso a fusão da Escola Secundária e do Agrupamento Vertical de Escolas.

3.4.2. - A unidade e as subunidades educativas do Agrupamento

O Agrupamento Vertical de Escolas, com sede na Escola Básica Integrada “X”, comportava uma população escolar que rondava os 1494 alunos, distribuídos pela Educação Pré-Escolar, 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico, Percursos Curriculares Alternativos, Cursos de Educação Formação, Educação e Formação de Adultos e, ainda, um projeto educativo específico que era trabalhado com reclusos de um Estabelecimento Prisional. A abrangência concelhia e a dimensão do território educativo faziam com que, no seio da Direção Regional de Educação do Alentejo, fosse um dos maiores, em extensão geográfica e em número de alunos.

Este Agrupamento resultou de um processo de verticalização ocorrido no ano letivo de 2007/2008. Assim, o Agrupamento Horizontal de Escolas de “X” e a Escola Básica 2/3 “X” deram origem à referida Unidade Educativa. Era um Agrupamento jovem que já se encontrava a iniciar o processo de Mega Agrupamento com a Escola Secundária, denominando-se a partir do 3º período, Agrupamento de Escolas de “X”. Como o processo só se iniciou no final da

nossa investigação todos os dados são referentes ao Agrupamento Horizontal de Escolas de “X” e em particular à Escola Básica 2/3 “X”.

3.4.3. - Pessoal Docente /Não docente /Discentes

Quadro 2 - CONTEXTO INTERNO DO AGRUPAMENTO - Pessoal Docente /Não Docente

AGRUPAMENTO	Nº de Auxiliares de Acção Educativa	Nº de Assistentes de Administração Escolar	Nº de Animadores	Nº de Docentes
TOTAIS	44	9	13	141

(Fonte: Contrato de execução para a transferência de competências para a Autarquia)

Quadro 3 - OFERTA EDUCATIVA E FORMATIVA – Nº de alunos

Escolas	Nº alunos / escola / nível de ensino						Total alunos por escola
	Pré-escolar	1º CEB	2º CEB	3º CEB	CEF	EFA B3	
EB1 D. Jorge de Lencastre		79	311	255	49	10	704
EB1 de Grândola		271					271
EB1 de Cadoços		16					16
EB1 de Lousal		10					10
EB1/JI Água Derramada	21	11					32
EB1/JI Aldeia do Futuro	21	18					39
EB1/JI Aldeia Nova de S. Lourenço	11	17					28
EB1/JI Ameiras de Cima	25	46					71
EB1/JI de Carvalhal	30	64					94
EB1/JI de Melides	14	61					75
EPEI de Azinheira de Barros	4						4
Ji de Grândola	100						100
Ji nº 2 de Grândola	50						50
Ji de Melides	11						11
Totais por nível ensino	287	593	311	255	49	10	1505

(Fonte: DREAlentejo, Rede Escolar 2008/09)

No quadro 2, podemos observar a distribuição do pessoal não docente do Agrupamento, enquanto o quadro 3 nos indica a distribuição dos alunos pelos estabelecimentos de ensino.

Quadro 4- Número de docentes /educadores em exercício de funções /habilitações /tempo de serviço /idade

Ciclo de Educação/Ensino	Número de docentes/educadores em exercício de funções					Habilitação Académica Inicial *		Formação Complementar*			Situação Contratual			Média de anos de serviço	Média de idade
	Total	Homens (H)	% H	Mulheres (M)	% M	B	L	DESE/C ESE	M	D	C	QA	QZP		
Pré-escolar	15	0	0%	15	100%	15	-	14	-	-		11	4	22	47
1.º CEB	36	3	8%	33	92%	25	11	22	3	1	2	33	1	17	42
2.º CEB	30	9	30%	21	70%	7	23	6	1	-	2	28	--	15	44
3.º CEB	41	9	22%	32	78%	3	38	6	2	-	19	22		17	39
Educação Especial	9	2	23%	7	77%	6	3	8	1	-	0	6	3	17	40
Totais	131	23	18%	108	82%	56	75	56	7	1	23	100	8	17,6	42,4

*Bacharelato (B); Licenciatura (L); Diploma de Estudos Superiores Especializados (DESE); Curso de Estudos Superiores Especializados (CESE) Mestrado (M); Doutoramento (D)

O quadro 4 apresenta-nos o número de docentes /educadores, com distribuição por sexo, concluindo-se que 82% eram do género feminino, não havendo, na educação pré-escolar, nenhum educador do género masculino. Todos os docentes tinham, no mínimo, licenciatura, apesar de cerca de metade ter inicialmente bacharelato e completado, posteriormente, as suas habilitações com Diplomas de Estudos Superiores Especializados ou Cursos de Estudos Superiores Especializados. Existiam sete docentes com mestrado e um com grau de doutoramento, que era docente do 1º ciclo. Cem docentes pertenciam ao quadro do Agrupamento, 23 eram contratados e 8 pertenciam ao Quadro de Zona Pedagógica. A média de anos de serviço era de 17,6 anos e a média de idades 42,2 anos. Foi na educação pré-escolar que encontramos os docentes com mais tempo de serviço e média de idade superior.

3.4.4. - Docentes/Técnicos das Atividades de Enriquecimento Curricular

Quadro 5 - Docentes/Técnicos das Atividades de Enriquecimento Curricular

Ciclo de Educação/Ensino	Número de docentes/técnicos em exercício de funções					Habilitação Académica *		Situação Contratual
	Total	Homens (H)	% H	Mulheres (M)	% M	B	L	Regime de Tarefa
1.º CEB	20	4	20%	16	80%	-	20	20

*Bacharelato (B); Licenciatura (L).

No quadro 5 podemos constatar que 80% dos docentes do 1º ciclo que lecionavam as Atividades de Enriquecimento Curricular eram do género feminino. A totalidade possuía licenciatura e trabalhava em regime de tarefa.

3.4.5. -Técnicos Superiores

Total	Homens (H)	% H	Mulheres (M)	% M	Habitação Académica Inicial *		Formação Complementar*			Situação Contratual			Média de anos de serviço	Média de idade	
					B	L	DESE/C ESE	M	D	C	QA	QZP			
Técnicos Superiores	3	0	0%	3	100%	-	3	-	-	-	3	-	-	2.5	31

Existiam três técnicos superiores no agrupamento, como podemos verificar no quadro 6. Eram do género feminino, licenciadas, contratadas, com uma média de 2,5 anos de tempo de serviço e 31 anos de idade.

3.4.6 - Pessoal Não docente

Quadro 7 Assistentes Operacionais

Ciclo de Educação/Ensino	Pessoal Não Docente em Exercício de Funções					Habilitações Literárias				Situação Contratual		Média anos de serviço	Média de Idade
	Total	(H)	%(H)	(M)	%(M)	4.º	6.º	9.º	12.º	CTTC (a)	CTI(b)		
Pré-Escolar	9	0	0%	9	100%	0	1	2	6	5	4	3	40
1.º Ciclo	16	0	0%	16	100%	2	4	7	3	3	13	15	45
2.º e 3.º Ciclo	19	2	10,52%	17	89,48%	4	4	7	4	3	16	16	47
TOTAL	44	2	5%	42	95%	6	9	16	13	11	33	11	44

(a) Contrato de trabalho a termo certo.

(b) Contrato por tempo indeterminado

No quadro sete, verificámos que existiam apenas dois assistentes operacionais do género masculino e que ambos exerciam funções no estabelecimento de 2.º e 3.º ciclo, o que perfazia 95% de mulheres a trabalhar no Agrupamento nesta carreira. A grande maioria tinha o 9.º, ou até o 12.º ano, 29 funcionários, num universo de 44. A média de tempo de serviço era de 11 anos e a média de idades era de 44 anos.

A grande maioria destes dados foram recolhidos a partir do Projeto Educativo. Os dados relativos ao presente ano letivo foram cedidos pelas funcionárias administrativas que colaboraram na recolha dos dados solicitados.

Quadro 8 - Assistentes Técnicos

Ciclo de Educação/Ensino	Pessoal Não Docentes em exercício de funções					Habilitações Literárias				Situação Contratual		Média de anos de serviço	Média de idade
	Total	Homens (H)	% H	Mulheres (M)	% M	4.º	6.º	9.º	12.º	Contrato Termo Certo	Contrato Tempo Indeterminado		
CAF	15	0	0%	15	100%	-	-	1	14	2	13	35	
Serviços administrativos	9	1	11,12%	8	88,89%	0	1	0	8	1	8	19	41,56
Total	24	1	4%	23	96%	0	1	0	22	3	21	27	

O quadro 8 é referente aos Assistentes Técnicos, em que a esmagadora maioria pertencia ao género feminino, sendo quase todos detentores do 12.º ano. A média de tempo de serviço era de 27 anos e a média de idade era de 41,56 anos.

3.4.7. – Alunos- Quadro 9

Ano de escolaridade	Nº de alunos 2009/2010	Nº de Alunos 2010/2011	Nº de alunos 2012/2013
Pré-Escolar	299	280	306
1º ano	143	129	120
2º ano	167	160	155
3º ano	141	149	147
4º ano	150	150	164
5º ano	140	158	151
6º ano	119	125	140
7º ano	94	82	100
8ºano	79	81	83
9ºano	68	78	77
Cursos de Educação e Formação	38	24	12
Educação e Formação de Adultos	6	15	----
Estabelecimento Prisional de Pinheiro da Cruz	50	60	----
Total	1494	1491	1455

Ao observarmos o quadro 9, referente ao n.º de alunos e à sua distribuição por ciclos de escolaridade, verificámos que o n.º de alunos do ensino pré-escolar aumentou, enquanto o número de alunos do 1.º ciclo diminuiu, no 1.º e 2.º anos de escolaridade, para se voltar a verificar um relativo aumento no 7.º ano e um pequeno aumento no 8.º ano. O 9.º ano tem-se mantido relativamente estável. O número de alunos em cursos de Educação e Formação tem vindo a diminuir, no presente ano letivo, só funcionou o último ano de um CEF de Informática, com a respetiva autorização da Direção Regional, apesar de todos os anos o Agrupamento ter uma oferta, que tem sido preterida, pelos alunos, em relação às ofertas da Escola Secundária e da Escola Profissional, vizinhas. Os cursos de Educação e Formação de Adultos deixaram de funcionar, devido ao número de inscritos ser insuficiente, face à legislação em vigor. O Estabelecimento Prisional de Pinheiro da Cruz deixou de ter, no presente ano letivo, uma oferta formativa de 1º, 2º ou 3º ciclos, currículo normal.

Alunos Subsidiados

Número de alunos Subsidiados por ciclo e escalão - Quadro 10

2009/2010	Escalão A	Escalão B	Total	% de alunos
1º ciclo	172	118	290	48,2%
2º ciclo	97	43	140	54,05%
3º ciclo	102	56	158	65,56%
Total	371	217	588	51,62%

2010/2011	Escalão A	Escalão B	Total	% de alunos
1º ciclo	181	122	303	51,53%
2º ciclo	86	61	147	51,94%
3º ciclo	94	47	141	50,35%
Total	361	230	591	51,34%

Os dados apresentados no quadro 10 foram recolhidos através do Projeto educativo do Agrupamento onde se realiza este estudo, mas também por entrevista à funcionária administrativa, responsável pelo setor.

Desde o ano letivo 2011/12 que o n.º de alunos escalonados reduziu substancialmente, devido aos procedimentos de atribuição de escalão. Se a forma de cálculo anterior tivesse sido mantida, o n.º de alunos subsidiados teria aumentado substancialmente, mas, como no ano letivo 2012/13, a Segurança Social determinou quais os alunos que iriam beneficiar de escalão, foram apenas 117 os alunos que tiveram escalão no 2.º ciclo, sendo que 64 tiveram escalão A e 53 obtiveram escalão B, o que significa que apenas 40, 20% dos alunos de 2.º ciclo beneficiaram deste tipo de apoio.

3.4. 8. Grupos de sujeitos

Os sujeitos que participaram neste estudo dividem-se em duas categorias:

- Sujeitos supervisores;
- Sujeitos objeto de estudo.

Relativamente aos primeiros, foram convidados a participar o diretor do Agrupamento (professor de História e um entusiasta e promotor da supervisão como instrumento formativo dos docentes); a subdiretora (docente de Línguas, na variante de Português/Francês, e também ela uma entusiasta da supervisão formativa, sem fins classificativos e ainda das reflexões pessoais e partilhadas, bem como das narrativas dialogadas) e a antiga Coordenadora do Departamento de Línguas, a aguardar aposentação (docente de Português/Inglês no 2.º ciclo), pela sua enorme experiência profissional. Escolheram-se três por nos parecer um número suficiente de participantes e por estes docentes em concreto serem pessoas com muita experiência e visões diferentes da sala de aula, pela sua formação, pela experiência profissional e disponibilidade mostrada para colaborar nesta Investigação. Obviamente que a disponibilidade e a compatibilidade de horários foram fatores decisivos na escolha dos observadores.

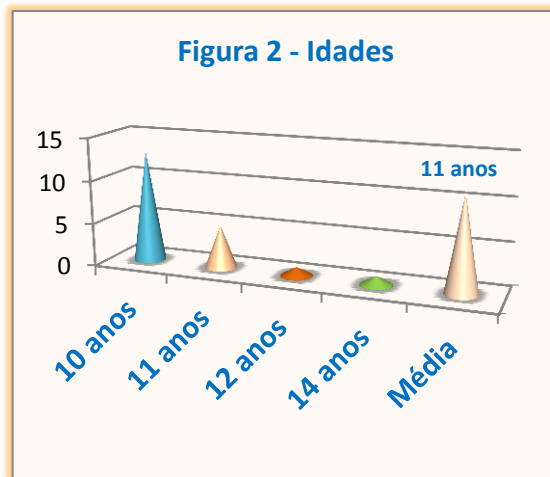
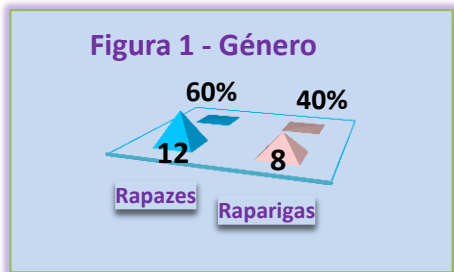
Realizou-se uma reunião inicial com estes colegas para explicitação do objetivo do estudo, concluindo-se que seria melhor que a observação fosse semiestruturada, centrada apenas nos pontos fortes e sugestões de melhoria, de forma a possibilitar aos observadores focarem-se nos aspetos que de acordo com a sua visão seriam os que mereciam maior destaque.

Após a observação, reunimos novamente e os colegas participantes neste estudo falaram sobre a experiência, a qual foi unanimemente considerada enriquecedora, analisando-se e discutindo-se os registos apresentados.

Uma das participantes preferiu enviar os seus registos por correio eletrónico, o que nos possibilitou criar uma pequena narrativa dialogada, por escrito, proporcionando um tipo de trabalho diferente, assunto a que voltaremos e desenvolveremos detalhadamente.

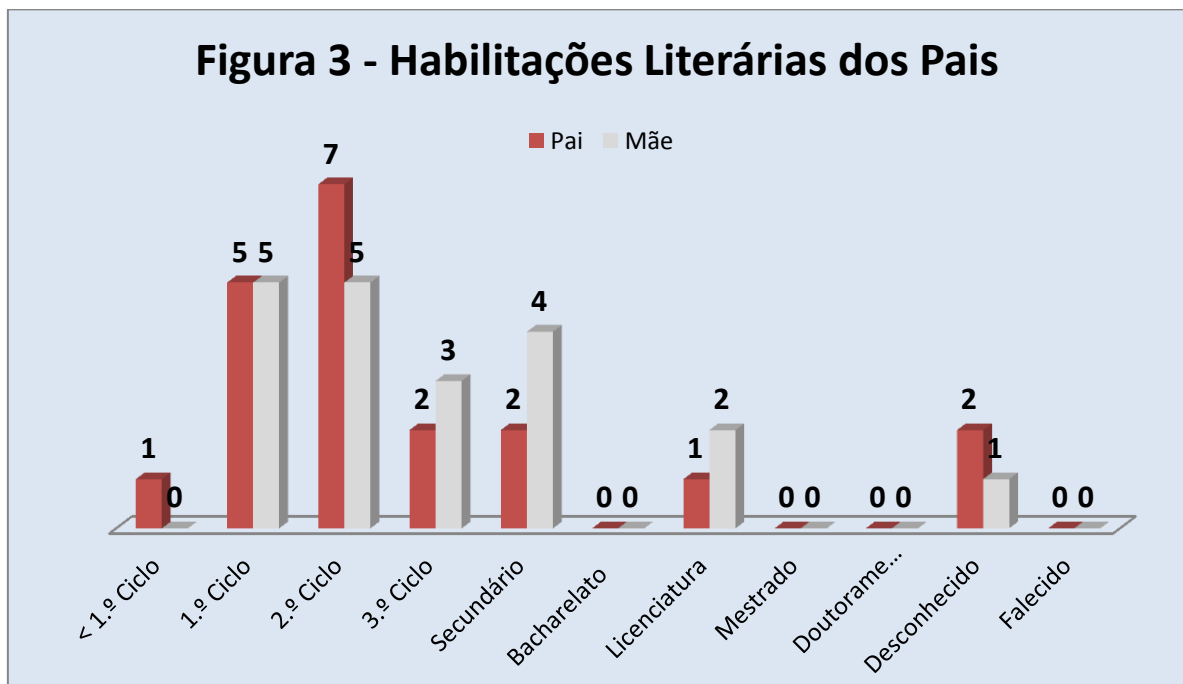
As observações foram pertinentes e essenciais para a definição das estratégias e metodologias a adotar.

Relativamente aos sujeitos objeto de estudo, os alunos, fez-se em primeiro lugar a caracterização da turma, tendo a Diretora de Turma colaborado com os dados que já tinha recolhido e que passamos a reproduzir.

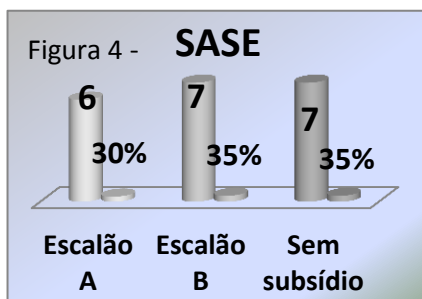


Como se pode verificar, na figura 1, 60% dos alunos são do género masculino, havendo uma ligeira desproporcionalidade em relação ao género.

Relativamente à idade, na figura 2, verificamos que a heterogeneidade é bastante grande com uma variação possível de 4 anos. O aluno com 14 anos, frequentou uma turma de percurso alternativo, sem obter sucesso escolar. Foi proposto para integrar um PIEF, mas o aluno não quis e a mãe, encarregada de educação, fez a vontade ao filho, apesar de toda a argumentação por parte do conselho de turma e das negociações entre a família e a diretora de turma com a mediação da subdiretora. O aluno tem uma assiduidade muito irregular e temia-se o abandono, o que se verificou no último mês do estudo.

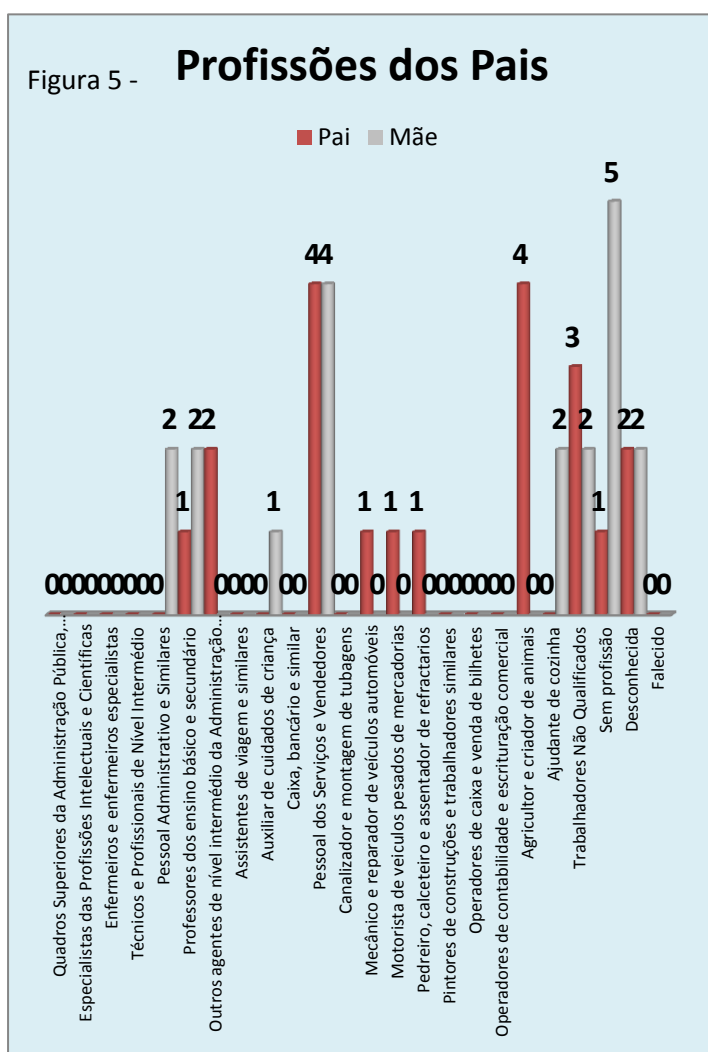


Parece-nos que o aparente ascendente de alguns alunos sobre os encarregados de educação poderá estar ligado ao facto de os filhos serem muito mais escolarizados do que os pais, apesar de os alunos alvo deste estudo frequentarem o 5º ano de escolaridade, pois apesar de não existir nenhuma mãe que não tenha o 1º ciclo, como se constata na figura 3, muitas delas pouco mais sabem fazer do que assinar o nome, não se mostrando leitoras com



relativa autonomia e alguma fluência e demonstrando bastante dificuldade ou até incapacidade de compreensão dos documentos que lhes são apresentados no decorrer do exercício das suas funções.

Para terminar a caracterização sumária, pareceu fazer sentido afirmar que cerca de dois terços dos alunos beneficiam de apoio



social, sendo que a 30% foi atribuído escalão A, o que demonstra as enormes dificuldades económicas que estas famílias enfrentam, conforme a figura 4. A escola cede o material escolar, pequeno-almoço, lanche e almoço, havendo um protocolo com a Santa Casa da Misericórdia para serem dadas refeições a estes alunos fora dos horários e períodos escolares.

A paróquia local tem um sistema montado de apoio, mediante a cedência de roupa e calçado, e um acordo com o Banco Alimentar para a oferta

de géneros alimentícios às famílias carenciadas, sinalizadas.

Observando a figura 5, onde se pode observar o estudo das profissões dos encarregados de educação, não se verifica qualquer referência a desempregados, o que nos parecia relevante incluir, mas como esse levantamento não foi feito pela diretora de turma, também não quisemos entrar nessa questão, quedando-nos pelo conhecimento das suas qualificações profissionais, verificando-se duas mães que pertencem ao pessoal administrativo, um pai e duas mães que são professores, dois pais com carreiras de nível intermédio na função pública, uma mãe auxiliar de cuidados de criança, quatro pais e quatro mães pertencentes ao pessoal dos serviços, um pai mecânico, um pai motorista de pesados, um pedreiro, quatro agricultores, duas mães ajudantes de cozinha, três pais e duas mães trabalhadores não qualificados, um pai e cinco mães sem profissão e dois pais e duas mães desconhecidos. Não há falecidos. Conclui-se que a maioria dos encarregados de educação, principalmente os dos alunos com mais dificuldades escolares, estão ligados ao desempenho de tarefas agrícolas, com uma grande percentagem de trabalhadores sazonais não qualificados, e que os encarregados de educação dos melhores alunos, regra geral, estão ligados ao ensino.

3.5 Recursos Materiais

Começou-se por fazer duas planificações: Uma para os bons alunos, que vinham com “as bases” do 1.º ciclo, pois teriam frequentado as aulas de Inglês com regularidade e aproveitamento, e outra para os que não traziam uma informação satisfatória do 1.º ciclo ou que não tinham sido bem-sucedidos no teste diagnóstico inicial. (Ver anexo 1)

Os recursos materiais utilizados foram diversificados: manual escolar e livro de exercícios, plataforma da escola digital, quadro interativo, quadro preto, giz e apagador, fichas de trabalho de vários níveis de dificuldade, manual digital, com DVD, sistema áudio e possibilidade de gravar a voz em repetição da gravação para comparar a diferença de pronúncia das palavras ou frases, projeção de imagens para análise e discussão, *flashcards* e jogos “tradicionais” como o

mercado e outro material *realia*, encontrando-se algum deste material em apêndice, a título de exemplo.

3.6. Procedimentos

CALENDARIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

- Leituras exploratórias sobre o tema
1º Momento: Seleção e compreensão do problema
Recolha dos dados: Autorizações, questionários e dados recolhidos pelo DT
Tratamento e análise de dados dos questionários
Realização das Entrevistas
Tratamento e análise dos dados
2º Momento: Definição das estratégias - Duas planificações, diário, auto-monitorização semanal dos comportamentos dos alunos, avaliação formativa quinzenal e estabelecimento de Metas com os alunos, autoavaliação reflexiva no final de cada período e implementação de Sala de Estudo.
3º Momento: Ação – Supervisão e aplicação de outras estratégias definidas
Reflexão e redefinição das estratégias
Novo momento de aplicação das novas estratégias definidas
Segundo e último momento de supervisão
- Entrega do trabalho ao Orientador (para análise)
- Entrega de documento final (“Provisório”)

Os questionários

Perante os dados apresentados pela diretora de turma, tornou-se necessário aplicar um questionário para compreender melhor o fenómeno em estudo. Com a devida autorização dos Encarregados de educação, em fins de novembro, aplicou-se o questionário em regime de anonimato, para permitir que os alunos se sentissem à vontade para expressarem as suas opiniões.

Um questionário é um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não

havendo interação direta entre estes e os inquiridos. Os questionários são particularmente importantes quando um investigador pretende recolher informação sobre um determinado tema. Deste modo, através da aplicação de um questionário a um público-alvo constituído, por exemplo, de alunos, é possível recolher informações que permitam conhecer melhor as suas lacunas, bem como melhorar as metodologias de ensino podendo, deste modo, individualizar o ensino quando necessário.

A importância dos questionários passa também pela facilidade com que se interroga um elevado número de pessoas, num espaço de tempo relativamente curto, sobre vários aspetos de uma ou mais categorias.

Aplicou-se um questionário utilizado por Guedes (2009), numa Tese de Mestrado, após a sua adaptação à realidade em estudo. Selecionaram-se cinco categorias:

- Atitudes face à escola;
- Atitudes face à disciplina de Inglês;
- Recursos disponíveis em casa que podem ajudar no processo de aprendizagem da língua inglesa;
- Atividades realizadas fora da sala de aula em relação à disciplina de Inglês;
- Dificuldades sentidas na disciplina de Inglês.

Quadro 11 – Questionários (Apêndice 6)

Instrumentos de recolha de Informação/ Tipo de Informação recolhida
Atitudes face à escola
Atitudes face à disciplina de Inglês
Recursos disponíveis em casa que podem ajudar no Inglês
Atividades realizadas fora da sala de aula para a disciplina de Inglês
Dificuldades sentidas na disciplina de Inglês

As Entrevistas

Foram realizadas entrevistas aos alunos com os seguintes objetivos:

- Clarificar as preferências dos alunos e as suas motivações;
- Compreender melhor as dificuldades que os alunos sentem;
- Estabelecer diferenças em termos de métodos e hábitos de estudo.

Os 20 alunos da turma foram divididos em três grupos, de acordo com a sua classificação apurada até ao momento:

Grupo 1 – Alunos de níveis 4 e 5;

Grupo 2 – Alunos de nível 3;

Grupo 3 – Alunos com nível 2.

Os grupos 1 e 2 foram entrevistados em painel. O grupo 3 foi entrevistado individualmente.

O Grupo 1 era formado por sete alunos. O Grupo 2 era, também, formado por sete alunos. Cinco alunos formavam o grupo 3, tendo sido entrevistados individualmente. Este último grupo era composto pelos alunos a quem foi atribuído nível negativo na avaliação anterior à entrevista.

As entrevistas (apêndice 1) foram realizadas em sete momentos distintos. A primeira ocorreu no final de janeiro e a última em meados de fevereiro, seguindo o guião previamente definido, de acordo com a avaliação intercalar do 1º período (apêndice 2). Os três grupos de alunos que antecipadamente se tinham formado, de acordo com a sua avaliação final do 1º período, mantinham-se sem alterações, apesar de já terem sido tomadas algumas medidas nesta altura, como a existência de duas planificações (anexo 1) e a implementação da sala de estudo com caráter obrigatório para os alunos com nível inferior a 3 e voluntário para os outros.

Estas entrevistas foram gravadas e tiveram como objetivo complementar informações consideradas pertinentes para estabelecer o perfil dos alunos que obtêm os vários níveis, relativamente ao que os alunos mais gostaram, as dificuldades que sentiram, as estratégias utilizadas para progredir na aprendizagem e as suas justificações.

A informação recolhida foi sujeita a análise de conteúdo.

Na construção dos guiões das entrevistas, tentou-se:

- Elaborar um texto introdutório onde se referencia a finalidade do mesmo, objetivos e metodologias a utilizar;
- Ter em conta o nível cultural dos sujeitos inquiridos e utilizar uma linguagem clara, assegurando uma certa coerência no conteúdo das questões;
- Utilizar, tanto quanto possível, palavras neutras que não provocassem identificação ou rejeição imediatas;

Objetivos das entrevistas:

Os objetivos foram diferenciados consoante o nível obtido pelos alunos e o tipo de entrevista a efetuar. No entanto, pretendeu-se conhecer as conceções dos alunos sobre a disciplina de Inglês, bem como as suas atitudes face a essa disciplina (apêndice 9).

Após a aplicação dos inquéritos e a realização das entrevistas, várias estratégias foram adotadas como a autorregulação dos comportamentos e a autoavaliação semanal e periódica.

Foram também trabalhados os comportamentos, os valores, as regras de comportamento dentro da sala de aula e o reforço positivo, a que a formadora de uma ação de formação frequentada pela investigadora, no sentido de criar as condições de partida para um bom trabalho de desenvolvimento de conhecimentos, intitulou de “o elogio”.

Ao verificarmos que estávamos perante uma turma problemática e que receávamos que os nossos conhecimentos não fossem a única estratégia possível para conseguirmos ultrapassar as dificuldades diagnosticadas, sentimos que necessitávamos de supervisão, de reflexão conjunta, de ideias diferentes, de conselhos sobre o que se poderia melhorar.

Porque estamos convencidos da importância que a supervisão formativa e voluntária poderá ter na melhoria do desempenho docente, foram convidados os elementos atrás referidos pelos motivos já indicados, para assistirem às aulas da investigadora.

Realizou-se uma reunião inicial com os colegas supervisores para explicitação do objetivo do estudo, discutindo-se os objetivos da atividade que lhes era

proposta, acertando-se datas de realização das observações e das reuniões posteriores. Acordou-se que a observação seria semiestruturada e, distribuiu-se a ficha de observação a utilizar, que se encontra no apêndice 16. Combinou-se, ainda, o prazo de antecedência para a entrega do plano de aula (apêndice 17) e definiu-se o canal de comunicação com cada um dos docentes observadores.

Procedeu-se ao 1.º ciclo de observações, após o que reunimos, conforme já indicado, tendo os colegas participantes analisado e discutido os registos apresentados sempre numa perspetiva de melhoria quer do desempenho docente, quer, conseqüentemente, dos resultados escolares dos alunos.

Uma das sugestões dos docentes supervisores foi a Tutoria de Pares.

Foi necessário pesquisar para poder ensinar a ser tutor e desenvolver várias capacidades, das quais destaco o trabalho realizado sobre o Respeito e o Elogio, podendo encontrar-se algumas atividades desenvolvidas, no apêndice 5. A primeira atividade foi um grande debate cujos tópicos foram:

- **O que pensas da tutoria de pares?**
- **Achas que pode ser bom para ti?**
- **Como é que achas que a tutoria de pares te pode ajudar?**
- **Acreditas que com a tutoria de pares podes melhorar as tuas notas?**
- **Pensas que é bom para todos os alunos?**
- **Achas que alguma coisa pode não resultar?**
- **Os tutores podem mudar?**
- **Continuamos a fazer a autoavaliação?**
- **Queres ajudar e ser ajudado?**
- **Como é que vamos escolher os tutores?**
- **Qual o perfil do tutor?**
- **Os “alunos menos bons” podem ser tutores?**
- **Avaliamos o trabalho dos tutores?**

- Como se faz a avaliação dos tutores?

Após concluirmos a fase de esclarecimentos e as regras de trabalho, com base no perfil de cada aluno e de acordo com as preferências manifestadas, elaborou-se o novo mapa de sala, fizeram-se crachás identificativos dos alunos tutores e deu-se início a uma nova fase de trabalho.

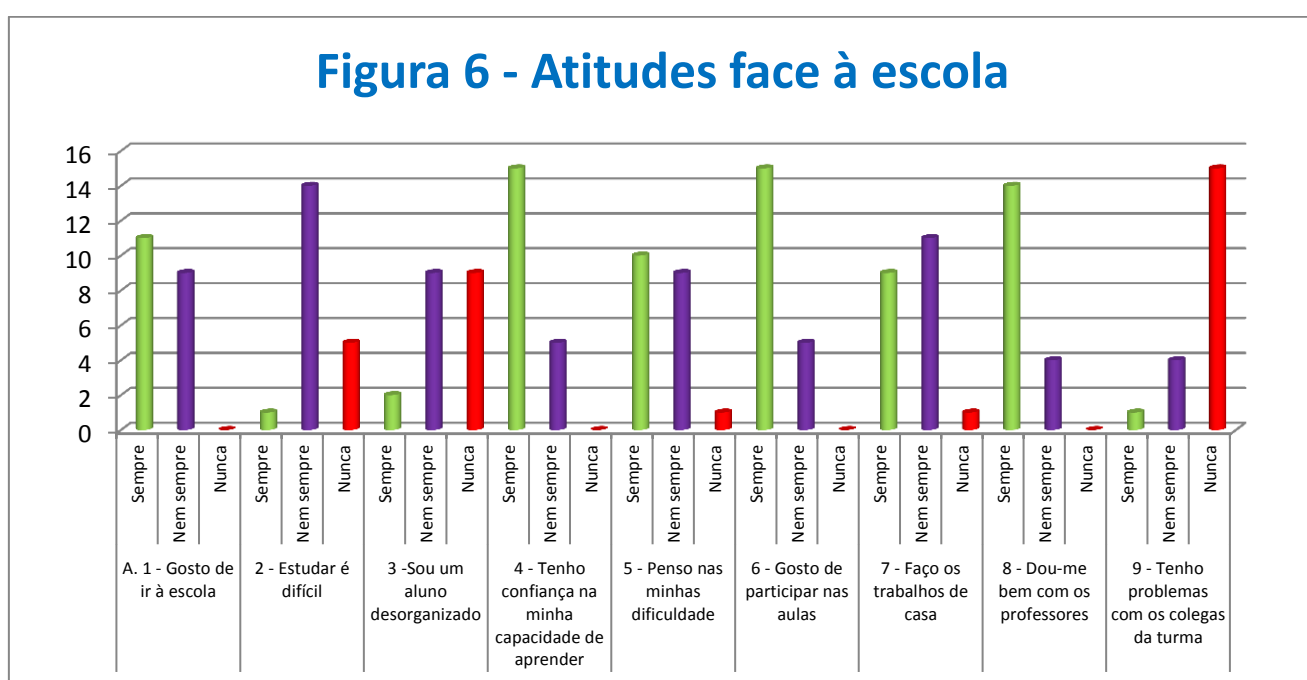
4. Apresentação e análise dos resultados

Neste capítulo apresentaremos e discutiremos os resultados deste estudo sobre a prática educativa do investigador.

Começamos por apresentar e descrever os resultados para depois os discutir.

4.1. Descrição dos resultados

Questionários



Ao efetuarmos o tratamento quantitativo da primeira questão pelas respostas que se apresentam na figura 6, pode-se observar que a maioria dos alunos da turma gosta de ir à escola. Estudar não é difícil para a maioria e só 2 alunos consideram difícil. A grande maioria dos alunos nem sempre é desorganizado, e, apenas dois alunos consideram-se organizados.

Todos os alunos consideraram que tinham capacidade de aprender e nenhum respondeu negativamente.

Relativamente às suas dificuldades, apenas um aluno admitiu pensar no assunto, e 5 alunos afirmaram pensar nas suas dificuldades, mas sem caráter sistemático.

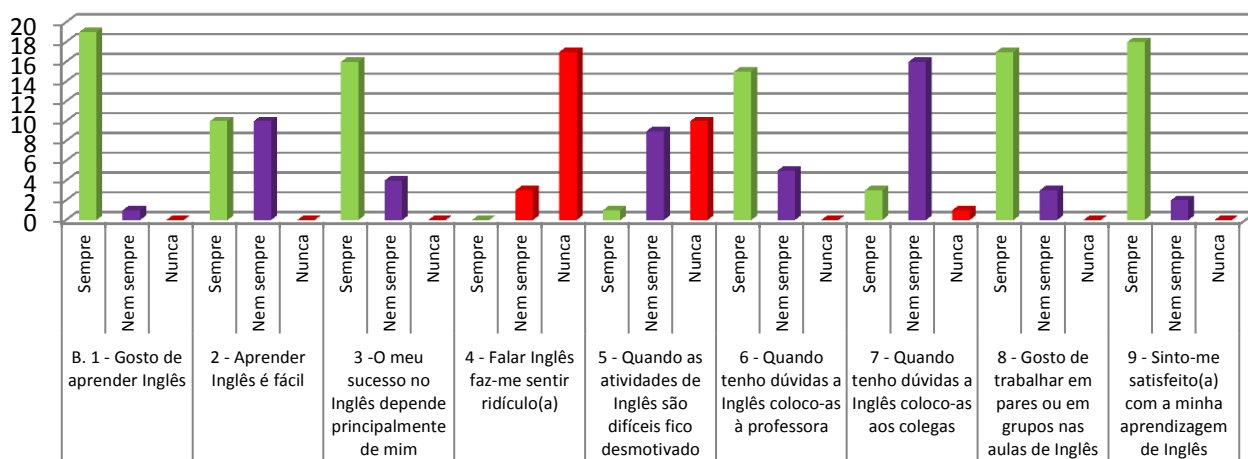
A quase totalidade dos alunos indicou que, gosta de participar nas aulas, sendo que sete nem sempre gostam de participar.

A maioria dos alunos indicou que nem sempre faz os trabalhos de casa, 9 disseram que os fazem sempre e um aluno respondeu que nunca os faz.

A grande maioria dos alunos afirmou relacionar-se bem com os professores, mas 4 deles responderam que nem sempre.

Acerca dos problemas com os colegas da turma, 1 aluno assumiu ter sempre problemas com a turma, 4 nem sempre e a maioria disse que nunca teve problemas desta ordem.

Figura 7 - Atitudes face ao Inglês



Ao analisarmos a figura 7, verificámos que a quase totalidade dos alunos afirmou que gosta de aprender Inglês. Apenas um aluno disse que nem sempre gosta de aprender Inglês e nenhum respondeu negativamente.

Metade dos alunos respondeu que aprender Inglês é fácil e a outra metade afirmou que nem sempre é fácil aprender Inglês.

A quase totalidade dos alunos afirmou que o seu sucesso na disciplina de Inglês depende deles, sendo que quatro alunos consideraram que o seu sucesso na disciplina de Inglês nem sempre depende deles.

Nenhum aluno indicou que se sentia ridículo a falar Inglês, mas dois alunos responderam “Nem sempre” a esta questão.

A maioria dos alunos selecionou que nunca ficava desmotivada quando as atividades a realizar são difíceis, mas houve oito respostas “Nem sempre” a esta questão.

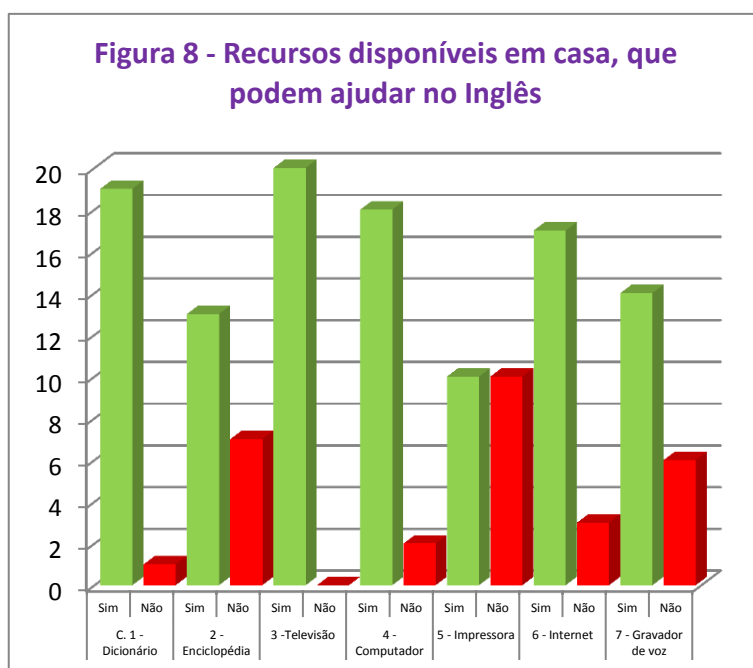
A quase totalidade dos alunos respondeu que, quando tem dúvidas, as coloca à professora, mas há quatro alunos que nem sempre o faz.

Um aluno afirmou que nunca tira dúvidas com os colegas, a maioria nem sempre o faz, e dois alunos afirmaram que tiram sempre as suas dúvidas com os colegas.

A quase totalidade dos alunos respondeu gostar de trabalhar em pares ou em grupo e ninguém recusou a ideia, o que nos pareceu que eventualmente haveria aqui espaço para investigar e investir, o que posteriormente nos levaria à tutoria de pares.

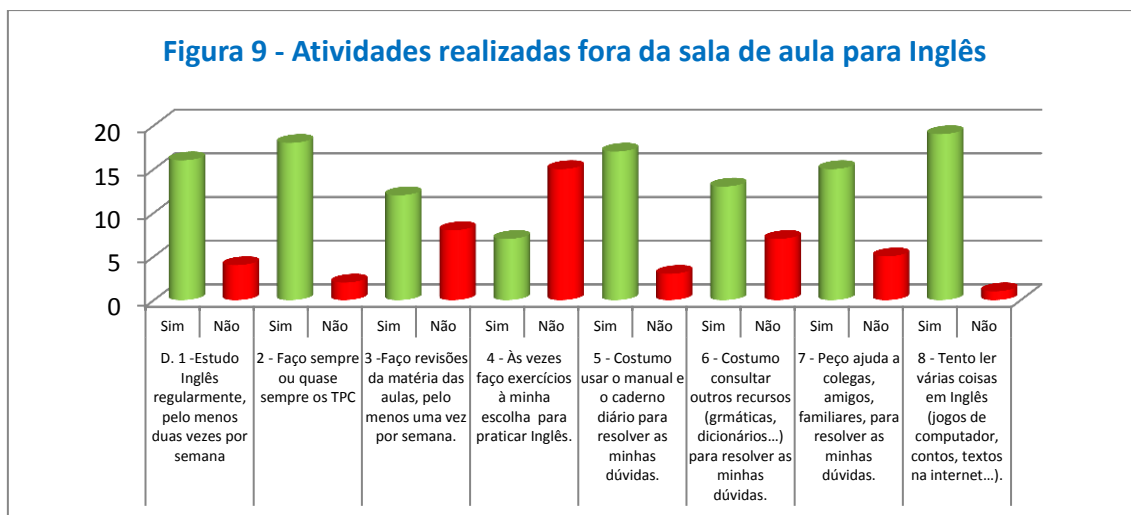
Apenas dois alunos responderam que nem sempre se sentem satisfeitos com a sua aprendizagem na disciplina de Inglês, estando todos os outros alunos satisfeitos.

Passando à análise da terceira categoria: Recursos disponíveis em casa que podem na aprendizagem da disciplina de Inglês, pelas respostas dos alunos verificámos, conforme se verifica na figura 8, que têm quase todos os recursos necessários, sendo apenas de assinalar um aluno que não tinha dicionário, sete alunos que não tinham uma enciclopédia, todos tinham televisão, dois alunos

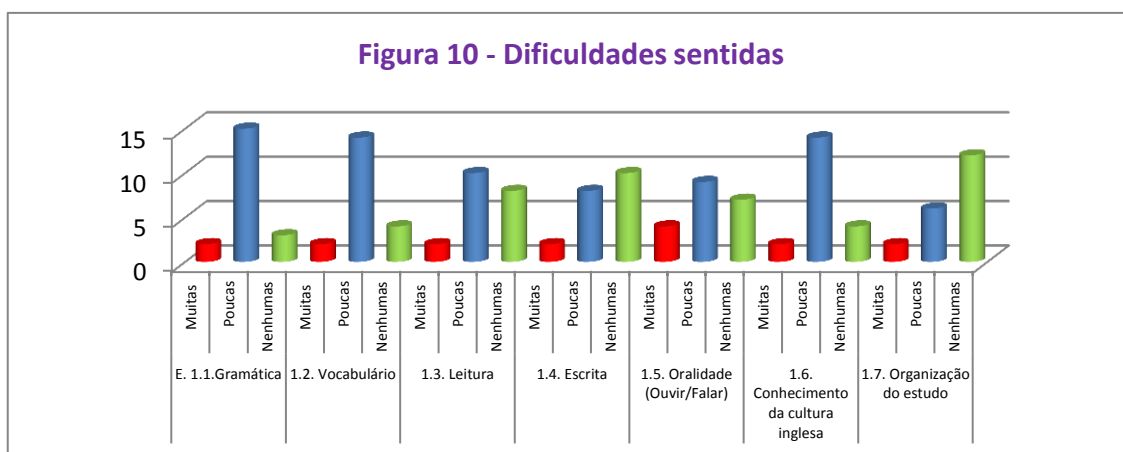


não tinham computador, metade dos alunos não tinham impressora, três alunos não tinham internet e seis alunos afirmaram não ter gravador de voz. Pareceu-nos que tinham boas condições, considerando que podiam ainda dispor do Centro de Recursos da Escola e do

Espaço Net, aberto todos os dias, num horário muito alargado, até às 21h, nos dias de semana, e um pouco mais reduzido ao sábado e domingo. Fora da vila, apurámos que as Juntas de Freguesia também dão este tipo de facilidades aos jovens, acesso a computadores para elaborar pesquisas e outro tipo de trabalhos escolares, bem como impressões ou envio de *emails*.



Nesta questão, verificámos, de acordo com a figura 9, que quatro alunos não estudavam Inglês regularmente, pelo menos duas vezes por semana. Dois alunos não faziam sempre ou quase sempre os trabalhos de casa. Oito alunos não faziam revisões da matéria das aulas, pelo menos uma vez por semana. Quinze alunos não faziam exercícios à sua escolha para praticar Inglês. Três alunos não costumavam usar o manual e o caderno diário para resolver as suas dúvidas. Cinco alunos não pediam ajuda para resolver as suas dúvidas e



apenas um aluno não tentava ler coisas em Inglês. Relativamente à última categoria: Dificuldades sentidas: constatou-se que dois alunos sentiam dificuldades em todas as áreas e que na oralidade são quatro o número de

alunos que sentiam dificuldades, verificando-se que os restantes alunos afirmavam ter poucas ou nenhuma dificuldades, conforme a figura 10.

Entrevistas

Segundo Bell (2008, p. 138), “os tópicos têm de ser selecionados, as questões elaboradas, os métodos de análises considerados e um plano preparado e testado”.

Para Afonso (2005, p. 99), “durante a entrevista é necessário saber ouvir, isto é, não interromper a linha de pensamento do entrevistado, aceitar as pausas, e, em geral, aceitar tudo o que é dito numa atitude de neutralidade atenta e empática”.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), existem procedimentos importantes a adotar pelo entrevistador numa entrevista:

- informar o entrevistado, no início da entrevista, de que será garantida a confidencialidade sobre o conteúdo e o tratamento da informação recolhida;
- utilizar uma linguagem acessível, de forma a motivar o entrevistado para responder às questões, usando expressões faciais adequadas e mostrando interesse pelas respostas dadas, zelando para que a linguagem seja próxima do universo linguístico e dentro do quadro de referência do entrevistado;
- estimular o entrevistado, pedindo-lhe uma clarificação de algum tema, caso existam dúvidas;
- evitar formular perguntas que possam ser respondidas com “sim” ou “não”, tendo o cuidado de não se perder a autenticidade das respostas;
- utilizar um gravador, sempre que se realizarem entrevistas extensas, ou caso se trate de evidenciar a entrevista como a técnica principal do estudo, tendo o cuidado de pedir autorização ao entrevistado para a sua utilização.

Segundo Estrela (1994), existem três itens onde podemos incluir os princípios orientadores da condução da entrevista: evitar, sempre que possível, dirigir a entrevista; não restringir a temática abordada e clarificar os quadros de referência usados pelo entrevistado. Desta forma, o entrevistador tem a possibilidade de obter sucesso na entrevista realizada.

E foram estes os princípios orientadores das entrevistas conduzidas neste estudo.

Análise de conteúdo do Grupo 1

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Frequência Indicadores
Processo de ensino aprendizagem da disciplina de Inglês	1. Aspetos Positivos	- Cantar - Exercícios de oralidade	6 7
	2. Aspetos negativos	- Cantar - Castigos - Colegas indisciplinados	1 1 6
Dificuldades sentidas	1. Identificação das dificuldades	- Alfabeto - Ordenar frases - Memorizar o vocabulário	2 4 5
	2. Estratégias para a superação das dificuldades	- Estar atento - Estudar em casa - Estudar com apoio	7 7 5
Melhoria de desempenho	1. Sugestões	- Falarem menos nas aulas - Estarem mais atentos - Fazerem sempre os TPC - Repetirem os exercícios em casa - Estudarem	7 6 5 7 5

Análise de conteúdo do Grupo 2

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Frequência Indicadores
Processo de ensino aprendizagem da disciplina de Inglês	1. Aspetos Positivos	- Tudo - Dá trabalho mas é divertido - Falar de animais	6 6 4
	2. Aspetos negativos	- Palavras esquisitas - Quando a professora se zanga	3 1
Dificuldades sentidas	1. Identificação das dificuldades	- Alguns alunos perturbam as aulas	2
	2. Estratégias para a superação das dificuldades	- leitura - Cantar - Escrever - Estudar - Nenhuma	4 3 1 1 2
Melhoria de desempenho	1. Sugestões	- Falarem menos nas aulas - Ter mais atenção nas aulas - Fazerem os TPC - Ler mais - Tentar cantar mais	3 4 3 2 1

Análise de conteúdo da entrevista ao aluno D

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Frequência Indicadores
Processo de ensino aprendizagem da disciplina de Inglês	1. Aspetos Positivos	- Muitas coisas novas - Cantar - Ler	1 1 1
	2. Aspetos negativos	- Ler sozinha em voz alta - Tem medo que a gozem	1 1
Dificuldades sentidas	1. Identificação das dificuldades	- Ler algumas palavras - Escrever	1 1
	2. Estratégias para a superação das dificuldades	- Estudar mais em casa com a ajuda da família - Estudar na escola com os colegas - Escrever mais textos	1 1 1
Melhoria de desempenho	1. Sugestões	- Usarem o CD áudio em casa - Falarem menos nas aulas - Estarem mais atentos	1 1 1

Análise de conteúdo da entrevista ao aluno J

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Frequência
			Indicadores
Processo de ensino aprendizagem da disciplina de Inglês	1. Aspectos Positivos	- Repetir as palavras novas - Falar em Inglês - Realizar exercícios no quadro interativo - Cantar	1 1 1 1
	2. Aspectos negativos	- Por vezes os colegas fazem barulho nas aulas	1
Dificuldades sentidas	1. Identificação das dificuldades	- Concentração - Escrever	1 1
	2. Estratégias para a superação das dificuldades	- Estudar mais em casa com a ajuda da família - Estudar na escola com os colegas - Fazer mais cópias do vocabulário	1 1 1
Melhoria de desempenho	1. Sugestões	- Frequentar a sala de estudo - Diminuir o número de alunos na turma - Trabalhem em silêncio	1 1 1

Análise de conteúdo da entrevista ao aluno L2

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Frequência
			Indicadores
Processo de ensino aprendizagem da disciplina de Inglês	1. Aspectos Positivos	- Jogos - Rap	1 1
	2. Aspectos negativos	- Escrever	1
Dificuldades sentidas	1. Identificação das dificuldades	- Não estudo - Não estou atento nas aulas	1 1
	2. Estratégias para a superação das dificuldades	- Estudar - Estar atento	1 1
Melhoria de desempenho	1. Sugestões	- Pedir ajuda à prima	1

Análise de conteúdo da entrevista ao aluno L1

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Frequência
			Indicadores
Processo de e/a da disciplina de Inglês	1. Aspectos Positivos	- Tudo	1
	2. Aspectos negativos	- Escrever	1
Dificuldades sentidas	1. Identificação das dificuldades	- Não estudo - Não estou atento nas aulas - Não gosto de escrever.	1 1 1
	2. Estratégias para a superação das dificuldades	- Estudar - Estar atento - Utilizar os materiais - Trabalhar mais na aula - Fazer os TPC	1 1 1 1 1
Melhoria de desempenho	1. Sugestões	- Estudar todos os dias	1

Análise de conteúdo da entrevista ao aluno S

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Frequência
			Indicadores
Processo de ensino aprendizagem da disciplina Inglês	1. Aspectos Positivos	- Tudo	1
	2. Aspectos negativos	- Nada	1
Dificuldades sentidas	1. Identificação das dificuldades	- Na realização do TPC	1
	2. Estratégias para a superação das dificuldades	- Estudar mais em casa	1
Melhoria de desempenho	1. Sugestões	- Os colegas fazerem menos barulho	1

A análise de conteúdo das entrevistas revelou que os melhores alunos estão apetrechados com mais e melhores ferramentas de estudo. Demonstram dominar as técnicas de estudo, têm mais acompanhamento em casa e preocupam-se com o bom ambiente da sala de aula e com o subsequente bom comportamento dos colegas e deles próprios. Têm consciência da necessidade de estar atento na aula e transmitem o perfeito conhecimento do seu papel de estudante, sendo capazes de fazer sugestões de melhoria, tanto para os colegas, como para o funcionamento geral da sala de aula.

Observação de aulas

Quadro 12 – Grelha síntese da 1.ª aula observada – 1.º ciclo de observação

Agrupamento Vertical de Escolas de ...
Supervisão pedagógica

GRELHA SÍNTESE DE OBSERVAÇÃO DE AULAS

Professor observado

Nome: Laura Cristina Teles Ferreira

Disciplina: Inglês

Ano: 5.º

Turma: B

Professor supervisor

Nome: Clementina Taindade

Grupo de Recrutamento: 520

Anos de serviço: 38

Condição de supervisor:

Diretor

Subdiretora

Ex-Coordenador Departamento

Observada a 4 de fevereiro

Aspetos positivos	Recomendações de melhoria
<ul style="list-style-type: none"> • Atenção individualizada a cada um dos alunos. • Respeito pelo ritmo dos alunos mais lentos. • Aproveitamento, a propósito, de intervenções algo "desproporcionadas" (sobre outros assuntos), para elicitar trabalho no âmbito da disciplina. (boys and girls scouts) • Incentivo e elogio a vários alunos "Very good! Vai fazer ao quadro." • Deslocação adequada pela sala, para apoiar, para verificar, para responder a solicitação dos alunos. • Verificação da compreensão do "Homework" por parte dos alunos. • Muita, muita energia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Antes de passar à leitura individual, fazia uma leitura coletiva após a primeira audição do texto. • Utilizava, com mais frequência, as instruções de sala de aula em Inglês: "Open your book", "Come to the board",... • Insistia na pontualidade e justificava a falta da mesma aos vários alunos que chegavam tarde. → <i>note 1</i> • Levava os alunos a escrever no quadro interativo, apenas quando fosse mais rápido e eficiente.

Nota: Considerando a experiência dos docentes que observarão as aulas e ao tipo de trabalho a que se destina, propõe-se uma observação semi-naturalista.

O supervisor: Maria Clementina Bruno da Taindade

Grândola, 18 de Fevereiro de 2013

Nota 1 → a falta de pontualidade dos alunos está justificada. É o tempo, e o autocarro que transporta os alunos atrasados.

Quadro 13- Segunda aula assistida no primeiro ciclo

Projeto Melhoria dos resultados de Inglês 5º ano, Laura Ferreira, E.B.2/3, 2012/13

Agrupamento Vertical de Escolas de ... Supervisão pedagógica

GRELHA SÍNTESE DE OBSERVAÇÃO DE AULAS

Professor observado

Nome: Laura Cristina Teles Ferreira

Disciplina: Inglês

Ano: 5º

Turma: B

Professor supervisor

Nome: Susana Camacho

Grupo de Recrutamento:300

Anos de serviço: 13

Condição de supervisor:

Diretor

Subdiretora

Ex- Coordenador Departamento

Aspetos positivos	Recomendações de melhoria	
<p>Dinâmica do início da aula:</p> <p>a) A forma como rapidamente os alunos começam a trabalhar;</p> <p>b) A abertura da lição e seu registo no quadro por parte de um aluno;</p> <p>c) A projeção do plano de aula.</p> <p>Regras de sala de aula:</p> <p>a) Estão interiorizadas, por parte dos alunos. Estes colocam o dedo no ar para intervir; obedecem à professora e realizam as tarefas solicitadas.</p> <p>b) A professora regista no quadro os alunos com comportamentos inadequados, o que é uma boa forma de (auto)regulação.</p> <p>Estratégias/atividades:</p> <p>a) a professora, quando apresenta as tarefas a realizar, utiliza uma linguagem assertiva e adequada à faixa etária dos alunos; utiliza a repetição e a exemplificação;</p> <p>b) a professora pede que sejam os próprios alunos a explicar a tarefa (p. ex: " Podes explicar o que é que era o TPC?");</p> <p>c) Trabalho de pares, que potencia o treino da expressão oral;</p> <p>d) As tarefas de interação oral seguidas de um registo escrito, o que facilita o paralelismo oralidade/escrita;</p> <p>e) O recurso a material icónico (imagens de figuras públicas da área do futebol, cinema, TV) como forma de motivação dos alunos para a atividade.</p>	<p>1. A firmeza na implementação das regras de sala de aula é fundamental para alunos desta faixa etária; no entanto, a professora utiliza, por vezes, um tom de voz agressivo e autoritário. Uma potencialidade a explorar passaria pela utilização de mais reforços positivos, de mais mensagens otimistas e de uma elevação das expetativas em relação à aula e aos alunos.</p> <p>2. Outra potencialidade a explorar poderá ser a implementação de uma rotina de interação verbal em língua inglesa; quando falo em rotina, refiro-me às expressões que são usadas em todas as aulas (pedir para intervir, pedir para afiar o lápis, etc, etc) e que os alunos poderão expressar em inglês, sendo esta uma boa forma de treino da oralidade.</p> <p>3. A ala à esquerda da professora (alunos da fila junto à parede) é alvo de menor atenção por parte da docente. Parece-me óbvio que isso acontece de forma inconsciente (temos tendência a valorizar o lado direito). No entanto, parece-me que esta situação poderá ser revista; segundo a minha perceção, os alunos em causa têm dificuldades (um deles NEE?), estão isolados e têm baixa auto-estima. Poder-se-á eventualmente repensar os lugares que ocupam, havendo a possibilidade de os sentar ao lado de alunos com mais capacidades (tutoria de pares). Por outro lado, sendo o quadro de ardósia bastante utilizado (para os diversos registos escritos), estes alunos não conseguem ter grande visibilidade, o que dificulta o acompanhamento do decorrer da aula (observei algumas dificuldades na transcrição dos registos do quadro).</p>	<p>Comentário [L F1]: São tantos que fiquei com a minha autoestima reforçada e senti o meu esforço e investimento reconhecido.</p> <p>Comentário [L F2]: Lamento por vezes ter um tom de voz agressivo e autoritário, pois não gosto da ideia de poder ser considerada uma professora agressiva e autoritária. Há situações em que fico muito zangada com eles, como quando não fazem o TPC sem apresentarem nenhuma justificação. Mesmo assim gostava de conseguir passar a mensagem de uma forma serena e empática. Vou pesquisar técnicas para melhorar este aspeto.</p> <p>Comentário [L F3]: Nós temos uma rotina, sim: <i>Classroom language</i>. Até está afixada na sala e têm as ações coladas nos cadernos, mas parece que não é notória. Vou reforçar.</p> <p>Comentário [L F4]: Agradeço a sugestão e vou revê-la com a docente dos Apoios Educativos.</p> <p>Comentário [L F5]: Vou pesquisar sobre esta técnica e pensar como aplicá-la ao grupo, solicitando a colaboração do profª Marisa (NEE) e da DT.</p>

<p>Avaliação/regulação das aprendizagens</p> <p>a) o registo, no quadro, dos alunos com comportamentos perturbadores, é uma forma de regulação dos comportamentos e atitudes;</p> <p>b) São os próprios alunos que preenchem uma folha de registo de realização dos TPC. Boa forma de responsabilizar os alunos;</p> <p>c) Durante a atividade de expressão oral, a professora percorre todos os grupos e vai corrigindo os enunciados dos alunos; fá-los repetir, até que pronunciem corretamente as palavras; é uma boa forma de aferir as aprendizagens e de dar feedback.</p> <p>Dinâmica do final da aula</p> <p>a) Um aluno regista no quadro o sumário em inglês; boa forma de sistematizar o que foi trabalhado durante a aula;</p> <p>b) distribuição de uma tarefa para TPC – ponte para a aula seguinte.</p>	
---	--

Nota: Considerando a experiência dos docentes que observarão as aulas e ao tipo de trabalho a que se destina, propõe-se uma observação semi-naturalista.

O supervisor: Susana Isabel Tavares Camacho

Grândola, 28 de Fevereiro de 2013

Comentário [L F6]: Obrigada pelos teus comentários e sugestões.

Quadro 14 - terceira aula supervisionada. Última do 1.º ciclo.

Agrupamento Vertical de Escolas de ...
Supervisão pedagógica

GRELHA SÍNTESE DE OBSERVAÇÃO DE AULAS	
Professor observado	
Nome: Laura Cristina Teles Ferreira	
Disciplina: Inglês	Ano: 5ª Turma: B
Professor supervisor	
Nome: Manuel Botelho Pombal Grupo de Recrutamento: 1.º Anos de serviço: 32	
Condição de supervisor: Diretor <input checked="" type="checkbox"/> Subdiretora <input type="checkbox"/> Ex-Coordenador Departamento <input type="checkbox"/>	
Observada a 7 de Fevereiro	
Aspetos positivos	Recomendações de melhoria
<ul style="list-style-type: none"> • Sensibilidade dos alunos face às atividades a desenvolver • Apresentação do plano de aula aos alunos • Clareza e clareza de atitudes face a 'diversas atitudes • A grande maioria dos alunos está interessada e motivada face as atividades • O trabalho realizado em casa foi corrigido pelos alunos no sal de aula. • O role play. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aumentar lesões dadas no meu espelho • maior estímulo e aproximação face aos alunos em termos afetivos face a disciplina • O tempo efetivo de trabalho realizado no sala de aula • O trabalho entre pares de alunos • A partilha do espaço de sala de aula

Nota: Considerando a experiência dos docentes que observarão as aulas e ao tipo de trabalho a que se destina, propõe-se uma observação semi-naturalista.

O supervisor: Manuel Botelho Pombal

Grândola, 23 de Fevereiro de 2013

Segundo ciclo de observação

Projeto M

2/13

Quadro 15- Primeira aula do segundo ciclo.

Agrupamento Vertical de Escolas de ...
Supervisão pedagógica

GRELHA SÍNTESE DE OBSERVAÇÃO DE AULAS

Professor observado

Nome: Laura Cristina Teles Ferreira

Disciplina: Inglês

Ano: 5º

Turma: B

Professor supervisor

Nome:

Marmel Botelho Novais

Grupo de Recrutamento:

400

Anos de serviço:

32

Condição de supervisor:

Diretor

Subdiretora

Ex-Coordenador Departamento

Observada a 12 de abril de 2013

Aspetos positivos	Recomendações de melhoria
<p>Os aspetos positivos foram quase todos atingidos.</p> <p>O que era referido como menos forte na 1ª observação foi quase tudo ultrapassado.</p> <p>Verificou-se uma atitude muito positiva no âmbito do conflito, na dinâmica do grupo turma e no trabalho colaborativo do aluno.</p>	<p>Melhor gestão do tempo.</p> <p>Melhor clarificação do trabalho entre pares.</p> <p>Apoiar mais os tutores.</p> <p>Clarificar melhor a interação entre alunos de forma a que os tutores possam realizar melhor as suas funções.</p>

Nota: Considerando a experiência dos docentes que observarão as aulas e ao tipo de trabalho a que se destina, propõe-se uma observação semi-naturalista.

O supervisor:

Marmel Botelho Novais

Grândola, 12 de Abril de 2013

*Agrupamento Vertical de Escolas de ...
Supervisão pedagógica*

GRELHA SÍNTESE DE OBSERVAÇÃO DE AULAS

Professor observado

Nome: *Laura Cristina Teles Ferreira*
Disciplina: *Inglês*

Ano: *5º*

Turma: *B*

Professor supervisor

Nome: *Clementina Trindade* Grupo de Recrutamento: *220* Anos de serviço: *38*

Condição de supervisor:

Diretor

Subdiretora

Ex-Coordenador Departamento

Observada a 22 de abril de 2013

Aspetos positivos	Recomendações de melhoria
<ul style="list-style-type: none"> Boa execução do plano de aula com boa comunicação professora/alunos, que não turbulentos e difíceis de concentrar, verificando-se uma ótima comunicação pela sala e ótima expressão corporal e gestual de proximidade e atenção personalizada a cada um dos alunos. Utilização muito eficiente e dinâmica dos quadros; o tradicional, para registos dos alunos em simultâneo, com muita clareza e boa distribuição no espaço; o interativo para visualização e audição do texto e também para uma rápida e eficaz verificação e correção dos exercícios realizados individualmente pelos alunos. Progresso evidente na utilização mais frequente e espontânea do inglês como língua de comunicação dentro da sala de aula. 	<ul style="list-style-type: none"> Continuação da atitude de autocrítica, de empenho na inovação pedagógica e didática e na experimentação de novos materiais e metodologias. Continuação da atitude de partilha e gosto pelo trabalho em grupo. *

Nota: Considerando a experiência dos docentes que observarão as aulas e ao tipo de trabalho a que se destina, propõe-se uma observação semi-naturalista.

O supervisor: *Maria Clementina Bryno da Trindade*

Grândola, 23 de Abril de 2013

* Sugestões que se derem, não à observação destas aulas em particular, mas ao conhecimento que advém destes anos de trabalho em comum no departamento de Línguas.

Quadro 17 – 2.º ciclo – 3ª e última aula assistida

GRELHA SÍNTESE DE OBSERVAÇÃO DE AULAS

Professor observado

Nome: *Laura Cristina Teles Ferreira*

Disciplina: *Inglês*

Ano: *5º*

Turma: *B*

Professor supervisor

Nome: *Susana Camacho*

Grupo de Recrutamento: *300*

Anos de serviço: *13*

Condição de supervisor:

Diretor

Subdiretora

Ex- Coordenador Departamento

Aspetos positivos	Recomendações de melhoria
<p>a) A abertura da lição e seu registo no quadro por parte de um aluno e a projeção do plano de aula;</p> <p>b) A professora começa a aula, dirigindo-se aos alunos em língua inglesa; ao longo da aula as instruções vão sendo dadas em inglês. Nota-se que esta é uma rotina que tem vindo a ser implementada, pois os alunos compreendem as instruções, respondendo ao solicitado, embora, na maior parte das vezes, em português. Há, no entanto, um esforço, por parte de alguns alunos, em utilizar algumas expressões em inglês.</p> <p>c) Numa das tarefas propostas – correção do TPC, os alunos pronunciam vocabulário e frases (afirmativas e negativas) em língua inglesa; a professora, à medida que corrige os exercícios oralmente, tem a preocupação de circular pela sala e confrontar os enunciados orais com os registos escritos dos alunos; por outro lado, a professora corrige a pronúncia dos alunos, estabelecendo um paralelismo entre os sons e a grafia;</p> <p>d) A disposição dos alunos na sala de aula parece estar mais equilibrada; os alunos que anteriormente estavam mais isolados (três alunos da fila junto à parede), partilham, agora, a carteira com colegas com mais capacidades. Nota-se mesmo a evolução de um dos alunos (fila da parede, última carteira, junto à porta de entrada) que, embora com dificuldades, participou, acompanhou o decorrer da aula, mostrando mesmo satisfação no desenvolvimento das tarefas. Notei também o aluno com NEE mais calmo, mais acompanhado (devido ao parceiro do lado), não se distraíndo tanto, nem fazendo comentários despropositados. Apenas o aluno que mudou para o lugar da fila da janela, junto à secretária da professora, não me pareceu que tenha tido qualquer tipo de evolução positiva. Está desmotivado, distraído e parece-me que está a prejudicar o colega do lado, que acaba por se deixar influenciar por brincadeiras inoportunas. (para mim, é um tipo de aluno cujos interesses são completamente divergentes dos escolares e não me parece que o currículo</p>	<p>a) A aula decorreu com dinamismo e participação elevada por parte dos alunos. No entanto, como a maior parte da aula consistiu na correção de exercícios (TPC), alguns alunos, que não tinham feito o TPC, não acompanharam o decorrer da aula, mostrando-se distraídos e desatentos. Este é um constrangimento que decorre do facto de nem todos os alunos trabalharem em casa;</p> <p>b) O plano de aula tinha muitas atividades para 45 minutos. Seria de prever que, havendo bastantes exercícios para corrigir, esta atividade absorvesse bastante tempo. A professora ainda passou um DVD, ao qual os alunos estiveram bastante atentos, mas não foi possível o preenchimento dos questionários de compreensão do oral. Estes ficaram para TPC mas, havendo uma aula de teste pelo meio, não sei se será muito funcional. Por outro lado, a sistematização da aula e a escrita do sumário não foi apreendida pela maior parte dos alunos, pois o tempo de aula já tinha chegado ao fim e estes já haviam arrumado os materiais, estando mais preocupados em sair. Assim, penso que uma gestão do tempo mais eficaz, tendo em conta as atividades a desenvolver, de acordo com as características dos alunos, poderá ser uma potencialidade a explorar.</p>
<p>regular seja a melhor resposta para um aluno com estas características).</p> <p>e) Os alunos revelaram-se bastante motivados e atentos ao DVD, com diálogos em inglês, projetado pela professora no final da aula.</p>	

Comentário [L F1]: Foi uma asneira da minha parte não contar que a maioria dos alunos não tivesse feito o TPC.

Como ultimamente eles têm andado mais cumpridores e mais interessados e o TPC foi de 2ª para 5ª feira, contava que quase todos o fizessem e esperava que bem. Afinal a maioria não o fez e não me parecia bem deixar de corrigir mimuciosamente aqueles exercícios que são o resumo da matéria dada.

Se eles tivessem feito o TPC a correção teria sido muito mais rápida e portanto teriam conseguido ouvir o DVD 2ª vez e responder às questões.

Aceito que mesmo perante o panorama ideal não desse tempo para corrigirem o trabalho e fazerem o sumário calmamente. Sinto que os alunos de ano para ano são mais lentos na escrita.

Comentário [L F2]: Sem dúvida que tenho de explorar melhor a questão da planificação e a gestão do tempo de aula. Os meus planos são bons para 45 minutos, como se verifica nas aulas da manhã, mas para as aulas da tarde, como esta, os meus planos são demasiado ambiciosos. Estamos a chegar ao fim do ano e eu continuo a lutar para que o ritmo de trabalho deles seja maior e que trabalhem em casa, o que não se tem verificado, mas eu não desisto. Continuarei a tentar até ao último dia, porque acredito que é o indicado para eles, mas vou refletir sobre esta questão.

Troca de email entre a professora supervisora e a investigadora

Mais alguns apontamentos em relação à aula observada

2 mensagens

Susana Camacho <susana.camacho@avegrandola.pt>

8 de Abril de 2013 às 18:29

Bcc: laura.ferreira@avegrandola.pt

Olá Laura,

Aqui vão mais alguns comentários, que pecam por tardios...

Em relação à minha opinião sobre a tua aula e teus posteriores comentários e, tendo em conta a ação de formação que realizei ("Perpetivas Atuais na Avaliação das Aprendizagens") vou cingir-me a 2 aspetos:

1. Feedback de qualidade - é muito importante que o professor clarifique, com os alunos, os objetivos de aprendizagem e forneça um feedback de qualidade que permita que os alunos avancem; durante a atividade de expressão oral, penso que fizeste um pouco disso, pois foste percorrendo todos os grupos e corrigindo os enunciados dos alunos, fazendo-os repetir palavras e expressões, até que os mesmos as pronunciassem corretamente. Esta é uma atividade muito importante que deverás, na minha opinião, continuar a fomentar.
2. Em relação ao trabalho de pares, este é muito positivo, porque permite que os alunos funcionem como recursos entre si. Esta é uma oportunidade de trabalho a explorar.


Estes dois aspetos são considerados chave para a dimensão formativa na avaliação dos alunos.

Envio-te, em anexo, alguns dos materiais que as formadoras utilizaram na ação. Os pontos que referi encontram-se nos diapositivos das páginas 13 a 15.

Podes então contar comigo para a observação de aulas na próxima semana. Prometo ser mais breve nos meus comentários.

Beijinho

Susana

 **Avaliação de aprendizagens sessões 2, 3 e 4 ppt.pdf**
1519K

Laura Ferreira <laura.ferreira@avegrandola.pt>

8 de Abril de 2013 às 18:38

Responder a: laura.ferreira@avegrandola.pt

Para Susana Camacho <susana.camacho@avegrandola.pt>

Olá Susana,

Obrigada pela tua "resposta".

Vou ler o documento que me enviaste com muito prazer e depois dou-te a minha opinião.

Agradeço que continues a fazer todos os comentários que te pareçam necessários ou oportunos, pois tanto eu como os alunos iremos certamente beneficiar deles, portanto não prometas, nem sejas mais breve.

A tua opinião é muito importante para mim.

Beijinhos.

Laura

Páginas de diário da docente investigadora

O diário reflexivo foi uma mais-valia importante. Quase diariamente, a docente sentava-se, refletia e registava os seus pensamentos, as suas ideias, os seus sentimentos. Esta metodologia possibilitava-lhe posteriormente ler o que pensou em determinado momento, refletir sobre esse pensamento e confrontá-lo com as ideias dos colegas que assistiram à aula, por exemplo. Mas o diário tem mais utilidades imediatas, como auxiliar de memória.

2ª feira, 4 de fevereiro de 2013

Hoje foi a minha primeira aula assistida. Estava inquieta que começasse esta fase da investigação. Os aspetos positivos elevaram-me o ego e as sugestões de melhoria levaram-me a refletir, principalmente se usarei excessivamente o quadro interativo. Talvez haja muitas atividades que pudesse fazer no quadro de giz e não faço, mas a verdade é que posso fazer tudo no interativo e com cor, movimento e som... e sem sujar as mãos.

Quadro 18

2ª feira, 18 de fevereiro de 2013

Hoje comecei a Tutoria de Pares. Estava com algum receio de não me explicar bem, ou que a ideia não fosse bem aceite. Estava totalmente errada. Os alunos ficaram mais entusiasmados do que eu e colocaram imensas perguntas. Tentei responder a tudo e parece-me que começou bem. Melhor era difícil. Quiseram fazer crachás de tutores, para colocarem uma identificação. No final, a quase totalidade dos alunos, foi tutor, porque verificou-se que havia “bons alunos” que precisavam de ajuda no autocontrolo.

Quadro 19

22 de fevereiro de 2013

Hoje o diretor assistiu à minha aula.

Os comentários positivos foram muito motivadores, mas fiquei preocupada com a questão da gestão do espaço que pensava estar resolvida com o mapa de sala de aula decidido em Conselho de Turma e com o trabalho entre pares de alunos.

Um aluno teve um comportamento incorreto, pois não demonstrou respeito pela colega que estava a ler, estando distraído e a realizar outras tarefas. Fui ao pé dele e chamei-lhe a atenção. Os outros alunos ouviram. O diretor não gostou da minha forma de atuar. Vou refletir sobre o assunto.

Tenho de melhorar estas questões!

Quadro 20

Quadro 21

2ª feira, 8 de abril de 2013

Hoje a Susana mandou-me informação sobre a Tutoria de Pares. Foi simpático e veio acrescentar alguma informação ao que já tinha recolhido.

A Tutoria de Pares continua a dar frutos bons, mas um aluno pediu para deixar de ser tutor do colega que tinha escolhido, porque sente que não é respeitado e que se está a prejudicar.

O pedido foi aceite e houve logo outro colega que se ofereceu para o substituir. Não tenho a certeza se o seu perfil é o melhor, mas vou deixá-lo experimentar.

12 de abril de 2013

Hoje, o Diretor veio assistir, uma vez mais, à minha aula, 2.ª e última deste ciclo.

Penso que correu bem e que consegui gerir melhor os conflitos dentro da sala, e o espaço em si, graças, em grande parte, à tutoria de pares, que me leva a uma reutilização do espaço e à possibilidade de acompanhar melhor os alunos.

Quadro 22

Quadro 23

22 de abril de 2013

Hoje, foi a 2.ª aula assistida pela colega Clementina. A aula correu bem. Ela é tão simpática e sorridente que eu sinto-me sempre feliz com a sua presença. Penso que consegui acatar todas as recomendações que me fez, principalmente em relação ao uso sistemático da LE e de não abusar do quadro interativo.

4.2. Discussão dos resultados

Análise dos resultados das entrevistas do Grupo 1

Como se pode verificar pela análise dos dados da entrevista em painel, o 1.º grupo de alunos demonstrou interesse pela escola, pela disciplina, e demonstrou estar munido de estratégias e do conhecimento de alternativas para ultrapassarem as dificuldades. Foi um grupo que expressava a sua opinião, sabia a que ferramentas recorrer em caso de necessidade, tinha apoio no estudo e conseguia apresentar conselhos para a melhoria de resultados não só dos seus, como dos colegas. Foi uma entrevista rica em opiniões.

Análise dos resultados das entrevistas do Grupo 2

O grupo dois, também entrevistado em painel, pareceu-nos ter menos “respostas prontas na ponta da língua”. Refletiu durante mais tempo, repetiam-se e recorriam à concordância com a resposta dada por outro colega.

Nenhum aluno deste grupo forneceu nenhuma outra sugestão, nem se registaram aspetos assinaláveis.

Pareceu-nos interessante assinalar que a primeira entrevista decorreu em cerca de 15 minutos e a segunda passou dos 25 minutos, havendo momentos de silêncio em que o entrevistador tentou provocar a conversa, situação que não se verificou na primeira entrevista, em que cada aluno falou, na sua vez, e tinha uma opinião para dar, imediata e segura. Pareceu relevante acrescentar que, no grupo 2, dos sete alunos apenas dois têm médias superiores a 60%. Para perceber melhor a classificação atribuída aos alunos parece-nos indispensável a consulta da tabela dos critérios de avaliação constante do anexo 2.

Em anexo poderão ser lidas as transcrições completas destas inúmeras entrevistas.

Análise dos resultados da entrevista ao aluno D

De referir que esta aluna não frequentou, com regularidade nem assiduidade, as aulas de Inglês ao longo do 1.º ciclo, porque, por vezes, a mãe ia buscá-la mais cedo para, por exemplo, irem às compras.

A aluna demonstrou ter consciência das suas dificuldades, mas no grupo tentou passar despercebida, não participando e demonstrando muita dificuldade de concentração, o que por vezes parecia até ser de desinteresse, mas, em nossa opinião, seria a sua forma de reagir às dificuldades que sentia.

Os conselhos que deu e as sugestões de melhoria apresentadas poderiam ser todas aplicadas a ela, no entanto recusou-se a frequentar a sala de estudo e convenceu a encarregada de educação a pagar-lhe explicações individuais, fora da escola, segundo informação prestada pela diretora de turma.

Análise dos resultados da entrevista ao aluno J

Este aluno frequentou uma escola de lugar único fora da vila, e ficou isolado nesta turma, demonstrando algumas dificuldades de adaptação. As aulas de Inglês ao longo do 1º ciclo não tiveram caráter sistemático, havendo colocações tardias e períodos sem professor.

O aluno demonstrou um grande interesse pela frequência da sala de estudo e beneficiou bastante com a tutoria de pares. Tratando-se de um aluno calmo e atento, conseguiu fazer uma grande evolução e as estratégias aplicadas, sugeridas pelos supervisores, tornaram-se muito úteis e proporcionaram-lhe uma grande melhoria nos resultados.

Análise dos resultados da entrevista ao aluno L2

O aluno desabafou que a mãe o abandonou e que uma tia, irmã do pai, o acolheu. O pai constituiu outra família. Apresenta-se como um menino triste e revoltado com a vida, não se mostrando disponível para os estudos. O programa EPIS teve uma intervenção regular junto deste aluno, verificando-se ao longo do ano momentos de interesse e participação, intercalados com longos períodos de apatia, desinteresse e revolta. No 3º período, começou a criar problemas disciplinares. Tentava dormir nas aulas, não trazia material e a relação com os colegas era conflituosa e agressiva. Quando confrontado com a realidade só dizia que já não gostava da escola e que queria ir trabalhar.

Análise dos resultados da entrevista ao aluno L1

Este aluno já tinha 14 anos no início do ano letivo e já tinha frequentado um PCA (percurso curricular alternativo), tendo reprovado por falta de assiduidade e aproveitamento. Estava a frequentar o 5º ano pela 4ª vez. Não aceitava ir para um curso PIEF e a encarregada de educação não assinou a autorização. O pai achava que o filho deveria poder deixar a escola e ir trabalhar. Ele queria que o Juiz o deixasse ir trabalhar com o pai, que é madeireiro. Afirmou que gostava de pesca e de caça e não gostava da escola. Conhecia as regras e os procedimentos, mas não aceitava porque não queria estar ali e “não achava normal” obrigarem-no a ir para a escola, quando o que ele queria era trabalhar com o pai. Entrou em abandono no final do mês de abril.

Análise dos resultados da entrevista ao aluno S

É uma aluna que demonstrou imensas dificuldades de concentração iniciais, a ponto de dar imensos erros até a copiar. Os pais tinham uma escolaridade muito baixa e fracos rendimentos. Queria ser boa aluna e com muito trabalho, empenho, frequência de sala de estudo, um grande trabalho de autocontrolo (apêndice 3) e tutoria de pares, conseguiu aumentar a quantidade e qualidade do trabalho produzido, melhorar a sua capacidade de concentração, consequentemente os resultados e depois entusiasmou-se e tornou-se uma aluna motivada e participativa, mas mais controlada.

Alguns alunos viram a sala de estudo como um recurso para os alunos carenciados, cujos pais não podiam pagar explicações, e tiveram dificuldade em aceitar.

As aulas assistidas

1º Ciclo de observação

1ª aula observada

A colega que supervisionou a aula referiu imensos aspetos positivos, mas também fez algumas sugestões de melhoria (quadro 12), como seja:

. Antes de passar à leitura individual, faria uma leitura coletiva após a 1ª audição do texto. (Recomendação aceite.)

- . Utilizaria, com mais frequência, as instruções de sala de aula em Inglês. (Recomendação muito pertinente, a docente observada nem se apercebera deste facto)
- . Insistiria na pontualidade... (Acréscitou-se a nota 1 com a justificação)
- . Levaria os alunos a escrever no quadro interativo, apenas quando fosse mais rápido e eficiente. (Sugestão aceite. Foi um aspeto que nos levou a refletir).

Entre os aspetos positivos foi referido, como pode ser visto nos quadros 12, 13 e 14:

- Atenção individualizada a cada um dos alunos.
- Respeito pelo ritmo dos alunos mais lentos.
- Aproveitamento, a propósito de intervenções algo “despropositadas” (sobre outros assuntos), para solicitar trabalho no âmbito da disciplina.
- Incentivo e elogio a vários alunos.
- Deslocação adequada pela sala, para apoiar, para verificar, para responder a solicitações de alunos.
- Verificação da compreensão do Trabalho que levavam para casa por parte dos alunos.
- Muita, muita energia.

Outro supervisor referiu como aspetos positivos:

- Sensibilização para a atividade a desenvolver.
- Apresentação do plano de aula aos alunos.
- Clarificação e chamada de atenção para as boas atitudes.
- A grande maioria dos alunos está interessado e motivado para as atividades.
- O trabalho realizado em casa foi corrigido pelos alunos na sala de aula.
- Role Play.

Uma das participantes, a docente que observou a segunda aula, preferiu enviar os seus registos por correio eletrónico o que nos possibilitou criar uma pequena

narrativa dialogada, por escrito, proporcionando um tipo de trabalho muito interessante, pois para além das conversas tidas nas reuniões realizadas, mantivemos contacto por email e fomos trocando ideias à medida que as nossas reflexões aconteciam, como se pode observar no quadro 17.

Eis as suas observações positivas:

Dinâmica do início da aula:

- a) A forma como rapidamente os alunos começam a trabalhar;
- b) A abertura da lição e seu registo no quadro por parte de um aluno;
- c) A projeção do plano de aula.

Regras de sala de aula:

- a) Estão interiorizadas, por parte dos alunos. Estes colocam o dedo no ar para intervir; obedecem à professora e realizam as tarefas solicitadas.
- b) A professora regista no quadro os alunos com comportamentos inadequados, o que é uma boa forma de (auto)regulação.

Estratégias/atividades:

- a) a professora, quando apresenta as tarefas a realizar, utiliza uma linguagem assertiva e adequada à faixa etária dos alunos; utiliza a repetição e a exemplificação;
- b) a professora pede que sejam os próprios alunos a explicar a tarefa (p. ex: “ Podes explicar o que é que era o TPC?”);
- c) Trabalho de pares, que potencia o treino da expressão oral;
- d) As tarefas de interação oral seguidas de um registo escrito, o que facilita o paralelismo oralidade/escrita;
- e) O recurso a material icónico (imagens de figuras públicas da área do futebol, cinema, TV) como forma de motivação dos alunos para a atividade.

Avaliação/regulação das aprendizagens

- a) o registo, no quadro, dos alunos com comportamentos perturbadores, é uma forma de regulação dos comportamentos e atitudes;

b) São os próprios alunos que preenchem uma folha de registo de realização dos TPC. Boa forma de responsabilizar os alunos;

c) Durante a atividade de expressão oral, a professora percorre todos os grupos e vai corrigindo os enunciados dos alunos; fá-los repetir, até que pronunciem corretamente as palavras; é uma boa forma de aferir as aprendizagens e de dar feedback.

Dinâmica do final da aula

a) Um aluno regista no quadro o sumário em inglês; boa forma de sistematizar o que foi trabalhado durante a aula;

b) Distribuição de uma tarefa para TPC – ponte para a aula seguinte.

Aspetos a melhorar referidos pelos docentes supervisores:

- Trabalho entre pares de alunos.

- A questão da gestão do espaço da sala de aula.

As questões referidas pela supervisora que envia as observações por *email* deram lugar a uma narrativa dialogada que podemos observar na página 47.

As observações foram pertinentes e imprescindíveis para a redefinição das estratégias e metodologias a adotar principalmente as primeiras observações, uma vez que, no 2º ciclo, os observadores consideraram que as suas sugestões tinham sido bem aceites e aplicadas.

No 2º ciclo, as observações foram quase totalmente positivas, tendo conseguido superar a totalidade das recomendações de dois dos supervisores. Apenas uma supervisora, a que observou as aulas na 5ª feira, ao 3.º tempo da tarde, aula que foi sempre o maior desafio, pelo cansaço demonstrado pelos alunos e até pelo do docente investigador, e maior dificuldade de concentração demonstrada por eles, manteve algumas recomendações.

Observações positivas no 2º ciclo (quadros 15, 16 e 17):

a) A abertura da lição e seu registo no quadro por parte de um aluno e a projeção do plano de aula;

b) A professora começa a aula, dirigindo-se aos alunos em língua inglesa; ao longo da aula as instruções vão sendo dadas em inglês. Nota-se que esta é uma rotina que tem vindo a ser implementada, pois os alunos compreendem as instruções, respondendo ao solicitado, embora, na maior parte das vezes, em português. Há, no entanto, um esforço, por parte de alguns alunos, em utilizar algumas expressões em inglês.

c) Numa das tarefas propostas – correção do TPC, os alunos pronunciam vocabulário e frases (afirmativas e negativas) em língua inglesa; a professora, à medida que corrige os exercícios oralmente, tem a preocupação de circular pela sala e confrontar os enunciados orais com os registos escritos dos alunos; por outro lado, a professora corrige a pronúncia dos alunos, estabelecendo um paralelismo entre os sons e a grafia;

d) A disposição dos alunos na sala de aula parece estar mais equilibrada; os alunos que anteriormente estavam mais isolados (três alunos da fila junto à parede), partilham, agora, a carteira com colegas com mais capacidades. Nota-se mesmo a evolução de um dos alunos (fila da parede, última carteira, junto à porta de entrada) que, embora com dificuldades, participou, acompanhou o decorrer da aula, mostrando mesmo satisfação no desenvolvimento das tarefas. Notei também o aluno com NEE mais calmo, mais acompanhado (devido ao parceiro do lado), não se distraíndo tanto, nem fazendo comentários despropositados. Apenas o aluno que mudou para o lugar da fila da janela, junto à secretária da professora, não me pareceu que tenha tido qualquer tipo de evolução positiva. Está desmotivado, distraído e parece-me que está a prejudicar o colega do lado, que acaba por se deixar influenciar por brincadeiras inoportunas. (para mim, é um tipo de aluno cujos interesses são completamente divergentes dos escolares e não me parece que o currículo regular seja a melhor resposta para um aluno com estas características).

e) Os alunos revelaram-se bastante motivados e atentos ao DVD, com diálogos em inglês, projetado pela professora no final da aula.

“Acreditar no poder transformador da reflexão implica compreendê-la como prática histórica e ideologicamente situada, passível de reproduzir ou transformar a ordem social existente.” (Moreira, 2010:?)

Os resultados foram-se sentindo, logo que o trabalho de investigação com os alunos começou. Foi um processo gradual, mas quando a tutoria de pares se instituiu os resultados foram imediatamente visíveis de uma forma positiva, com um reflexo muito proveitoso, não apenas na redução do número alunos com níveis dois, mas no aumento do número de alunos com níveis quatro e cinco.

Análise dos resultados da avaliação sumativa do 1º período

Quadro 24 - Percentagem de alunos com nível 3 ou superior

Ano de escolaridade	Inglês				
	Projeto Educativo	Avaliação Sumativa			
		10/11	11/12	12/13	5ºX
5º	95%	86%	87%	89%	80%

Ao observarmos o quadro 24, constatamos que no final do 1º período os resultados da turma em estudo ainda eram inferiores à média das restantes turmas de 5º ano, apesar de já se verificar uma melhoria em relação à avaliação diagnóstica.

Análise comparativa dos resultados da avaliação sumativa do 2º período

Quadro 25 - Percentagem de alunos com nível 3 ou superior

Ano de escolaridade	Inglês				
	Metas P.E.	Avaliação Sumativa – Médias			
		1º P (Média 5º)	5ºX	2º P (Média 5º)	5ºX
5º	95%	89,04%	80%	87,59%	90%

Ao longo do 3º período, houve uma alteração percentual do número de alunos com nível 3 ou superior, e verificou-se também uma melhoria nos resultados dos alunos que se traduziu no aumento do número de alunos de nível 3 que passaram a 4, e dos de nível 4 que obtiveram nível 5, como podemos verificar no quadro 25. Superou-se o resultado médio das restantes turmas e ficou-se muito perto da meta estabelecida pelo P.E. Não fosse o abandono escolar de 2 alunos, e teríamos 100% de sucesso.

Conforme se pode verificar no quadro 27, no início tínhamos sete alunos com nível 4 ou 5. Sete alunos com nível 3, dos quais apenas dois tinham percentagens superiores a 60% e cinco alunos com nível 2.

No final do 1º período, depois da aplicação dos questionários e da autoavaliação do comportamento e da frequência voluntária da Sala de Estudo, à 3ª feira depois da aula de Educação física (15.40h às 17.10h), foram atribuídos 1 nível 5, 7 níveis 4, 6 níveis 3 e 4 níveis 2.

No final do 2º período, após aplicação dos inquéritos, aulas supervisionadas, introdução da Tutoria de Pares e manutenção da autoavaliação semanal do comportamento (apêndice 4), estabelecimento de metas de aprendizagem (apêndice 5) e Sala de Estudo, de frequência voluntária, os resultados melhoraram, verificando-se apenas duas negativas e o aumento do número de níveis 3 e 4, apesar do aluno de nível 5 ter diminuído para 4, no 2º período, principalmente devido ao seu comportamento, voltando a recuperar no 3.º período.

Quadro 26- Análise da evolução dos resultados da turma, ao longo do ano

Nível/período	Teste diagnóstico	1º p	2ºp	3ºp
5	1	1	0	3
4	7	8	9	8
3	7	6	8	7
2	5	4	2	2
1	0	0	0	0

5. Conclusão

A supervisão formativa, colaborativa, sem caráter classificativo e entre pares, demonstrou ser uma ferramenta fundamental, por funcionar como um espelho que nos dá, além da imagem refletida e sobre a qual se reflete, sugestões de melhoria que foram muito válidas. A reflexão conjunta, as narrativas dialogadas, a colaboração entre pares e o diário reflexivo, foram uma mais-valia na melhoria dos resultados escolares do grupo de alunos e parece-nos que o recurso a estas estratégias por outros docentes poderá beneficiar bastante o seu desempenho e aumentar o seu nível de emancipação e de auto estima, bem como o dos seus alunos, melhorando os seus resultados escolares quer a nível da aquisição de capacidades cognitivas, quer sociais, como verificámos com a implementação deste trabalho que pretendemos divulgar e tentar contagiar outros docentes, através do nosso entusiasmo, para que estas práticas se tornem correntes.

A abertura das portas da sala à supervisão por parte de outros colegas, 'amigos críticos', as narrativas dialogadas, o diário reflexivo individual, as análises conjuntas e as propostas de melhoria, foram um processo difícil de percorrer, mas permitiram encontrar estratégias diferentes das normalmente utilizadas, como a autoavaliação semanal dos alunos e a tutoria de pares, que resultaram na melhoria dos resultados dos alunos e do desempenho profissional da docente investigadora, numa atitude emancipatória.

Através da metodologia de trabalho selecionada e aplicada a este grupo de alunos, desenvolveram-se práticas reflexivas sistemáticas, assistimos ao seu entusiasmo, ao seu envolvimento, à dedicação dos tutores e ao seu esforço para que os seus tutorandos atingissem as metas estabelecidas e negociadas, de forma a alcançarem o nível desejado.

A supervisão feita pelos colegas, as suas críticas e as suas propostas, bem como os diálogos e as narrativas que provocaram, pareceram-nos uma experiência enriquecedora, inesquecível e uma prática a instituir.

As estratégias iniciais aplicadas foram mantidas, pois os colegas supervisores consideram-nas um ponto forte.

Todas as sugestões de melhoria dos supervisores foram aceites e implementadas com sucesso, com destaque para a distribuição dos alunos pela sala (mapa de sala) e a tutoria de Pares.

O objetivo deste estudo concretizou-se e foi atingido, tendo a quase totalidade dos alunos melhorado os seus resultados iniciais. Apenas um único aluno terminou com uma percentagem inferior à inicial, porque teve uma assiduidade muito irregular, até que abandonou a escola, sendo o percurso do outro aluno que reprovou bastante semelhante.

Demonstrou-se que consideramos que o caminho a percorrer é o da metodologia reflexiva, colaborativa e transformadora, no sentido da emancipação e com o objetivo da melhoria dos resultados escolares, através de trabalhos de investigação sobre a nossa própria prática e através dos resultados alcançados pelos alunos, com características pouco favoráveis a um bom desempenho escolar, provou-se que é uma medida que pode ser considerada eficaz na melhoria dos resultados escolares, gratificante e estimulante para a autoestima do docente.

A questão orientadora deste trabalho teve uma resposta muito satisfatória, porque inspirada em autores, que têm sido uma referência marcante, e um modelo que a investigadora deste trabalho sempre tentou seguir, adaptando-o à realidade em que trabalha, aos colegas com que colabora e aos seus alunos.

O trabalho chegou ao final, mas poderia ser o início de outro trabalho, pois as questões tratadas nunca se esgotam. A investigadora sente ter cumprido, a sua missão, por ser coordenadora de departamento e ter dado o primeiro passo, abrindo as portas da sala e assumindo a necessidade de reflexão, colaboração, e de supervisão por parte de outros colegas, no sentido do seu desenvolvimento profissional.

Referências bibliográficas

- Afonso, N. (2005) *Investigação Naturalista em Educação: um guia prático e crítico*. Porto: edições ASA.
- Alarcão, I. (org.) (1996). *Formação Reflexiva de Professores - Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. (org.) (2000). *Escola Reflexiva e Supervisão - Uma Escola em Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. (2003). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica - Uma Perspetiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Alarcão, I. & Canha B. (2013). *Supervisão e Colaboração – Uma Relação para o Desenvolvimento*. Porto: Porto Editora.
- Bell, J. (2008). Projeto de pesquisa: *guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais*. Porto Alegre: Artmed.
- Bizarro, A. & Bizarro, R. (2005). *Carta educativa do concelho de Grândola*. Grândola. Edição da Câmara Municipal de Grândola.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Bond, R. & Castagnera, E. (2006). Peer supports and inclusive education: an underutilized resource. *Theory Into Practice*, Volume 45, issue 3, p. 224-229.
- Coll, C.; Martín, E.; Mauri, T.; Miras, M.; Onrubia, J.; Solé, I. & Zabala, A.; (2001). *O Construtivismo na Sala de Aula*. Porto: Edições Asa.
- Conselho da Europa (2002). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. Porto: Edições Asa.
- Diário da República (1986). Lei nº 46/86. *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Lisboa.

Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes*. Porto: Porto Editora.

Eraut, M. (2001). Prefácio. In C. Day, *Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora.

European Agency for Development in Special Needs Education (2003). *Inclusive Education and Classroom Practices- Summary Report*.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Gordon, Edward E. (2005). Peer tutoring. *A teacher's resource Guide*. Lanham, Maryland: ScarecrowEducation. Disponível online em http://books.google.pt/books?id=qRZS-fBOSgwC&pg=PR1&hl=pt-PT&source=gbs_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false (última consulta em 24-07-2013)

Guedes, P. (2009). *O portefólio no desenvolvimento de uma aprendizagem autorregulada - Um estudo de caso no 5º ano de escolaridade, na disciplina de Inglês*. Tese de Mestrado em Educação, Área de Especialização em Supervisão Pedagógica em Ensino da Línguas Estrangeiras. Braga: Universidade do Minho.

<http://www.ine.pt> – censos 2011

Klenowski, V. (2002). *Developing Portfolios for Learning and Assessment*. London: Routledge Falmer.

Martins, J. S. (2007) *O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio*. 5 ed. Campinas, SP: Papirus.

Ministério da Educação (s/d). *Programa de Inglês. Programa e Organização Curricular. Ensino Básico, 2º ciclo*. Lisboa.

Moreira, M. A. (2001). *A investigação-acção na formação reflexiva do professor estagiário de Inglês*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Moreira, M. A. (2005). *A investigação-acção na formação em supervisão no ensino de inglês: processos de (co)construção de conhecimento profissional*. Braga: Universidade do Minho.

Moreira, M. A. (Org.) (2011). *Narrativas dialogadas na investigação, formação e supervisão de professores*. Mangualde: Edições Pedagogo.

Novak, J. & Gowin, D. (1999). *Aprender a Aprender*. Lisboa: Plátano Edições.

Onofre, M. (1996). *A Supervisão pedagógica no contexto da formação didáctica em Educação Física*. In Carreiro da Costa et al. (Edts). *Formação de Professores em Educação Física. Concepções, Investigação, Prática*. Lisboa: FMH, pp. 75-118.

Ponte, J. P. (2002). *Investigar a nossa própria prática*. In GTI (Org), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.

Projeto Educativo do Agrupamento Vertical de Escolas de Grândola (2010/2013).

Reis, P. (2011). *Observação de aulas e Avaliação de Desempenho Docente*. Cadernos do CCAP-2. Lisboa: Ministério da Educação.

Santos, L., Portugal, I. & Lima, J. (2003). *Livro do Professor – Guia Prático*. Porto: Edições Asa.

Schön, D. (1998). *Educando o Profissional Reflexivo*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Schön, D. (2000). *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: ArtMed.

Seabra, I. e Monteiro I. (2009). *O Papel do Professor Tutor*. Ozarfaxinars, n.º5: revista, ISSN 1645-9180.

Terpstra, J. & Tamura, R. (2008). *Effective social interaction strategies for inclusive settings*. *Early childhood Educational Journal*, 35, 405-411. USA.

Vieira, F. (1995). *A autonomia na aprendizagem das línguas: sentido didáctico e implicações na formação de professores*. In *Ciências da Educação: investigação e acção*. Actas do II Congresso da sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Vol 1, Braga: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, pp. 235-243.

Vieira, F. (1998). *Autonomia na Aprendizagem da Língua Estrangeira*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.

Vieira, F. (2006). *Formação reflexiva de professores e pedagogia para a autonomia: para a constituição de um quadro ético e conceptual da supervisão pedagógica*. In F. Vieira, M.

Vieira, F. & Moreira, M. (1993). *Para Além dos Testes – A Avaliação Processual na Aula de Inglês*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.

Vieira, F.; Moreira, M. A.; Barbosa I.; Paiva, M. & Fernandes, I. (2006). *No Caleidoscópio da Supervisão: Imagens da Formação e da Pedagogia*. Mangualde: Edições Pedagogo.

Vieira, F. & Moreira, M. A. (2011). *Supervisão e avaliação do desempenho docente: Orientações para uma abordagem transformadora*. Cadernos do CCAP-1. Lisboa: Ministério da Educação.

Zabalza, M. (1995). “A avaliação no contexto da reforma”. In Zabalza, M. & Pacheco, J. (eds.). *A Avaliação dos Alunos dos Ensinos Básico e Secundário*. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.

Zeichner, K. (1998). *Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico* In: I. Geraldi, M. Corinta; D. Fiorentini & M. Elisabete (orgs.) *Cartografia do trabalho docente: professor(a) - pesquisador(a)*. Campinas, Mercado de Letras, pp. 207- 236.

Anexos - As planificações aparecem em anexo porque foram elaboradas colaborativamente pelas colegas que lecionam o 5.º ano de Inglês.

Anexo 1 - Planificação A New Sky Inglês 5.º ano 1.º período

UNIDADES	COMPETÊNCIAS (O aluno...)	CONTEÚDOS LINGUÍSTICOS	CONTEÚDOS GRAMATICAIS	CONTEÚDOS LEXICAIS	AULAS
Let's start!	Identifica: * Cores; * Números; * O alfabeto; * Objetos; * Dias da semana; * Meses e estações; * Material escolar; * Instruções.				2
1 a Hello! + Resource A b How old are you? + Resource B	* Apresenta-se; * Identifica-se a si próprio e ao seu interlocutor; * Dá e pede informações sobre o nome e a idade; * Conta até 20.	* <i>Hello/Hi</i> * <i>I'm ... / My name's...</i> * <i>What's your name?</i> * <i>How old are you?</i> <i>I'm ... years old.</i> * <i>How old is he/she?</i> <i>He/She is...</i>	* Verb to be (<i>I, you, he, she</i>) * Long/short forms * Possessive adjectives: <i>my/your</i> * <i>What</i> * Question phrase: <i>How old ...?</i> * Personal pronouns: <i>I, you, he, she</i>	* <i>Hello/Hi/</i> <i>Goodbye/Bye</i> * <i>Name</i> * <i>Me too.</i> * <i>Here's ...</i> * <i>Old</i> * <i>Good dog!</i> * <i>Best friend</i> * Numbers 1 – 20	2
2 a He's my little brother. + Resource C	* Dá e solicita informações sobre a família mais direta;	* <i>Who is ...?</i> * <i>He's my brother. / She's my sister.</i>	* <i>Who</i> * Possessive adjectives: <i>his/her</i>	* Family members: <i>father, mother, brother, sister,</i>	4

Anexos

b Lucky star	* Reconhece graus de parentesco; * Compreende uma pequena história.	* <i>What's his/her name?</i> * <i>His/Her name is ...</i>		<i>grandfather, grandmother</i>	
Revision Units 1 and 2 (Consolidation)					2
Take a Look – Ep. 1 (DVD)					1
3 a Good morning! + Resource D b It's a very funny cow! + Resource E	* Apresenta e cumprimenta outras pessoas; * Identifica alguns animais e objetos.	* <i>Good ... (morning).</i> * <i>How are you? (I'm) fine, thanks.</i> * <i>This is ... (Matt).</i> * <i>Nice to meet you.</i> * <i>What's that? It's a/an ...</i> * <i>Is it a/an ...? (Yes/No answers)</i>	* <i>How</i> * Personal pronoun: <i>it</i> * Indefinite article <i>a/an</i> * Demonstrative: <i>that</i> * Possessive adjective: <i>our</i>	* <i>Good morning/afternoon/evening/night</i> * Titles: <i>Mr/Mrs/Miss</i> * Animals * Objects	4
4 a Can you spell it? + Resource F b Me and my family	* Identifica <i>first name, middle name, surname</i> ; * Aprende o alfabeto inglês; * Soletra palavras; * Descreve a família e/ou o melhor amigo.	* <i>What's your first name/middle name/surname?</i> * <i>Can you spell it, please?</i> * <i>I'm from ...</i>	* Verb <i>can</i> (requests) * <i>What</i>	* <i>First name, middle name, surname</i> * <i>Spell</i>	4
Revision Units 3 and 4 (Consolidation)					2
Puzzle Story 1 (Livro de Exercícios)					1
Take a Look – Ep. 2 (DVD)					1
Halloween	* Identifica aspetos culturais de países de expressão inglesa e outros.				2
5 a What colour is it? b Where's Dido?	* Identifica as cores, objetos e peças de vestuário; * Descreve uma casa: divisões e mobiliário; * Localiza a posição de diversos objetos.	* <i>What colour is it?</i> * <i>What's your favourite colour?</i> * <i>Here you are.</i> * <i>Where is the...?</i> * <i>Is he/she/it... (in the bedroom)? (Yes/No answers)</i>	* Question phrase: <i>What colour...?</i> * <i>Where</i> * Prepositions of place: <i>in, on, under, behind</i>	* Colours (<i>favourite</i>) * Clothes * Objects * House / rooms/furniture	4
Christmas	* Identifica aspetos culturais do Reino Unido e de outros países.				2

Planificação A New Sky Inglês 5.º ano 2.º período

UNIDADES	COMPETÊNCIAS (O aluno...)	CONTEÚDOS LINGUÍSTICOS	CONTEÚDOS GRAMATICAIS	CONTEÚDOS LEXICAIS	AULAS
6 a Two hot dogs, please. + Resource J b The go-kart final!	<ul style="list-style-type: none"> * Identifica alimentos; * Pede para ser servido; * Aceita ou recusa uma oferta; * Compreende uma história. 	<ul style="list-style-type: none"> * <i>Can I have...?</i> * <i>Yes, here you are.</i> * <i>Anything else?</i> * <i>Yes, please. / No, thanks.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> * Verb <i>can</i> (request) * Singular/Plural (nouns) 	<ul style="list-style-type: none"> * Food items 	4
Revision Units 5 and 6 (Consolidation)					2
7 a We're from the USA. + Resource K b They're lion cubs. + Resource L	<ul style="list-style-type: none"> * Identifica diferentes países; * Exprime a sua naturalidade (cidade, país) ou a de outras pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> * <i>Where are you from?</i> * <i>Where are they from?</i> * <i>I'm from...</i> * <i>We/They are from...</i> * <i>Are you/they from...?</i> (Yes/No answers) 	<ul style="list-style-type: none"> * Prepositions of place: <i>in, from</i> * Question phrase: <i>Where... from?</i> * Verb <i>to be</i> (<i>we/they</i>) * Personal pronouns (<i>we/they</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> * Countries * Cities/Towns * Animals 	4
8 a Matt's new bike. + Resource L b The United Kingdom	<ul style="list-style-type: none"> * Identifica objetos de uso comum; * Diz o que possui; * Identifica partes do Reino Unido; * Descreve o seu país. 	<ul style="list-style-type: none"> * <i>It's Matt's bike.</i> * <i>They're Tim's comics.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> * The possessive case 	<ul style="list-style-type: none"> * Common possessions 	4
Revision Units 7 and 8 (Consolidation)					1
Puzzle Story 2 (Livro de Exercícios)					1
Take a Look – Ep. 3 (DVD)					1
9 a I've got a new game. + Resource M b We've got Maths today. + Resource N	<ul style="list-style-type: none"> * Identifica objetos pessoais; * Pergunta e responde sobre o que possui; * Identifica os dias da semana; * Identifica as disciplinas; * Exprime preferência. 	<ul style="list-style-type: none"> * <i>I've got a/an ... but I haven't got a/an ...</i> * <i>Have you got...?</i> (Yes/No answers) * <i>I love .../I hate .../I really like...</i> * <i>What day is it today?</i> 	<ul style="list-style-type: none"> * Verb <i>have got</i> (<i>I/you/we</i>) * Short and long forms * Indefinite article: <i>a/an</i> * <i>What/When</i> * Preposition of time: <i>on</i> 	<ul style="list-style-type: none"> * School subjects (timetable) * Days of the week 	4

		* <i>When have we got ... (Art)?</i> * <i>(Art's) on (Thursday)</i>			
10 a Can you swim? + Resource O b Drama at Bird Island	* Identifica ações; * Exprime capacidade; * Compreende uma história.	* <i>Can you/he/she ... (swim)?</i> (Yes/No answers)	* Verb <i>can</i> (ability) * Short and long forms * Personal pronouns: <i>I/you/he/she</i>	* Actions	4
Revision Units 9 and 10 (Consolidation)					2
11 a He's got sharp teeth! + Resource P b Jump! + Resource Q	* Identifica partes do corpo; * Dá e obedece a ordens.	* <i>What's his name?</i> * <i>What colour is it?</i> * <i>Has he/she got ...?</i> (Yes/No answers)	* Verb <i>have got</i> (<i>he/she/it</i>) * Short and long forms * Imperatives (affirmative)	* Parts of the body * Adjectives: <i>big, small, long, short, sharp</i> * Action verbs * Instructions	4
Easter	* Identifica aspetos culturais do Reino Unido e de outros países.				2

Planificação A *New Sky* Inglês 5.º ano 3.º período

UNIDADES	COMPETÊNCIAS (O aluno...)	CONTEÚDOS LINGUÍSTICOS	CONTEÚDOS GRAMATICAIS	CONTEÚDOS LEXICAIS	AULAS
12 a Don't laugh! + Resource R b Favourite pets	* Dá e segue ordens/instruções; * Descreve animais de estimação.	* <i>Don't... (laugh)!</i>	* Imperatives (negative) * Verbs: <i>to be, have got, can ...</i>	* Verbs * Pets: <i>dog, cat, rabbit, budgie, hamster</i>	4
Revision Units 11 and 12 (Consolidation)					1
Puzzle Story 3 (Livro de Exercícios)					1
Take a Look! – Ep. 4 (DVD)					1
13 a How much is it? + Resource S b It's nine o'clock. + Resource T	* Pede e dá informações sobre preços; * Conhece a moeda britânica; * Conta de 21 a 100; * Diz que horas são; * Pergunta e dá informação sobre horas.	* <i>How much is/are the ...?</i> * <i>What time is it?</i> * <i>It's (nine) o'clock.</i> * <i>It's half past (eight).</i> * <i>What time is Friends on TV?</i> * <i>It's at (seven) o'clock.</i>	* Question phrases: <i>How much ...? / What time ...?</i> * Preposition of time: <i>at</i>	* Numbers 21-100 * British money: <i>pound, pence</i> * <i>Clock</i> * Favourite TV programme * Meals: <i>breakfast, lunch,</i>	4

				<i>dinner</i>	
14 a Do you like tuna? + Resource U b Don't say 'cheese'!	* Exprime preferência sobre alimentos; * Pede opinião; * Compreende uma história.	* <i>Do you like ...?</i> (Yes/No answers) * <i>I like ... but I don't like...</i> * <i>What about you, (Lisa)?</i>	* Verb <i>to like</i> - Present simple (<i>I/you</i>) * Connector: <i>but</i>	* Food and drink	4
Revision Units 13 and 14 (Consolidation)					2
15 a She likes pop music. + Resource V b I get up at 7.30. + Resource W	* Pede e dá informações sobre gostos e preferências; * Faz sugestões; * Escreve sobre o(a) cantor(a) preferido(a); * Descreve uma rotina diária.	* <i>Does he/she like ...?</i> (Yes/No answers) * <i>He/she likes ... but he/she doesn't like ...</i> * <i>What about ... (a CD)?</i> * <i>What time do you ... (get up)?</i>	* Verb <i>to like</i> - Present simple (<i>he/she</i>) * Present simple affirmative, interrogative (<i>I/you</i>) * Question phrase: <i>What time</i> * Preposition of time: <i>at</i>	* Daily routine activities	4
16 a She plays football. + Resource X b A day in the life of...	* Pede e dá informações sobre rotina diária; * Exprime preferência; * Descreve uma rotina.	* <i>What time does he/she ...?</i> * <i>What time do they ...?</i> * <i>His/Her favourite sport is ...</i>	* Present simple affirmative, interrogative, negative * Prepositions: <i>at/after/on/in/from/to</i>	* Sports * Daily activities	4
Revision Units 15 and 16 (Consolidation)					1
Puzzle Story 4 (Livro de Exercícios)					1
Take a Look – Ep. 5 (DVD)					1

Planificação B New Sky Inglês 5.º ano 1.º período

UNIDADES	COMPETÊNCIAS (O aluno...)	CONTEÚDOS LINGÜÍSTICOS	CONTEÚDOS GRAMATICAIS	CONTEÚDOS LEXICAIS	AULAS
Let's start!	Identifica: * Cores; * Números; * O alfabeto; * Objetos; * Dias da semana; * Meses e estações; * Material escolar; * Instruções.				3
1 a Hello! + Resource A b How old are you? + Resource B	* Apresenta-se; * Identifica-se a si próprio e ao seu interlocutor; * Dá e pede informações sobre o nome e a idade; * Conta até 20.	* <i>Hello/Hi</i> * <i>I'm ... / My name's...</i> * <i>What's your name?</i> * <i>How old are you?</i> <i>I'm ... years old.</i> * <i>How old is he/she? He/She is...</i>	* Verb <i>to be (I, you, he, she)</i> * Long/short forms * Possessive adjectives: <i>my/your</i> * <i>What</i> * Question phrase: <i>How old ...?</i> * Personal pronouns: <i>I, you, he, she</i>	* <i>Hello/Hi/ Goodbye/Bye</i> * <i>Name</i> * <i>Me too.</i> * <i>Here's ...</i> * <i>Old</i> * <i>Good dog!</i> * <i>Best friend</i> * Numbers <i>1 – 20</i>	5
2 a He's my little brother. + Resource C b Lucky star	* Dá e solicita informações sobre a família mais direta; * Reconhece graus de parentesco; * Compreende uma pequena história.	* <i>Who is ...?</i> * <i>He's my brother. / She's my sister.</i> * <i>What's his/her name?</i> * <i>His/Her name is ...</i>	* <i>Who</i> * Possessive adjectives: <i>his/her</i>	* Family members: <i>father, mother, brother, sister, grandfather, grandmother</i>	5
Revision Units 1 and 2 ((Consolidation+evaluation)					2
Take a Look – Ep. 1 (DVD)					1
3 a Good morning! + Resource D b It's a very funny cow!	* Apresenta e cumprimenta outras pessoas; * Identifica alguns animais e	* <i>Good ... (morning).</i> * <i>How are you?</i> <i>(I'm) fine, thanks.</i>	* <i>How</i> * Personal pronoun: <i>it</i> * Indefinite article <i>a/an</i>	* <i>Good morning/afternoon/evening/night</i>	5

+ Resource E	objetos.	* <i>This is ... (Matt).</i> * <i>Nice to meet you.</i> * <i>What's that? It's a/an ...</i> * <i>Is it a/an ...? (Yes/No answers)</i>	* Demonstrative: <i>that</i> * Possessive adjective: <i>our</i>	* Titles: <i>Mr/Mrs/Miss</i> * Animals * Objects	
4 a Can you spell it? + Resource F b Me and my family	* Identifica <i>first name, middle name, surname</i> ; * Aprende o alfabeto inglês; * Soletra palavras; * Descreve a família e/ou o melhor amigo.	* <i>What's your first name/middle name/surname?</i> * <i>Can you spell it, please?</i> * <i>I'm from ...</i>	* Verb <i>can</i> (requests) * <i>What</i>	* <i>First name, middle name, surname</i> * <i>Spell</i>	5
Revision Units 3 and 4 (Consolidation+evaluation)					2
Puzzle Story 1 (Livro de Exercícios)					1
Take a Look – Ep. 2 (DVD)					1
Halloween	* Identifica aspetos culturais de países de expressão inglesa e outros.				1
5 a What colour is it? b Where's Dido?	* Identifica as cores, objetos e peças de vestuário; * Descreve uma casa: divisões e mobiliário; * Localiza a posição de diversos objetos.	* <i>What colour is it?</i> * <i>What's your favourite colour?</i> * <i>Here you are.</i> * <i>Where is the...?</i> * <i>Is he/she/it... (in the bedroom)? (Yes/No answers)</i>	* Question phrase: <i>What colour...?</i> * <i>Where</i> * Prepositions of place: <i>in, on, under, behind</i>	* Colours (<i>favourite</i>) * Clothes * Objects * House / rooms/furniture	5
Christmas	* Identifica aspetos culturais do Reino Unido e de outros países.				2

Planificação B New Sky Inglês 5.º ano 2.º período

UNIDADES	COMPETÊNCIAS (O aluno...)	CONTEÚDOS LINGUÍSTICOS	CONTEÚDOS GRAMATICAIS	CONTEÚDOS LEXICAIS	AULAS
6 a Two hot dogs, please. + Resource J b The go-kart final!	* Identifica alimentos; * Pede para ser servido; * Aceita ou recusa uma oferta; * Compreende uma história.	* <i>Can I have...?</i> * <i>Yes, here you are.</i> * <i>Anything else?</i> * <i>Yes, please. / No, thanks.</i>	* Verb <i>can</i> (request) * Singular/Plural (nouns)	* Food items	5
Revision Units 5 and 6 (Consolidation+evaluation)					2
7 a We're from the	* Identifica diferentes países;	* <i>Where are you from?</i>	* Prepositions of place: <i>in, from</i>	* Countries	5

USA. + Resource K b They're lion cubs. + Resource L	* Exprime a sua naturalidade (cidade, país) ou a de outras pessoas.	* <i>Where are they from?</i> * <i>I'm from...</i> * <i>We/They are from...</i> * <i>Are you/they from...?</i> (Yes/No answers)	* Question phrase: <i>Where... from?</i> * Verb <i>to be (we/they)</i> * Personal pronouns (<i>we/they</i>)	* Cities/Towns * Animals	
8 a Matt's new bike. + Resource L b The United Kingdom	* Identifica objetos de uso comum; * Diz o que possui; * Identifica partes do Reino Unido; * Descreve o seu país.	* <i>It's Matt's bike.</i> * <i>They're Tim's comics.</i>	* The possessive case	* Common possessions	5
Revision Units 7 and 8 (Consolidation+evaluation)					2
Puzzle Story 2 (Livro de Exercícios)					1
Take a Look – Ep. 3 (DVD)					1
9 a I've got a new game. + Resource M b We've got Maths today. + Resource N	* Identifica objetos pessoais; * Pergunta e responde sobre o que possui; * Identifica os dias da semana; * Identifica as disciplinas; * Exprime preferência.	* <i>I've got a/an ... but I haven't got a/an ...</i> * <i>Have you got...?</i> (Yes/No answers) * <i>I love .../I hate .../I really like...</i> * <i>What day is it today?</i> * <i>When have we got ... (Art)?</i> * <i>(Art's) on (Thursday)</i>	* Verb <i>have got (I/you/we)</i> * Short and long forms * Indefinite article: <i>a/an</i> * <i>What/When</i> * Preposition of time: <i>on</i>	* School subjects (timetable) * Days of the week	5
Easter	* Identifica aspetos culturais do Reino Unido e de outros países.				2

Planificação B New Sky Inglês 5.º ano 3.º período

UNIDADES	COMPETÊNCIAS (O aluno...)	CONTEÚDOS LINGUÍSTICOS	CONTEÚDOS GRAMATICAIS	CONTEÚDOS LEXICAIS	AULAS
10 a Can you swim? + Resource O b Drama at Bird Island	* Identifica ações; * Exprime capacidade; * Compreende uma história.	* <i>Can you/he/she ... (swim)?</i> (Yes/No answers)	* Verb <i>can</i> (ability) * Short and long forms * Personal pronouns: <i>I/you/he/she</i>	* Actions	5

Revision Units 9 and 10 (Consolidation+evaluation)					2
11 a He's got sharp teeth! + Resource P b Jump! + Resource Q	* Identifica partes do corpo; * Dá e obedece a ordens.	* <i>What's his name?</i> * <i>What colour is it?</i> * <i>Has he/she got ...?</i> (Yes/No answers)	* Verb <i>have got (he/she/it)</i> * Short and long forms * Imperatives (affirmative)	* Parts of the body * Adjectives: <i>big, small, long, short, sharp</i> * Action verbs * Instructions	5
12 a Don't laugh! + Resource R b Favourite pets	* Dá e segue ordens/instruções; * Descreve animais de estimação.	* <i>Don't... (laugh)!</i>	* Imperatives (negative) * Verbs: <i>to be, have got, can ...</i>	* Verbs * Pets: <i>dog, cat, rabbit, budgie, hamster</i>	5
Revision Units 11 and 12 (Consolidation+evaluation)					2
Puzzle Story 3 (Livro de Exercícios)					1
Take a Look! – Ep. 4 (DVD)					1
13 b It's nine o'clock. + Resource T	* Conta de 21 a 100; * Diz que horas são; * Pergunta e dá informação sobre horas.	* <i>What time is it?</i> * <i>It's (nine) o'clock.</i> * <i>It's half past (eight).</i> * <i>What time is Friends on TV?</i> * <i>It's at (seven) o'clock.</i>	* Question phrases: <i>What time ...?</i> * Preposition of time: <i>at</i>	* Numbers 21-100 * <i>Clock</i> * Favourite TV programme * Meals: <i>breakfast, lunch, dinner</i>	3
Revision + Prova de Aferição Interna					2
Activities – (School's out)					1



Anexo 1c – Matriz de competências e conteúdos essenciais Inglês 5º ano

MATRIZ DE COMPETÊNCIAS E CONTEÚDOS

ÁREA CURRICULAR: Inglês

ANO: 5º

2º CICLO

Aulas

ANO LETIVO

2012/2013

1º P: 39

2º P: 29

3º P: 28

Total: 96

Conteúdos	Competências	Avaliação/ Instrumentos *
Greetings; Name; Age; Numbers 1-20; Verb to be; Possessive adjectives; Question words: What / How old / Who / How; Personal pronouns; Family members; Possessive adjectives; Titles and greetings; Animals;	Desenvolver atitudes positivas perante universos culturais e sociais diferenciados; Compreensão Oral Compreender o essencial de um texto simples, breve e claro, relacionado com os aspetos da vida quotidiana Compreensão Escrita Compreende o essencial de um texto simples, breve e claro, relacionado com aspetos da vida quotidiana. Entende acontecimentos relatados Utiliza frases simples e curtas para falar de si, dos outros e da família. Compreende pequenos textos e elabora respostas adequadas às situações.	Fichas (2 por período) Questionário individual (2 observações por período)

<p>Objects;</p> <p>Indefinite article: a/an;</p> <p>Demonstrative: that/this;</p> <p>First name, middle name, surname;</p> <p>The alphabet;</p> <p>Can (request);</p> <p>Colours ;</p> <p>Common possessions;</p> <p>Prepositions of place: in, on, under, behind;</p> <p>Rooms of the house and furniture;</p> <p>Food and drink;</p> <p>Prepositions: in/from +country;</p> <p>Countries;</p> <p>Have got;</p> <p>School subjects;</p> <p>Prepositions: in (+day);</p> <p>Days of the week;</p> <p>Can/can't (ability): affirmative, negative, questions;</p> <p>Activities;</p> <p>The time;</p>	<p>Expressão Oral</p> <p>Utilizar frases simples e curtas para falar de si, dos outros e da família;</p> <p>Compreender pequenos textos e elabora respostas adequadas às situações.</p> <p>Expressão Escrita</p> <p>Escreve pequenos textos estruturados, selecionando no conjunto de saberes disponíveis, enunciados, estruturas linguísticas e vocábulos necessários aos temas propostos</p> <p>Desenvolver atitudes positivas perante universos culturais e sociais diferenciados</p>	<p>Fichas (2 por período)</p> <p>Trabalho individual/grupo (1 ou 2 apresentações por período)</p>
---	--	---

<p>To be questions: what time...?;</p> <p>Prepositions: at(+time);</p> <p>Meal times;</p> <p>Action verbs;</p> <p>Instructions;</p> <p>Imperatives (affirmative / negative).</p>		<p>Fichas (2 por período)</p> <p>Trabalho individual/grupo</p>
--	--	--

*Avaliação diagnóstica, contínua, formativa, sumativa, auto e hétero.

Anexo 2 – Critérios específicos de avaliação – GRELHA COMUM A ADOPTAR PARA O DOMÍNIO DOS CONHECIMENTOS E CAPACIDADES

DOMÍNIO A AVALIAR	DISCIPLINA OU ÁREA CURRICULAR DISCIPLINAR	PARÂMETROS (tendo em conta as competências esperadas para o ciclo de escolaridade)	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	PONDERAÇÃO (%)	
				Por Parâmetro	TOTAL
CONHECIMENTOS E CAPACIDADES (SABER/SABER FAZER)	INGLÊS 2º CICLO 5º ANO	COMPREENSÃO ORAL	Fichas	15	80%
		COMPREENSÃO ESCRITA	Fichas	20	
		EXPRESSÃO ORAL	Trabalho individual/grupo*	15	
		EXPRESSÃO ESCRITA	Fichas / Trabalho individual/grupo*	30	

*Observação Direta

Anexo 2 a – Critérios gerais de avaliação

COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS 2º Ciclo (5º ano)

DOMÍNIOS A AVALIAR	PARÂMETROS (tendo em conta as competências esperadas para o 1º CEB)	INDICADORES DE MEDIDA	PONDERAÇÃO (%)		
			Por Indicador	Por Parâmetro	TOTAL
ATITUDES E VALORES (SABER SER)	Pontualidade	Nunca chegou atrasado no período Chegou atrasado de 1 a 3 vezes por período Chegou atrasado 4 ou mais vezes por período	3 1,5 0	3	20
	Respeito pelos colegas e pelo professor	Respeitou sempre o professor ou os colegas, no período Não respeitou o professor ou os colegas de 1 a 3 vezes , no período Não respeitou o professor ou os colegas 4 ou mais vezes , no período	3 1,5 0	3	
	Cumprimento das regras de bom funcionamento da aula	Nunca perturbou o bom funcionamento da aula, no período Perturbou de 1 a 3 vezes o bom funcionamento da aula, no período Perturbou 4 ou mais vezes o bom funcionamento da aula, no período	3 1,5 0	3	
	Cumprimento das tarefas/trabalhos propostos, nos prazos definidos	Cumpriu sempre as tarefas/trabalhos propostos Não cumpriu as tarefas/trabalhos propostos de 1 a 3 vezes , por período Não cumpriu as tarefas/trabalhos propostos 4 ou mais vezes , por período	4 2 0	4	
	Cumprimento das tarefas/trabalhos propostos, com qualidade	Apresentou/fez sempre as tarefas com qualidade Apresentou/fez algumas vezes as tarefas com qualidade Não apresentou/fez as tarefas com qualidade	4 2 0	4	
	Responsabilização pelos materiais necessários para o bom funcionamento da disciplina	Trouxe sempre o material necessário, no período Não trouxe o material necessário de 1 a 3 vezes , por período Não trouxe o material necessário 4 ou mais vezes , por período	3 1,5 0	3	
LÍNGUA PORTUGUESA	Correcção ortográfica e semântica	Nunca deu erros ortográficos nem semânticos, no período Deu até 3 erros ortográficos e semânticos, no período Deu mais de 4 erros ortográficos e semânticos, no período	1,5 0,75 0	1,5	3*
	Organização do discurso oral e escrito	Apresentou sempre um discurso claro e coerente Não apresentou um discurso claro e coerente, de 1 a 3 vezes , no período Não apresentou um discurso claro e coerente, 4 ou mais vezes , no período	1,5 0,75 0	1,5	

*Na disciplina de Língua Portuguesa e Línguas Estrangeira, a ponderação atribuída à competência transversal de LP é somada à ponderação no domínio dos conhecimentos e capacidades

Face a um conflito que fazer?

Ajudar a resolvê-lo	O que dificulta a sua resolução
<ul style="list-style-type: none">- Acalmar-se- Escutar ativamente- Utilizar uma linguagem respeitosa- Distinguir o problema da pessoa- Centrar a atenção no problema- Saber pedir desculpa quando se comente erros.- Propor soluções- Tentar chegar a acordos	<ul style="list-style-type: none">- Insultar- Ameaçar- Culpabilizar- Acusar- Ridicularizar o outro- Julgar- Ver apenas a nossa posição- Brigar- Trazer à baila outras questões não ligadas ao conflito

Material cedido na Ação de Formação "Autodisciplina na Sala de Aula: Alunos mais Envolvidos e Professores mais Confiantes?", proferida pela doutoranda Celina Arroz

Anexo 4 – Habilidades Sociais Face a uma Situação de Conflito

- 1- Respeitar as emoções.
- 2- Escutar.
- 3- Ser afetuoso quando está a comunicar.
- 4- Respeitar os diferentes pontos de vista de ambas as partes.
- 5- Ser imparcial.
- 6- Manter a calma perante a situação.
- 7- Controlar a impulsividade.
- 8- Tentar compreender as razões e sentimentos das partes.
- 9- Não criticar, não fazendo juízos de valor.
- 10- Controlar a ira.
- 11- Tentar perceber os interesses das partes.

Material cedido na Ação de Formação “Autodisciplina na Sala de Aula: Alunos mais Envolvidos e Professores mais Confiantes?”, proferida pela doutoranda Celina Arroz

Atividade: Usar estrategicamente o elogio e a recompensa e o encorajamento
Competências a promover nos alunos: O orgulho pelos seus comportamentos, a autodisciplina
Autor: George Bear

1- Usar o elogio e recompensa por razões que vão para além do reforço positivo

O elogio e a recompensa servem múltiplas funções mais do que o reforço positivo, no ensino das competências sociais e emocionais. O mais importante é que elas ajudam a criar e a manter relações positivas entre professor-alunos. Os alunos valorizam os professores que demonstrem calor humano, que sejam carinhosos, que encorajem, que tenham espontaneidade e mostrem sinceridade.

Interesse e carinho:

“Lindo corte de cabelo, Maria!”

“Eu ouvi dizer na sala de professores que o João teve uma excelente participação no jogo de futebol, neste fim- de- semana, parabéns!”

O elogio e a recompensa servem uma outra valiosa função, ajudar os alunos a aprenderem comportamentos desejados por forma indireta, vendo outros (na vida real, vídeo, estórias, role play) elogiando ou recompensando.

2-Focar-se na mensagem: valorizar a função informativa do elogio e da recompensa, mais do que uma função de controlo.

” O elogio ou a recompensa são simplesmente usados para te ajudar e outros reconhecerem, aprenderem e apreciarem a importância desse comportamento e informar-te como tu estás conseguindo fazer”.

Esta abordagem contrasta com estas mensagens de controlo que devem ser evitadas:

“Aqui está o que tu deves fazer para eu de dar, ou mereceres, brinquedos, recompensas ou elogios” ou “Se acreditares eu recompensar-te-ei”

É recomendado que em vez das palavras recompensa e reforço, distribuídas pelos alunos, que se utilizem as palavras reconhecimento/aprovação.

3-Evitar ensinar aos alunos que a razão mais importante para atuar de uma maneira moralmente e socialmente responsável é ganhar recompensas ou ser elogiado.

Este tipo de motivação é uma motivação extrínseca, vinda de fora, queremos que os nossos alunos sejam motivados intrinsecamente.

Pergunta que posso fazer como professor - Estou eu ensinando que as melhores pessoas são aquelas que ganham as maiores recompensas externas?

4- Os processos cognitivos e emocionais do elogio e recompensa e disposições associadas com a autodisciplina

Muitas vezes os educadores têm como objetivo a observação de comportamentos específicos e operacionalmente definidos, excluindo-se como os alunos pensam e sentem, consistindo isso os processos cognitivos e emocionais que muitas vezes estão por detrás dos comportamentos. Os professores também devem usar o elogio e a recompensa para reconhecimento e reforçar processos desejáveis cognitivos e emocionais expressos pelos alunos. Devem-no fazer verbalmente, por escrito ou fisicamente (um sorriso, uma mão em cima dos ombros...). Os processos sociais e emocionais, tais como ter uma perspectiva dos outros, pensar soluções alternativas, avaliar soluções, empatia, regulação da ira e assumir as suas responsabilidades pelas suas ações. Os processos incluirão disposições globais, como carinho, honestidade, amizade.

5- Usar a recompensa somente ocasionalmente por um comportamento que é intrinsecamente motivado e mais vezes por um comportamento que não é intrinsecamente motivado.

Não usar mais controlo externo do que o necessário para produzir o comportamento desejado. Quando os alunos não estão intrinsecamente motivados, o uso do elogio e recompensa é insuficiente para motivar o comportamento desejado, então o professor considerará implementar mais um sistema de reforço positivo. O seu uso do elogio deverá reduzir-se a partir do momento em que o comportamento desejado aumenta.

6- Especificar o que é ser elogiado e recompensado

Refere-se a duas coisas, ao comportamento específico que é sujeito ao elogio ou recompensa e como o comportamento é bem realizado. Comportamento incluirá esforço. Elogiando ou recompensando o esforço é importante numa perspectiva motivacional porque o esforço é controlado pelo aluno. Por isso, é importante reforçar o progresso ou sucessivas aproximações, para realização do comportamento. Tal progresso pode ser visto /observado no comportamento do aluno ou o esforço sincero pode ser verbalizado pelo aluno.

Uma comparação com outros que fazem bem:

“ Obrigado por fazeres o que Érica e o João fizeram – levantar a mão antes de falares”.

Comparação com o próprio aluno que mostra progressos:

“ Jenny, , ontem tu fizeste uma leitura atabalhoada, omitindo por três vezes palavras do texto, hoje, leste muito bem sem acontecer isso uma única vez, bom trabalho! EU apreciei isso

OU

“Excelente, Maurício! Tu demonstraste respeito ao levatares a mão e esperares por autorização para falares antes de falares”

-Aprender é alcançar algum nível de excelência - se houve uma certa quantidade de esforço, se o aluno soube resolver um problema ou se respondeu corretamente a uma

certa percentagem de perguntas dadas – pode ajudar os alunos a saberem onde focar as suas energias no futuro, isto pode ser uma fonte poderosa de motivação.

-Minimizar o controlo externo e adotar a autodisciplina, os alunos participarão ativamente para alcançarem os níveis desejados e são encorajados a desenvolver e adotar metas e níveis pessoais.

Para ajudar a desenvolver, reforçar ou reconhecer competências específicas:

“Joana, uma parte importante da discussão mostrou que tu és capaz de escutar e respeitar as opiniões dos outros. Tu demonstraste que tu não interrompestes quando o Afonso estava em desacordo contigo”.

7- Quando se usar um propósito de reforço, fazendo o elogio ou a recompensa, no sucesso pela demonstração do comportamento desejado ou pelo esforço despendido

Os alunos não devem ser elogiados ou recompensados por pobres realizações ou pouco esforço.

8- Encorajar alunos para se autoavaliarem e se autorreforçarem pelos seus prosociais comportamentos e terem orgulho pelos seus comportamentos

Elogio ou recompensa têm a função de reconhecerem ou verificarem significantes progressos em ações, escolhas, realizações, esforços, que de volta criarão sentimentos de orgulho.

“Excelente escolha, Viviana, sentir-te-ás orgulhosa por ti própria por não empurrar a Eva, nesta situação”

Um sentido de orgulho será encorajado não como um resultado de um elogio ou recompensa externos, mas mais importante, como um resultado de autoavaliação. Desafiar os alunos a refletir, avaliar e reforçar o seu próprio comportamento. Este desafio incluirá a autoavaliação e o reforço de competências sociais na resolução de problemas, como pensar alternativas, considerações sobre perspetivas de outros. Autoavaliação será baseada nos níveis estabelecidos nas expectativas e regras e nas aulas integradas no currículo. Para facilitar este processo e adotar uma motivação intrínseca será importante encorajar os alunos a avaliarem os seus comportamentos, baseados nos seus próprios níveis (quando são eles socialmente e moralmente responsáveis).

Material cedido na Ação de Formação “Autodisciplina na Sala de Aula: Alunos mais Envolvidos e Professores mais Confiantes?”, proferida pela doutoranda Celina Arroz

ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR – 1.º ANO
CONTEÚDOS PLANIFICADOS/CONTEÚDOS TRABALHADOS/COMPETÊNCIAS
DESENVOLVIDAS

Ensino do Inglês		
Conteúdos		Competências Desenvolvidas
Planificados	Trabalhados	
.Greetings and presentation .Classroom language .Halloween .Numbers to ten · Colours · Christmas · Birthdays .Winter /Autumn · My Family ·Valentine´s Day · My house . School Objects .Spring · Father´s Day · Easter . My body · Mother's Day .My pets · Feelings . Clothes . Summer	.Greetings and presentation .Classroom language .Halloween .Numbers to ten · Colours · Christmas · Birthdays .Winter /Autumn · My Family ·Valentine´s Day · My house . School Objects .Spring · Father´s Day · Easter . My body · Mother's Day .My pets · Feelings . Clothes . Summer	<ul style="list-style-type: none"> · Cumprimentar alguém · Perguntar o nome e responder · Compreender ordens simples relacionadas com as regras da sala de aula · Reconhecer vocabulário ligado aos temas · Dizer e perguntar a idade · Dizer os números até 10 · Reconhecer algumas cores · Tomar conhecimento de aspectos interculturais relacionados com datas comemorativas · Playground activities
Docente/Técnico: Simone Santos		

Anexo 6ª - ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR – 4.º ANO
CONTEÚDOS PLANIFICADOS/CONTEÚDOS TRABALHADOS/COMPETÊNCIAS
DESENVOLVIDAS

Ensino do Inglês		
Conteúdos		Competências Desenvolvidas
Planificados	Trabalhados	
.Greetings and presentation .Classroom language/School Objects .Autumn .Halloween .Means of transport .Cardinal Numbers .Ordinal Numbers .Weather .Months of the year .Christmas .Winter .Physical .Appearance .Illness .Time .S. Valentim .Daily Routine .Spring .Father's Day .Shopping/Money .Easter .Countries and Nationalities .Sports .Mother's Day Free time activities Food/Fruit/Drink .The Earth .Solar System .Summer	.Greetings and presentation .Classroom language/School Objects .Autumn .Halloween .Means of transport .Cardinal Numbers .Ordinal Numbers .Weather .Months of the year .Christmas .Winter .Physical .Appearance .Illness .Time .S. Valentim .Daily Routine .Spring .Father's Day .Shopping/Money .Easter .Countries and Nationalities .Sports .Mother's Day Free time activities Food/Fruit/Drink .The Earth .Solar System .Summer	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e repetir todo o vocabulário - Compreender quando alguém o cumprimenta e saber cumprimentar alguém - Distinguir as diferentes formas de cumprimentos durante o dia - Estabelecer regras da sala de aula - Reconhecer e identificar a linguagem da sala de aula - Identificar os meios de transporte e a forma como se desloca para a escola - Reconhecer alguns sinais de trânsito - Identificar a estação do ano, assim como as cores predominantes e os frutos - Compreender a importância do Halloween como tradição e conhecer os seus costumes - Identificar e reconhecer os numerais cardinais - Identificar e reconhecer os numerais ordinais - Reconhecer e enunciar os meses do ano - Identificar os diferentes estados do tempo - Compreender e comparar tradições - Distinguir estações do ano - Compreender e reconhecer algumas doenças - Compreender e comparar tradições - Distinguir acções da rotina diária - Identificar e repetir todo o vocabulário - Distinguir vocabulário relacionado com compras e dinheiro (Libra) - Distinguir nacionalidades e bandeiras - Reconhecer os vários tipos de desportos - Reconhecer actividades de tempos livres - Reconhecer os diferentes tipos de comida, bebida e frutos - Distinguir planetas e plantas - Adquirir consciência ecológica
Docente/Técnico: Simone Santos		

Apêndices

Apêndice 1 – Plano das entrevistas

PLANO DA ENTREVISTA AOS ALUNOS COM NÍVEL INFERIOR A 3

Objectivo 1 – Determinar as concepções que os alunos têm da disciplina de Inglês				
Variáveis	Nº de questões	Tipo de questões	Questões	Tipo de respostas
Estratégias, atividades, capacidades, conhecimentos.	5	Abertas *	1- Neste momento, na disciplina de Inglês, do que estás a gostar mais? 2- Porquê? 3- E menos? 4- Porquê? 5- Gostavas de ter boas notas na disciplina de Inglês?	Abertas
Objectivo 2 – Determinar as atitudes que os alunos têm relativamente à disciplina de Inglês e às aulas de Inglês				
Variáveis	Nº de questões	Tipo de questões	Questões	Tipo de respostas
Estratégias, atividades, ações, projetos, atitudes, valores, posições, mentalidades.	3	Abertas *	1- Que dificuldades estás a sentir? 2- Como poderemos resolvê-las? 3- O que achas que te poderá ajudar a aprender melhor?	Abertas

* Potencialmente abertas:

- Poderá ser necessário recorrer a questões semifechadas ou fechadas se a entrevista não estiver a desenrolar com facilidade e consoante a dificuldade que os alunos demonstrem em se expressar.

Apêndice 2- Avaliação Intercalar de 1º período

Inglês 5ºB
Avaliação Intercalar de 1º período

Período		1.º Período													Tf	Np
Avaliação		Competências transversais							Competências específicas							
N.º	Aluno	Atitudes e valores						T	Conhecimentos e capacidades				T			
		Pont.	Resp.	Regras	Tarefas1	Tarefas2	Materiais		CO	CE	EO	EE				
1	A	3	1,5	1,5	0	0	3	9	65	81	55	45,8	48	57	3	
2	B1	3	0	0	2	2	3	10	90	84,5	75	57,4	59	69	3	
3	B2	3	3	1,5	4	4	3	19	70	87	60	47,8	51	70	3	
4	C	3	3	3	4	4	3	20	75	92	55	65,6	58	78	4	
5	D1	3	0	0	2	2	3	10	95	62,7	65	51,3	52	62	3	
6	D2	3	3	1,5	2	2	3	15	80	91,4	70	57	58	72	4	
7	D3	3	1,5	1,5	2	2	3	13	85	88,9	85	73,8	65	78	4	
8	D4	3	3	1,5	0	0	1,5	9	55	67,9	50	34,2	40	49	2	
9	G	3	1,5	1,5	4	4	3	17	90	68	70	65,15	57	74	4	
10	J1	3	3	1,5	4	4	3	19	100	82	85	82,1	69	87	4	
11	J2	3	3	3	4	4	3	20	90	73,9	90	76,7	65	85	4	
12	J. G.	3	3	1,5	2	2	3	15	90	72	75	52,9	55	70	3	
13	J. P.	3	3	1,5	0	0	3	11	65	60,6	50	43,5	42	53	3	
14	L1	0	0	0	0	0	0	0	65	45,4	45	31,1	35	35	2	
15	L2	1,5	0	0	0	0	0	2	17,5	41,4	40	27,5	25	27	2	
16	P	3	1,5	1,5	4	4	3	17	100	96	85	90,7	74	91	5	
17	R1	3	1,5	1,5	0	0	1,5	8	75	76	65	55,8	53	60	3	
18	R2	3	1,5	1,5	2	2	3	13	25	39	55	57,3	37	50	2	
19	S	3	0	0	2	0	3	8	90	70	45	22,6	41	49	2	
20																
21																
22																
23																

Apêndice 3 - Atividades experimentadas na sala de aula para desenvolvimento de competências sociais, emocionais e de autodisciplina, construídas a partir dos materiais cedidos na formação com a doutoranda Celina Arroz.

A - Construção de um contrato social da turma

5ºX

Valores	Regras	Consequências
Justiça	.O professor trata todos os alunos de igual forma.	Se um aluno não cumpre as regras o professor tem de agir de forma a corrigir o comportamento do aluno.
Tolerância	.Esclarecer desacordos com palavras e não com socos	Mesmo que não se concorde com alguém, temos de aceitar os outros.
Respeito	. Deixar um colega acabar de falar para depois falar outro.	<p>Incumprimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não se compreender sobre o que se está a falar. <p>Cumprimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> -As pessoas entendem-se melhor e cria-se um melhor ambiente na sala.
	- Falar uma pessoa de cada vez.	<p>Incumprimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A sala entra em desordem. <p>Cumprimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> -As pessoas entendem-se melhor e cria-se um melhor ambiente na sala.
	- Respeitar a opinião dos outros.	<p>Incumprimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O colega fica aborrecido. <p>Cumprimento:</p>

		-Respeitam a nossa opinião.
Responsabilidade	-Entrar na sala de aula, até 5 minutos após o toque de entrada.	<p>Cumprimento:</p> <p>- Maior pontuação no final do período.</p> <p>Incumprimento:</p> <p>- Falta de atraso.</p>
	-O professor chega à sala de aula até 5 minutos após o toque de entrada.	<p>Cumprimento:</p> <p>- Os alunos respeitam o professor.</p> <p>Incumprimento:</p> <p>- Falta e substituição.</p>

B - Completar as frases:

- Fico muito assustado quando...
- Quando eu me irrita.....
- Tenho medo de ...
- O que eu não gosto nada é ...
- Fico contente quando...
- Fico zangado quando...
- Eu queria que ...

C- Debates:

A História do João

O João ficou muito decepcionado e triste, pois não contava ter tantas negativas no final do 1º período. A culpa tinha sido toda dos professores, que não gostavam dele, não o tinham ajudado e, para além disso, tinha tido muito azar, porque nos testes só lhe tinham saído perguntas a que não sabia responder. Além disso, aquela coisa dos critérios não sei das quantas, estava muito mal feito e não percebia nada daquilo, só sabia que os colegas faziam as asneiras e ele é que era sempre o culpado. Só o viam a ele e ele não tinha culpa nenhuma. Ele não tinha feito nada. Só tinha devolvido os bocadinhos de borracha que o Rodrigo lhe tinha atirado. E ainda havia a Cristina que estava sempre a fazer-lhe gestos e ameaças, mas ele não tinha culpa nenhuma.

Eram todos uns grandes chatos, isso é que era! E agora só faltava a mãe e o pai a darem-lhe cabo da cabeça e a porem-no de castigo. Também ele não se importava nada, pois já nem gostava de jogar PS2 e não gostava de jogar PC sem estar ligado à net e desde que o pai perdeu o emprego não há net lá em casa. Dinheiro para a irmã ir à nataçãõ há, mas para ele nunca há.

Nos debates, a metodologia utilizada foi a do moderador e do secretário serem dois alunos, um de cada género, tentando o professor ser o observador e tentar compreender quais os alunos que mais necessitavam de desenvolver competências sociais para posteriormente fazer um trabalho direto com os alunos.

Foram distribuídos cartões por todos os alunos da turma, com personalidades que cada aluno teria de encarnar:

- O aluno;
- O pai (que considerava o filho um grande calão, preguiçoso e mal educado e que por ele tirava-o da escola e punha-o a trabalhar);
- A mãe (superprotetora. Achava que os professores não entendiam o seu querido filho que era vítima das circunstâncias);
- Os amigos (que achavam que o que ele estava cheio de razão);
- Os colegas da turma (que achavam que ele agia mal);
- A madrinha (que achava que a culpa era dos professores;
- Professores de várias disciplinas;
- O diretor.

Outro debate:

Conflito dentro da sala de aula

Quando os alunos estavam a entrar para a aula da disciplina de Matemática, o Carlos e o João já não vinham muito bem - dispostos do intervalo e entraram com um ar de zangados um com o outro. Os alunos sentaram-se e o Carlos sentou-se com a Marta e o João sentou - se atrás do Carlos com o André.

Enquanto a Professora ia tirando as suas coisas da pasta e acalmando os alunos viu que o Carlos e o André estavam numa situação tensa e perguntou ao Carlos o que se passava. Responde o André que o Carlos lhe chamou nomes. O Carlos volta-se para trás (foi tudo muito rápido) e chama-lhe aldrabão, dá-lhe um safanão com o punho fechado e o André levanta-se e envolve-se com o Carlos à pancada e chamam nomes um ao outro. A Professora...

Conclusões do debate:

Debate

Após leitura do Conflito, os alunos debateram as suas ideias e apresentaram as seguintes propostas:

1 - Fazer uma participação aos dois e eles irem para o gabinete do diretor. - Nove alunos concordaram com esta ideia.

2 - Chamar os pais e dizer o que aconteceu. - Três alunos concordaram com esta ideia.

3 - Fazer uma participação aos dois, irem para o gabinete do diretor e informar os pais. - Só um aluno concordou com esta ideia.

4 - Chamar os pais, informar sobre o que aconteceu, fazer uma participação a cada um e também terem um castigo na escola. - Quatro alunos concordaram com esta ideia.

5 – Falar com os alunos, tarefa a cargo da professora, fazer uma participação, descontar pontos na nota e castigar os alunos. - Dez alunos concordaram com esta ideia.

6 - Reunião: professores; diretora de turma, alunos e pais. Participação e a diretora de turma castigava-os. - Dois alunos concordaram com esta ideia.

Pelas ideias dos alunos chegámos à conclusão de que o que devia acontecer a seguir seria:

A professora falava com os alunos, fazia a participação ao André e ao Carlos, descontava pontos na nota relativa aos Comportamentos e Atitudes e castigava os alunos, os quais eram conduzidos ao gabinete do diretor.

Resolução de problemas em sala de aula:

Dos problemas que se seguem, escolhe um para resolveres com os teus colegas de grupo:

1-A Marta vai a caminho da escola e esqueceu-se de um livro que a professora tinha pedido para levar. O que faz agora?

2- O João mentiu à mãe sobre o seu comportamento na escola, mas a mãe descobriu a verdade e está muito zangada com o João. O que pode ele fazer para melhorar a situação? E para a próxima vez?

3- O teu melhor amigo(a) está a chorar. O que fazes?

4- Um colega de quem tu não gostas empurra-te quando estão a entrar na sala de aula. O que fazes?

Apêndice 4 – Autoavaliação semanal de comportamentos



Ficha de autoavaliação contínua de Inglês

Nome: _____ Nº: _____

Ano/ Turma: _____

Esta ficha pretende ajudar-te a refletir sobre a tua avaliação quanto ao comportamento, atitudes/ valores e às aprendizagens feitas ao longo deste período



Competências transversais 20%
Atitudes e valores

1ª Semana: ___/___/___

2ª Semana: ___/___/___

3ª Semana: ___/___/___

	1ª Semana			2ª Semana			3ª Semana		
	Sempre	1 a 3 falhas	4 ou mais falhas	Sempre	1 a 3 falhas	4 ou mais falhas	Sempre	1 a 3 falhas	4 ou mais falhas
Percentagem	3	1,5	0	3	1,5	0	3	1,5	0
Fui pontual.									
Respeitei o professor e os colegas.									
Cumpri as regras de bom funcionamento das aulas.									
Trouxe o material necessário.									
Percentagem	4	2	0	4	2	0	4	2	0
Realizei as tarefas ou trabalhos propostos nos prazos previstos.									
Realizei as tarefas ou trabalhos propostos, com qualidade.									
TOTAL									

4ª Semana: ___/___/___

5ª Semana: ___/___/___

6ª Semana: ___/___/___

	4ª Semana			5ª Semana			6ª Semana		
	Sempre	1 a 3 falhas	4 ou mais falhas	Sempre	1 a 3 falhas	4 ou mais falhas	Sempre	1 a 3 falhas	4 ou mais falhas
Percentagem	3	1,5	0	3	1,5	0	3	1,5	0
Fui pontual.									
Respeitei o professor e os colegas.									
Cumpri as regras de bom funcionamento das aulas.									
Trouxe o material necessário.									
Percentagem	4	2	0	4	2	0	4	2	0
Realizei as tarefas ou trabalhos propostos									

nos prazos previstos.									
Realizei as tarefas ou trabalhos propostos, com qualidade.									
TOTAL									

Apêndice 4a - Avaliação periódica



Ficha de autoavaliação global de Inglês

Nome: _____ Nº: ____ Ano/ Turma: _____

Esta ficha pretende ajudar-te a refletir sobre a tua avaliação quanto ao comportamento, atitudes/ valores e às aprendizagens feitas ao longo de cada período escolar.

1º período: ___/___/___ 2º período: ___/___/___ 3º período: ___/___/___



Competências transversais -20% Atitudes e valores

	1º Período			2º Período			3º Período		
	Sempre	1 a 3 falhas	4 ou mais falhas	Sempre	1 a 3 falhas	4 ou mais falhas	Sempre	1 a 3 falhas	4 ou mais falhas
Percentagem	3	1,5	0	3	1,5	0	3	1,5	0
Fui pontual.									
Respeitei o professor e os colegas.									
Cumpri as regras de bom funcionamento das aulas.									
Trouxe o material necessário.									
Percentagem	4	2	0	4	2	0	4	2	0
Realizei as tarefas ou trabalhos propostos nos prazos previstos.									
Realizei as tarefas ou trabalhos propostos, com qualidade.									
TOTAL									






Conhecimentos e Capacidades -80% Competências específicas da disciplina:

Compreensão oral – 15%; Expressão oral – 15%; Compreensão escrita- 20%; Expressão escrita- 30%

	1º Período				2º Período				3º Período			
	Com facilidade	Raz.	C/ alg. dificult.	Com dificult.	Com facilidade	Raz.	C/ alg. dificult.	Com dificult.	Com facilidade	Raz.	C/ alg. dificult.	Com dificult.
1-Ao ouvir um texto compreendo tudo o que oiço.												
2-Quando leio um texto compreendo-o facilmente.												
3-Consigo participar em conversas no contexto das atividades das aulas.												
4-Sou capaz de responder às questões escritas que me apresentam.												
5-Descrevo e narro acontecimentos.												

➤ Classificações obtidas nos testes/fichas/apresentações orais

	Compreensão Oral	Compreensão Escrita	Expressão Escrita	Expressão Oral	
1º P					
2º P					
3º P					

NÍVEL GLOBAL ESPERADO:

1ºP _____

2ºP _____

3ºP _____

Data: _____
O aluno

O aluno

O aluno

Assinatura:

➤ Críticas e sugestões (o que mais/ menos gostaste, dificuldades sentidas, o que deves melhorar...)

1ºP	
2ºP	
3ºP	

Apêndice 5- Contratualização de Metas de Avaliação dos alunos

5ºX - Contratualização de Metas de Avaliação – Inglês %

No me	Diagnóstico	Intercalar 1ºp Nota	1ºp Nota	Carnaval nota	meta 2ºp	2ºp nota	Meta 3ºp	Nota 3ºp
A	56	58	57	61	63	59	62	66
B1	50	58	69	65	69	65	67	64
B2	80	70	70	74	76	72	75	85
C	59	68	78	77	80	76	78	80
D1	58	59	62	65	70	62	65	70
D2	73	75	72	72	74	68	70	75
D3	75	76	78	74	78	73	76	78
D4	40	35	49	57	59	54	57	57
G	75	70	74	70	73	70	73	78
J1	89	89	87	89	93	88	90	92
J2	91	90	85	87	90	86	90	92
J3	68	65	70	72	74	70	73	70
J4	35	40	53	55	60	56	60	63
L1	40	30	35	38	50	35	50	31
L2	20	25	27	24	26	26	50	23
P	70	84	91	86	90	85	90	90
R1	63	59	60	68	71	64	67	68
R2	58	50	50	60	65	54	60	63
S	35	40	49	44	50	50	55	55
T	73							
H				83	86	71	75	75

A MINHA APRENDIZAGEM



- Este questionário tem como finalidade conhecer-te melhor enquanto aluno(a).

Preenche-o com seriedade e esforça-te por seres sincero(a).

A. Atitudes face à escola

	Sempre	Nem sempre	Nunca
1. Gosto de vir à escola.			
2. Estudar é difícil.			
3. Sou um(a) aluno(a) desorganizado(a) no meu estudo.			
4. Tenho confiança na minha capacidade de aprender.			
5. Penso nas minhas dificuldades.			
6. Gosto de participar nas aulas.			
7. Faço os trabalhos de casa.			
8. Dou-me bem com os professores.			
9. Tenho problemas com os colegas da turma.			

B. Atitudes face ao Inglês

	Sempre	Nem sempre	Nunca
1. Gosto de aprender Inglês.			
2. Aprender Inglês é fácil.			
3. O meu sucesso no Inglês depende principalmente de mim.			
4. Falar Inglês faz-me sentir ridículo(a).			
5. Quando as atividades de Inglês são difíceis fico desmotivado(a).			
6. Quando tenho dúvidas em Inglês, coloco-as à professora.			
7. Quando tenho dúvidas em Inglês, coloco-as aos colegas.			
8. Gosto de trabalhar em pares ou em grupos nas aulas de Inglês.			
9. Sinto-me satisfeito(a) com a minha aprendizagem de Inglês.			

C. Recursos disponíveis em casa que podem ajudar no Inglês

	Sim	Não
1. Que recursos tenho em minha casa?		

1.1. Dicionário		
1.2. Enciclopédia		
1.3. Televisão		
1.4. Computador		
1.5. Impressora		
1.6. Internet		
1.7. Gravador de voz		

D. Atividades realizadas fora da sala de aula para Inglês

	Sim	Não
1. Estudo Inglês regularmente, pelo menos duas vezes por semana.		
2. Faço sempre ou quase sempre os trabalhos de casa.		
3. Faço revisões da matéria das aulas, pelo menos uma vez por semana.		
4. Às vezes faço exercícios à minha escolha para praticar Inglês.		
5. Costumo usar o manual e o caderno diário para resolver as minhas dúvidas.		
6. Costumo consultar outros recursos (gramáticas, dicionários...) para resolver as minhas dúvidas.		
7. Peço ajuda a colegas, amigos, familiares para resolver as minhas dúvidas.		
8. Tento ler várias coisas em Inglês (jogos de computador, contos, textos na Internet...).		

E. Dificuldades sentidas no Inglês

1. Em que áreas tenho sentido dificuldades?	Muitas	Poucas	Nenhumas
1.1. Gramática			
1.2. Vocabulário			
1.3. Leitura			
1.4. Escrita			
1.5. Oralidade (ouvir/falar)			
1.6. Conhecimento da cultura inglesa			
1.7. Organização do estudo			

Obrigada por responderes ao questionário!

acerta
11/11/12
11/26/12
ferraz

Exmo. senhor diretor

Do Agrupamento de Escolas de

Grândola, 12 de novembro de 2012

No âmbito do Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, do Instituto Superior de Ciências Educativas, Laura Cristina Teles Ferreira, professora do quadro da Escola Básica integrada no grupo 220, solicita autorização a V. Exa. para a realização de um projeto de Investigação – Ação a desenvolver no estabelecimento supra citado, na turma do 5º ano.

Numa ótica construtivista reflexiva, a referida investigação/ação, irá incidir sobre os resultados de Inglês da referida turma, numa perspetiva de melhoria da qualidade do ensino.

Com os melhores cumprimentos,



Pede deferimento

Pedido de autorização aos Encarregados de Educação

Exmº (ª) Sr. (ª) Encarregado(a) de Educação,

No âmbito do Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, do Instituto Superior de Ciências Educativas, Laura Cristina Teles Ferreira, professora do quadro da Escola Básica integrada D. Jorge de Lencastre, no grupo 220 (Português e Inglês), solicita autorização a V. Exa. para que o(a) seu (sua) Educando(a) colabore na realização de um projeto de Investigação – Ação a desenvolver no estabelecimento supra citado, na turma B, do 5º ano, respondendo a um questionário e uma entrevista.

A referida investigação/ação, irá incidir sobre os resultados de Inglês da referida turma, numa perspetiva de melhoria da qualidade do ensino.

O anonimato dos intervenientes será totalmente respeitado.

Coloco-me à V. disposição para eventuais esclarecimentos.

Obrigada pela sua atenção.

Autorizo

Não Autorizo

o(a) meu (minha) educando(a), _____ aluno(a) Nº ____ do 5º ano, turma B, da Escola Básica Integrada D. Jorge de Lencastre, a colaborar no referido projeto.

15/11/2012

(Assinatura do(a) Encarregado(a) de Educação)

GUIÕES DAS ENTREVISTAS

Objetivos da entrevista:

Clarificar as preferências dos alunos e as suas motivações;
Compreender melhor as dificuldades que os alunos sentem;
Estabelecer diferenças em termos de métodos e hábitos de estudo.

Metodologia:

A entrevista decorrerá numa sala com as mesas dispostas em “U”, para que o entrevistador consiga ver o rosto de todos os entrevistados e tenha maior facilidade de acesso à voz dos entrevistados, para fins de registo áudio.

Guião da entrevista em painel (alunos de nível 4 e 5)

1- Conceções sobre a disciplina de Inglês

Neste momento, na disciplina de Inglês, do que estão a gostar mais? Porquê?
E menos? Porquê?

2- Atitudes face à disciplina de Inglês e às aulas de Inglês

- a) Que dificuldades estão a sentir?
- b) Como podemos resolvê-las?
- c) Que conselhos dariam aos vossos colegas para se tornarem bons alunos?

Guião da segunda entrevista em painel (alunos de nível 3)

1- Conceções sobre a disciplina de Inglês

Neste momento, na disciplina de Inglês, do que estão a gostar mais? Porquê?
E menos? Porquê?

2- Atitudes face à disciplina de Inglês e às aulas de Inglês

- a) Que dificuldades estão a sentir?
- b) Como podemos resolvê-las?
- c) Que conselhos dariam aos vossos colegas para se tornarem melhores alunos?

Guião das entrevistas individuais (alunos de nível 2)

1- Conceções sobre a disciplina de Inglês

Neste momento, na disciplina de Inglês, do que estás a gostar mais? Porquê?
E menos? Porquê? Gostavas de ter boas notas na disciplina de Inglês?

2- Atitudes face à disciplina de Inglês e às aulas de Inglês

- a) Que dificuldades estás a sentir?
- b) Como podemos resolvê-las?
- c) O que achas que te poderá ajudar a aprender melhor?

A mestranda
Laura Ferreira

REGISTOS DAS ENTREVISTAS

DATA	DURAÇÃO

Objetivos da entrevista:

Clarificar as preferências dos alunos e as suas motivações;
Compreender melhor as dificuldades que os alunos sentem;
Estabelecer um padrão termos de métodos e hábitos de estudo.

Questões	Anotações	
Questão 1 Neste momento, na disciplina de Inglês, do que estão a gostar mais? Porquê? E menos? Porquê?	Gostam mais:	Gostam menos:
Questão 2 Que dificuldades estão a sentir? Como podemos resolvê-las?	Dificuldades:	Estratégias:
Questão 3 Que conselhos dariam aos vossos colegas para se tornarem bons alunos?		

SUGESTÕES FORNECIDAS PELOS ALUNOS

OUTROS ASPETOS A REGISTRAR

Investigadora – A entrevista que te estou a fazer tem o objetivo de tentar ajudar os alunos para que consigam ter melhores notas e no final consigam transitar para o 6º ano, que é o teu caso.

Achas bem?

Aluno – Acho.

Investigadora – Então, vais me responder a algumas perguntas, está bem?

Aluno – Sim.

Investigadora – Então diz-me lá: Neste momento na disciplina de Inglês o que é que tu gostas mais?

Aluno – Aquela coisa que a professora às vezes faz no computador... jogos.

Investigadora – E o que é que tu gostas mais?

Aluno – Quando a professora nos dá aqueles textos para ler, em Rap.

Investigadora – Os Raps... quando leem os textos em conjunto ou sozinhos?

Aluno – Em conjunto e sozinhos.

Investigadora – Ok. Olha, e o que é que tu gostas menos?

Aluno – Quando me manda escrever coisas.

Investigadora – Escrever?

Aluno – sim.

Investigadora – E escrever coisas sozinho no caderno, gostas?

Aluno – Não.

Investigadora – Então porquê?

Investigadora – Aborrece-me.

Aluno – Aborrece-te?

Aluno – sim.

Investigadora – Então porquê?

Aluno – Dá-me sono.

Investigadora – Dá-te sono? Mas tens noção de que isso é importante fazer, porque ao fazeres essas coisas estás a colaborar para melhorar a tua nota, tens essa consciência?

Aluno – sim.

Investigadora – Ok. Qual é a maior dificuldade que tu sentes?

Aluno – (Encolheu os ombros)

Investigadora – Porque é que achas te tens negativa na disciplina de Inglês?

Aluno – Eu não estou atento nas aulas.

Investigadora – Mais alguma coisa?

Aluno – Não.

Investigadora – Então e o que é que tu achas que é possível fazer para resolvermos esta questão?

Aluno – Tenho de me aplicar mais.

Investigadora – E como é que tu tencionas aplicar-te mais?

Aluno – Estudar um bocado.

Investigadora – Estudar. Tu em casa estudas?

Aluno – Não.

Investigadora – Não?

Aluno – Não.

Investigadora – E porquê?

Aluno – Não me apetece.

Investigadora – Mas sabes que o deves fazer, não é?

Aluno – Sei.

Investigadora – Sabes quantas semanas faltam até ao final do período?

Aluno – 3 semanas.

Investigadora – Tens isso bem contado. Achas que és capaz de fazer um esforço para melhorar as tuas notas, durante estas 3 semanas?

Aluno – Não sei, talvez.

Investigadora – Tens alguém em casa que te possa ajudar?

Aluno – Tenho, a minha prima ajuda-me, se eu lhe pedir.

Investigadora – E tu vais pedir à tua prima para te ajudar?

Aluno – Sim.

Investigadora – ok. Queres dizer mais alguma coisa, sobre as aulas de Inglês ou sobre qualquer coisa que tu queiras?

Aluno – (Abana a cabeça em sinal negativo).

Investigadora – Há alguma coisa que tu gostes de fazer?

Aluno – Jogar jogos na Play station.

Investigadora – Ok. Então fazes-me um favor, voltas para a sala e pedes à S para vir cá. Obrigada.

Apêndice 12- Entrevista ao aluno S

Investigadora – Olá. Obrigada por teres vindo. Podes sentar-te onde quiseres. Sabes por que é que te chamei?

Aluno – Não.

Investigadora – Já não te lembras do que é que eu te disse que vinham fazer aqui? Que vinham fazer uma entrevista...

Aluno – Ah! Sim, a entrevista.

Investigadora – E pra o que é que era esta entrevista, lembraste?

Aluno – Já não me lembro, professora!

Investigadora – A entrevista que te vou a fazer é para perceber melhor a nota que tens a Inglês.

Aluno – ok professora.

Investigadora – Achas que és boa?

Aluno – Não professora.

Investigadora – Satisfaz?

Aluno – Não professora.

Investigadora – Então vamos ver o que é que se pode fazer para tu melhorares. Está bem?

Aluno – sim, professora.

Investigadora – Estás pronta?

Aluna – Sim.

Investigadora – Então diz-me: Neste momento na disciplina de Inglês o que é que tu gostas mais?

Aluno – Gosto de tudo professora, eu gosto de tudo.

Investigadora – Gostas muito de Inglês?

Aluno – Gosto professora e gosto de tudo.

Investigadora – Então, e há alguma coisa que tu gostes menos?

Aluno – Não professora. Inglês é giro e eu gosto de tudo.

Investigadora – Olha, mas tu tens dificuldades.

Aluno – sim, professora.

Investigadora – Então diz-me lá que dificuldades é que tu estás a sentir na disciplina de Inglês?

Aluno – A fazer os trabalhos de casa, eu consigo ler, mas depois tenho dificuldade em fazer as respostas. Faço, mas fica tudo assim um bocado... mal.

Investigadora – Olhando para os exemplos não consegues perceber o que é que é suposto tu fazeres?

Aluno – Não professora. Uma vezes consigo outras vezes não.

Investigadora – E durante as aulas..?

Aluno – Durante as aulas consigo.

Investigadora – Então como é que havemos de resolver esta situação?

Aluno – Não sei professora.

Investigadora – O que é que tu achas que se pode fazer para tu melhorares as tuas notas?

Aluno – Então, professora o que eu podia às vezes fazer era fazer às vezes mais exercícios em casa. Não sei professora.

Investigadora – Achas que há alguma coisa que eu possa fazer em relação a ti que te vá ajudar?

Aluno – Não professora.

Investigadora – Então e assim no geral o que é que tu achas que se pode fazer para te ajudar a aprender melhor? Achas que se pode mudar alguma coisa?

Aluno – Eles podiam portar-se melhor

Investigadora- Achas que eles se portam muito mal?

Aluno- Muito, muito mal, não, mas às vezes fazem barulho e perturba-me.

Investigadora – E tu portas-te bem?

Aluno – Ai professora! Mais ou menos!

Investigadora – Então e tu achas que é importante tu mudares o teu comportamento, por exemplo?

Aluno – Sim era, mesmo muito, muito, muito.

Investigadora – E vais tentar começar a fazer isso?

Aluno – Sim, professora.

Investigadora – E o que é que tu achas que eu devo fazer para te ajudar a melhorar o teu comportamento e para que haja menos meninos a portarem-se mal e a fazerem barulho?

Aluno – Não sei professora. A professora às vezes faz uma questão e eles querem logo todos dizer ao mesmo tempo, falar ao mesmo tempo e se fosse tudo mais coordenado era melhor.

Investigadora – E achas que a professora de Inglês faz um esforço para coordenar ou não?

Aluno – Mesmo professora, você faz mesmo muito esforço.

Investigadora – Mas não tem estado a funcionar.

Aluno – Pois não professora.

Investigadora – O que é que achas que a professora de Inglês pode fazer mais ainda? Tens alguma ideia?

Aluno – Não professora.

Investigadora – Então, mas vamos deixar ficar assim?

Aluno – Não professora.

Investigadora – Temos de fazer qualquer coisa.

Aluno – Hum, hum. (abana com a cabeça afirmativamente)

Investigadora – Porque isso prejudica-te.

Aluno – Pois professora. Podiam levar mais recados na caderneta. Podiam levar mais trabalhos ou copiar as regras.

Investigadora – Ok. Obrigada pelas tuas sugestões. Espero que cumpras aquilo que combinaste da tua parte, de fazeres mais exercícios em casa e portares-te melhor na aula, que amanhã eu prometo que vamos ter toda uma conversa e vamos tentar encontrar uma solução para estes comportamentos que te prejudicam. Ok?

Aluno – Ok.

Investigadora. Agora regressas à sala e chamas-me a D. Está bem?

Aluno – Sim professora. Até amanhã.

Apêndice 13- Entrevista ao aluno D

Investigadora – Olá. Obrigada por teres vindo. Podes sentar-te onde quiseres. Sabes por que é que te chamei?

Aluno – Para uma entrevista.

Investigadora – E lembras-te qual é o objetivo desta entrevista?

Aluno – Mais ou menos.

Investigadora – A entrevista que te vou a fazer vem no seguimento da constatação que os teus resultados a Inglês não são os desejados, pois não?

Aluno – Não, professora.

Investigadora – Pronto, então é nesse sentido que surge esta entrevista, para perceber melhor como é que tu funcionas e no que é que te posso ajudar.

Aluno – ok professora.

Investigadora – Então diz-me lá. Neste momento na disciplina de Inglês o que é que tu gostas mais de fazer? O que é que achas que é mais do teu agrado?

Aluno – Muitas coisas novas.

Investigadora – Sim? Então diz lá.

Aluna – Gosto de cantar as músicas em Inglês e também às vezes gosto de ler.

Investigadora – Gostas de ler sozinha ou em pares, em role play?

Aluno – Em pares.

Investigadora – E o que é que tu gostas menos?

Aluno – Menos? DO que eu gosto menos é de ter de ler sozinha em voz alta.

Investigadora – E porquê?

Aluno – Porque eu tenho alguma dificuldade em ler os textos em voz alta e depois tenho um bocado de medo que os meus colegas gozem comigo.

Investigadora – Os teus colegas gozam muito uns com os outros?

Aluno – Às vezes.

Investigadora – Há mais alguma coisa na disciplina de Inglês que tu não gostes assim muito?

Aluno – Não, não!

Investigadora – Agora vamos falar sobre as dificuldades a Inglês. Aquilo em que tu sentes dificuldade. Está bem? O que é que é para ti difícil em Inglês?

Aluno – Ler algumas palavras que eu às vezes não percebo.

Investigadora – Não percebes ou não sabes bem como é que as deves pronunciar?

Aluno – Sim.

Investigadora – Sim, o quê?

Aluno – Não sei bem como é que as hei de pronunciar.

Investigadora – E tu usas em casa o CD do manual? Lá estão lá as palavras todas ditas em Inglês. E tu costumavas usar?

Aluno – sim, mas agora não tenho usado muito porque o meu computador está estragado.

Investigadora – E não tens outro sítio onde possas ouvir o CD?

Aluno – Tenho, lá na biblioteca dá.

Investigadora – E em casa, tens outro aparelho que possa ler o CD?

Aluno – Sim.

Investigadora- Então e porque é que não fazes isso?

Aluno- Hum! (Encolhe os ombros).

Investigadora – Podias fazer, não?

Aluno – sim!

Investigadora – Então essa parte está combinada. Tens mais alguma dificuldade?

Aluno – Não! Não!

Investigadora – Na escrita...

Aluno – Sim, na escrita, sim.

Investigadora – Sentes dificuldade em escrever as palavras e as frases ou em responder às perguntas?

Aluno – Eu percebo as perguntas, mas depois escrever é que é mais difícil. É um bocado complicado construir as frases.

Investigadora – Há mais alguma coisa nas aulas de Inglês que aches que é difícil, que sintas dificuldade?

Aluno – Não. Só às vezes nas palavras novas, quando as aprendemos.

Investigadora – Mas onde me tens mostrado ter mais dificuldade é na escrita!

Aluno – Sim, na escrita... (baixa a cabeça e cala-se)

Investigadora – Então e o que é que nós vamos fazer para tu melhorares as tuas dificuldades? Diz-me lá o que é que tu vais fazer e o que é que eu posso fazer para te ajudar? Está bem?

Aluno – sim.

Investigadora – Tu, o que é que tu podes fazer?

Aluno – Eu posso estudar mais.

Investigadora – Em casa?

Aluno – Hum, hum. Em casa e também aqui na escola, com as minhas colegas.

Investigadora – Sim. E em casa tens alguém que te ajude nos estudos?

Aluno – Tenho.

Investigadora – Quem?

Aluno – A minha mãe e o meu pai e os meus dois irmãos.

Investigadora- Sabem todos Inglês?

Aluno – Sim.

Investigadora – Então tens imensa gente que te pode ajudar.

Portanto vais estudar mais e achas que é preciso mais alguma coisa para tu conseguires ter melhores notas a Inglês?

Aluno – Escrever mais textos a Inglês.

Investigadora – Podes, por exemplo pegar em todos aqueles textos que já escreveste a Inglês e agora voltares a escrevê-los, com as correções e depois entregares-me para vermos se agora já estão bem.

Aluno – Sim.

Investigadora – E vimos que vais usar o CD para te ajudar na pronúncia das palavras, não é?

Aluno – Sim.

Investigadora – Olha, e em relação aos teus colegas e ao ambiente da sala. Achas que o ambiente que temos na sala é bom para estudar?

Aluno – Às vezes eles começam a fazer muito barulho e depois desconcentram os outros.

Investigadora – E eles fazem esse barulho porquê?

Aluno – às vezes estão a conversar uns com os outros e a brincar.

Investigadora – E tu achas normal que isso aconteça?

Aluno – Não, isso perturba.

Investigadora – E o que é que tu achas que a professora de Inglês deve fazer para isso acabar de uma vez por todas?

Aluno -

Investigadora – Já têm sido feitas algumas coisas, não é? Como recados para casa na caderneta, mas pelos vistos não é suficiente, pois não?

Aluno – Não, porque eles continuam a falar sem por o braço no ar para pedir a vez e assim.

Investigadora – Então, se fosses tu a professora o que é que fazias mais?

Aluno – Dar castigos.

Investigadora – Que castigos? Então, mas eu não dou já castigos?

Aluno – Muitos (a sorrir nervosa).

Investigadora – Então se o que eu tenho feito não tem funcionado, o que é que me podes sugerir? Podes me dar algumas ideias para mudarmos isto?

Aluno – Não sei bem.

Investigadora – Podes falar à vontade, porque eles nunca vão saber o que nós aqui conversámos.

Aluno – Mais TPC's.

Investigadora – Há mais alguma coisa que tu queiras falar sobre a disciplina de Inglês?

Aluno – Não.

Investigadora – Então pronto. Fazes o favor voltas para a sala e chamas-me o J2. Está bem?

Aluno – Ok.

Apêndice 14- Entrevista ao aluno J

Investigadora – Olá. Obrigada por estares aqui, porque eu estou a envolver-te num projeto em que estou a tentar encontrar formas de vocês melhorarem os vossos resultados. Sabes que neste momento estás com negativa na disciplina de Inglês, não é? Então eu estou aqui a conversar contigo de forma a encontrarmos uma maneira de melhorarmos a tua nota. Está bem?

Aluno – (acena afirmativamente com a cabeça).

Investigadora – Então eu vou te fazer umas perguntas. Vamos conversar um bocadinho. E a primeira pergunta que eu tenho para te fazer é, o que é que tu gostas mais de fazer a Inglês?

Aluno – Falar em Inglês.

Investigadora – E mais?

Aluno – Aqueles exercícios para repetir as palavras novas...

Investigadora – E mais?

Aluno – Realizar exercícios no quadro interativo

Investigadora- E há mais alguma coisa que tu gostes de fazer nas aulas de Inglês?

Aluno – Cantar.

Investigadora – Muito bem. Estas são as coisas de que tu gostas. E o que é que tu gostas menos de fazer na aula de Inglês?

Aluno – Sim, sim.

Investigadora – Imagina-te na aula de Inglês.

Aluno – O barulho.

Investigadora – Os teus colegas fazem muito barulho?

Aluno – Às vezes falam demasiado.

Investigadora – Há mais alguma coisa na disciplina de Inglês que tu não gostes?

Aluno – Não!

Investigadora – Então é só o barulho que te incomoda nas aulas de Inglês. Sabes me dizer porquê?

Aluno- Prejudica a minha concentração.

Investigadora – Agora vamos falar sobre as dificuldades a Inglês. Aquilo em que tu sentes dificuldade. Está bem?

Aluno – Às vezes estudo mas depois esqueço-me das coisas.

Investigadora – Tens mais alguma dificuldade na disciplina de Inglês?

Aluno – Dificuldade tenho alguma, em escrever. Às vezes dou erros nas letras.

Investigadora – Sim. Ainda bem que tens consciência disso porque na Expressão Escrita a tua média é só de 27%. É muito baixo, não é?

Aluno – Pois, não consigo escrever.

Investigadora – Consegues sim. Vais conseguir. É para isso que eu estou aqui contigo, não é? Vamos definir estratégias e vais ver que vais conseguir. Confias em mim?

Aluno – (Abana afirmativamente com a cabeça)

Investigadora- E confias em ti?

Aluno – (Abana de novo afirmativamente com a cabeça)

Investigadora – Então nós vamos conseguir resolver isto e dar a volta. Quando as pessoas têm um problema o que é que fazem?

Aluno – Pedem ajuda.

Investigadora – E conversam sobre o problema com alguém que as pode ajudar. É o que nós estamos a fazer. Certo?

Aluno – (Abana de novo afirmativamente com a cabeça)

Investigadora – E eu tenho a certeza que nós agora vamos chegar aqui a conclusões e a partir de agora as coisas vão começar a correr-te melhor.

Olha, nós já detetámos quais são as dificuldades, agora vamos encontrar estratégias para superar estas dificuldades. O que quer dizer como é que vamos resolver este problema. O que é que tu podes fazer? Vamos ver o que é que tu podes fazer e o que é que eu posso fazer? Está bem? Vamos os dois. Isto não é um trabalho em que estás sozinho, estamos pelo menos nós os dois. Mas há certamente outras pessoas que também nos podem ajudar. Se calhar a tua família. Se calhar a Sala de Estudo.

Então vamos lá. O que é que tu achas que podes fazer, que está ao teu alcance para melhorar a nota de Inglês?

Aluno - Não tenho ideia nenhuma.

Investigadora – Então e se eu te der umas ideias? Por exemplo, em casa fazeres cópias dos textos. E cópias das palavras, em casa, sozinho.

Aluno – Pode ser e até posso estudar mais em casa com a ajuda da minha prima e do meu sobrinho que é mais velho do que eu.

Investigadora – Muito bem. Então e não podes estudar aqui na escola, com os teus colegas, na biblioteca, por exemplo. Há lá sempre professores que vos podem ajudar a orientar o vosso estudo.

Aluno – Sim, pode ser.

Investigadora – e a Sala de Estudo?

Aluno – A professora já sabe que eu tenho dificuldade de ir à sala de estudo por causa do horário e dos transportes. A sala de estudo é depois das aulas e eu tenho de ir embora.

Investigadora – ok. E o que é que tu achas que é preciso eu fazer para tu conseguires ter melhores notas a Inglês? Acabar com o barulho na sala de aula?

Aluno – Isso é difícil porque temos uma turma grande e depois as pessoas a trabalhar fazem barulho.

Investigadora – E querem todos responder ao mesmo tempo?

Aluno – Não, isso não porque a professora castiga-os. Mas eles são um bocado faladores. Não estava habituado a ter uma turma assim. Eles costumavam trabalhar em silêncio.

Investigadora – Então o que é que eu posso fazer para resolver o problema?

Aluno – É assim professora, você faz o seguinte: Você manda calar uma primeira vez e se eles continuarem a falar alto, castiga os alunos que conversam e brincam, mandando recados na caderneta à primeira vez que falarem alto, à segunda vez fazer uma participação e à terceira vez sala 5.

Investigadora – Agora imagina se 10 alunos se portarem mal durante a aula são 30 avisos. Já viste bem o tempo que perco a interromper a aula, em vez de estar a ajudar quem quer e quem precisa?

Aluno – Mas aqueles aquém a professora tem mandado recados já falam menos.

Investigadora – Achas que tem funcionado?

Aluno – Sim, professora e se começar a mandá-los para a sala 5, como está no regulamento vai ver que melhora ainda mais.

Investigadora – Ok. Tens mais alguma coisa que me queiras dizer?

Aluno – Não, acho que está tudo.

Investigadora – Há mais alguma coisa que tu queiras falar sobre a disciplina de Inglês?

Aluno – Não.

Investigadora – Ok. Olha, vai lá que a aula acabou. Muito obrigada por teres vindo e pela tua colaboração.

Apêndice 15- Entrevista ao aluno L1

Investigadora – Olá. Bom dia. Senta-te na cadeira que preferires. Estás à vontade.

Aluno – Ok.

Investigadora – Sabes por porque é que estás aqui?

Aluno – Para fazer uma entrevista?

Investigadora – Sim. E sabes sobre o quê que vais responder?

Aluno – Não.

Investigadora – Tu tens boas notas ou mais notas?

Aluno – Más notas.

Investigadora – Pronto. Então estamos aqui hoje por que eu ando a desenvolver um projeto em que o meu objetivo é conseguirmos que as tuas notas melhorem. Ou seja eu quero ajudar-te a melhorar os teus resultados.

Aluno – Ok.

Investigadora- E vamos fazer uma entrevista. Eu faço-te umas perguntas. Tu respondes. E vamos traçar aqui umas estratégias para melhorar os teus resultados, está bem?

Aluno – OK.

Investigadora – Pronto. Pareces-me bastante entusiasmado com esta entrevista, vamos a isto. Olha, diz-me uma coisa. Na disciplina de Inglês, vamos falar só da disciplina de Inglês, pode ser?

Aluno – Sim.

Investigadora – Na disciplina de Inglês quais são as atividades que tu estás a gostar mais de fazer?

Aluno – Eu cá gosto de tudo.

Investigadora – E não tens preferência por alguma atividade? Gostas de cantar, dos Raps, dos jogos, de ler, de escrever, gostas de tudo por igual, não há nada que tu gostes mais?

Aluno – Não. Eu gosto de tudo professora.

Investigadora – E há mais alguma coisa na disciplina de Inglês que tu não gostes ou gostes menos?

Aluno –Não!

Investigadora – Então porque é que as tuas notas na expressão escrita são tão fracas? Tu estás a ser sincero?

Aluno- Não. De escrever eu não gosto.

Investigadora – Ah! Pronto! Tem de haver sinceridade e confidencialidade. Eu comprometo-me a não contar a ninguém o que tu aqui disseres, mas tu contas-me a verdade. Aquilo que pensas e aquilo que sentes.

Aluno – ‘Tá à vontade professora.

Investigadora - Então aquilo que tu gostas menos de fazer é escrever.

Aluno – Sim.

Investigadora - E porque é que tu não gostas de escrever? Sabes que saber escrever é muito importante?

Aluno – Sei, mas eu não gosto, pronto.

Investigadora – Mas porquê? Tem de haver uma razão!

Aluno – Dá-me mais trabalho.

Investigadora – E tu não gostas de trabalhar?

Aluno – Na escola não. Nem gosto de estudar. Eu não estudo professora!

Investigadora – Mas tens consciência que para passar o ano é preciso estudar um bocadinho e escrever algumas coisas.

Aluno – Eu não me importo de escrever, mas é se for pouco. Agora se for muito....

Investigadora – Ok. Mas tu não tens positiva a Inglês.

Aluno – Pois, não.

Investigadora – Então vamos lá ver o porquê, não é?

Aluno – (Abana afirmativamente com a cabeça)

Investigadora- Que dificuldades é que tu sentes em relação à disciplina?

Aluno – o Que é que eu acho que está mal?

Investigadora – Em relação às matérias e às atividades que desenvolvemos nas aulas, o que é que tu achas que te impede de ter positiva?

Aluno – Oh! É o comportamento! Não estou com atenção nas aulas!

Investigadora – Portanto, tu achas que tens negativa porque te comportas mal. Como ainda por cima não estás com atenção ao que te é pedido e às explicações que te são dadas, tens negativa, é isso?

Aluno – (Abana de novo afirmativamente com a cabeça)

Investigadora – Realmente o teu comportamento é mau. Já foi pior. Já tiveste tudo zeros. Neste momento já recuperaste dois zeros. Já recuperaste na pontualidade, só falta não vires a comer e já cumpres as tarefas dentro da sala de aula. Agora ainda falta recuperares no cumprimento das regras, no sentido de responsabilidade, fazeres os exercícios com qualidade e trazes os materiais. De certeza que há muitas coisas que tu podes melhorar se tu quiseses, porque és um rapaz inteligente e com muitas capacidades que nem sempre aproveitas. Tens consciência disso?

Aluno – Os materiais eu tenho professora.

Investigadora – Eu sei que tu tens. Mas uma coisa é teres e outra coisa é tê-los na aula, não achas?

Estás melhor! Já vimos isso. Tens melhorado. Mas as tuas dificuldades não são apenas no comportamento. Claro que se melhorares o comportamento vai ajudar muito, não só a ti, como aos teus colegas. Porque, penso que sabes que quando te portas mal, distrais os teus colegas, brincas na aula ou te pões a conversar, também estás a prejudicar os outros. Tu tens essa noção?

Aluno – Hum! (em sinal afirmativo)

Investigadora – Se tivesses bom comportamento, aqui tudo no máximo, ajudava bastante. Se calhar até já dava positiva. Mas, há outros aspetos que podias melhorar. Que mais dificuldades é que tu tens além do comportamento que já vimos que é a principal?

Aluno – Tenho dificuldade naquelas coisas que acho que é o email, professora.

Investigadora – Nos textos escritos. O email é um texto escrito e tu sentes dificuldade em escrevê-lo, em elaborá-lo.

Aluno – Sim professora.

Investigadora - Olha, nós já detetámos quais são as dificuldades, agora vamos encontrar estratégias para superar estas dificuldades. O que quer dizer que vamos procurar soluções. O que é que tu podes fazer para melhorar?

Aluno – Estar mais atento.

Investigadora – E achas que não podes fazer mais nada?

Aluno – Acho que não.

Investigadora – É? Estar com atenção nas aulas isso ajudava muito.

Mas vamos ver o que é que tu podes fazer mais?

Aluno - Não sei professora.

Investigadora – Em relação por exemplo aos materiais?

Aluno – Ah! Posso trazê-los e utilizá-los mais.

Investigadora – Muito bem. Isso já era um bom progresso. E vamos ver se ainda te lembras de mais alguma coisa que tu possas fazer?

Aluno – Não sei professora.

Investigadora – E em relação a fazer as coisa bem feitas?

Aluno – Fazer as coisa bem feitas?

Investigadora – Sim.

Aluno – Podia tentar. Podia trabalhar mais.

Investigadora – Na aula ou em casa?

Aluno – Na aula e em casa.

Investigadora – Tu em casa estudas muito?

Aluno – Não, professora. Eu às vezes faço os trabalhos de casa ou estudo um bocadinho, quando não tenho nada para fazer.

Investigadora – Então e achas que isso está certo?

Aluno – Não professora.

Investigadora – Então como é que devia ser?

Aluno – Devia ser todos os dias.

Investigadora – Pois era. Todos os dias chegavas a casa e ias...

Aluno – Estudar.

Investigadora – primeiro lanchavas e depois ias fazer todos os trabalhos de casa e estudar. Todos os dias!

Aluno – Pois.

Investigadora – E tu estás disposto a fazer isso?

Aluno – Vou fazer professora.

Investigadora – Vais fazer. Muito bem. E agora diz-me lá. Em que é que eu te posso ajudar?

Aluno – Não sei.

Investigadora – Pensa. Vê lá como é que eu te posso ajudar? Castigar-te mais?

Aluno – Não!

Investigadora – Apoiar-te mais?

Aluno – A professora ajuda a gente!

Investigadora- Sempre que me pedes ajuda, eu ajudo-te?

Aluno – Sim!

Investigadora – Então o que é que eu posso fazer mais?

Aluno – Nada.

Investigadora- Então achas que teres melhores notas não depende de mim, depende só de ti, não é?

Aluno- ...

Investigadora – Vê lá bem se achas que há alguma coisa que eu te possa ajudar, para ser este o ano em que passas o 5º ano.

Aluno – Este ano passo.

Investigadora- Então não te esqueças de fazeres estas coisas que combinámos...

Aluno – Todos os dias.

Investigadora - Todos os dias.

Aluno – Fazer o TPC e estudar e estar com atenção nas aulas e não brincar.

Investigadora – Hum, hum (em concordância)

Aluno – Ok.

Investigadora – 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, e 6ª...

Aluno – Sábado e domingo.

Investigadora – Ao sábado e domingo é para descansar e para brincar que é fim de semana, não é?

Aluno – Eu nunca descanso. Nunca.

Investigadora – Mas vais fazer outras coisas, pronto.

Aluno – sim.

Investigadora – Mais? Na sala estar atento e a fazer os trabalhos. É só isto.

Aluno – Ok.

Investigadora – Se tu fizeres isto, vais ter uma boa nota. Está combinado?

Aluno – Está.

Investigadora – Então pronto. Podes ir para a sala. Obrigada por teres vindo e pela tua colaboração.

Agrupamento Vertical de Escolas de ...

Supervisão pedagógica

GRELHA SÍNTESE DE OBSERVAÇÃO DE AULAS

Professor observado

Nome: *Laura Cristina Teles Ferreira*

Disciplina: *Inglês*

Ano: *5º*

Turma: *X*

Professor supervisor

Nome:

Grupo de Recrutamento:

Anos de serviço:

Condição de supervisor:

Diretor

Subdiretora

Ex- Coordenador Departamento

Aspetos positivos

Recomendações de melhoria

Nota: Considerando a experiência dos docentes que observarão as aulas e ao tipo de trabalho a que se destina, propõe-se uma observação semi-naturalista.

O supervisor:

AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS

PLANO DE AULA

Docente: Laura Teles Ferreira

Departamento: Línguas

Disciplina: Inglês

Data: 4/02/2013

Hora: 08:30

Sala: 17B

Ano: 5º

Turma: B

AULA Nº/ Lesson n^{er} __

Sumário/Summary:

.Correction of the homework;

.Unit 7^a- We're from the USA:

- Listening, reading comprehension, oral and written exercises about the texts on page 42 of the students' book.

COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER PELO ALUNO:

Compreensão oral, leitura/ compreensão escrita, expressão oral, expressão escrita.

RECURSOS:

Quadro interativo com acesso à internet e som, manual do aluno e livro de exercícios.

ATIVIDADES A REALIZAR PELO ALUNO:

1-Abertura da lição, apresentação dos objetivos da aula e correção do TPC (pág. 38 do livro de exercícios- 2a e b);

2-Audição da gravação (2/3 vezes) do texto da pág. 42 "We're from the USA" e, leitura pelos alunos (role play);

3-Leitura e explicação em voz alta das instruções do exercício 2 "Check";

4- Realização do exercício individualmente;

5- Verificação das respostas dos alunos, com a utilização do quadro interativo (os alunos preenchem a tabela);

5- Diálogo com os alunos sobre as várias fotos e respetivos textos;

6- Os alunos respondem por escrito a algumas perguntas, no caderno;

7- Correção das respostas dos alunos;

6-Sumário e indicação do T.P.C. - Exercício 3 da pág. 39 do livro de exercícios.

AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS

PLANO DE AULA

Docente: Laura Teles Ferreira

Departamento: Línguas

Disciplina: Inglês

Data: 7/02/2013

Hora: 13:10

Sala: 17B

Ano: 5º

Turma: B

AULA Nº/Lesson number:

Sumário/Summary:

.Correction of the homework (reading comprehension and written exercises about the texts on page 42 of the students' book.)

.Unit 7a- We're from the USA:

- Oral and written exercises about the pics on page 43 and flashcards.

COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER PELO ALUNO:

Expressão oral, expressão escrita.

RECURSOS:

Quadro interativo, manual do aluno, livro de exercícios e flashcards.

ATIVIDADES A REALIZAR PELO ALUNO:

- 1-Abertura da lição;
- 2- Apresentação dos objetivos da aula;
- 3- Correção do TPC (ficha de trabalho);
- 4- Diálogo com os alunos sobre as várias imagens da pág. 43 do manual;
- 5- Realização de exercícios de expressão oral, de reconhecimento de figuras públicas e a sua origem com registo escrito de algumas perguntas e respostas;
- 6- Sumário;
- 7- Indicação do T.P.C. - Exercício 3 da pág. 39 do livro de exercícios.

AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS

PLANO DE AULA

Docente: Laura Teles Ferreira

Departamento: Línguas

Disciplina: Inglês

Data: 22/02/2013

Hora: 08:30

Sala: 17B

Ano: 5º

Turma: B

AULA Nº/ Lesson number 49 (forty-nine)

Sumário/summary:

.Correction of the homework.

.Unit 7a- We're from the USA:

- Oral and written exercises about the pictures on page 43 and teachers' flashcards.

- Spelling Contest: Part I.

COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER PELO ALUNO:

Compreensão oral, Compreensão escrita, Expressão oral e expressão escrita.

RECURSOS:

Quadro interativo com som, manual do aluno, livro de exercícios e flashcards.

ATIVIDADES A REALIZAR COM OS ALUNOS:

1-Abertura da lição, enquanto se verifica quem realizou o TPC; (5 min.)

2- Apresentação do Plano da aula; (5 min.)

3- Correção do TPC (ficha de trabalho -> 5 perguntas sobre o texto dado na aula anterior, da pág. 42 do livro do aluno); (5 min.)

4- Diálogo com os alunos sobre as várias imagens da pág. 43 do manual – Role Play - registando as frases dos alunos no quadro e nos cadernos; (10 min.)

5- Realização de exercícios de expressão oral, de reconhecimento de figuras públicas e a sua origem com registo escrito de algumas perguntas e respostas; (5 min.)

6- Participação na 1ª parte do *Spelling Contest* : Audição e preenchimento dos espaços com letras e palavras;

7- Sumário;

8- Indicação do T.P.C. - Exercícios 3 e 4 da pág. 39 do Livro de Exercícios.

AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS

PLANO DE AULA

Docente: Laura Teles Ferreira

Departamento: Línguas

Disciplina: Inglês

Data: 12/04/2013

Hora: 08:30

Sala: 17B

Ano: 5º

Turma: B

AULA Nº/Lesson n^{er}

Sumário/summary:

(Unit 9a - I've got a new game)

- Writing an email to a friend.
- Reading the email to the class.
- The bag song: Listening and singing.

Weekly evaluation of students' behavior and progress.

COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER PELO ALUNO:

Compreensão oral, Compreensão escrita, Expressão oral e expressão escrita.

RECURSOS:

Quadro interativo com som e manual do aluno.

ATIVIDADES A REALIZAR COM OS ALUNOS:

- 1- Abertura da lição.
- 2- Apresentação do Plano da aula; (5 min.)
- 3- Explicação do exercício a realizar: Elaboração de um email segundo determinadas instruções. (5 min.)
- 4- Elaboração de um email segundo determinadas instruções; (10 min.)
- 5- Apresentação oral dos trabalhos realizados; (10 min.)
- 6- Ouvir e cantar a canção da pág. 53 do manual; (5 min.)
- 7- Avaliação semanal dos progressos e comportamentos dos alunos ao longo da semana; (5 min.)
- 8- Sumário;
- 9- Indicação do T.P.C. - Cópia do texto da pág. 53 do Livro do aluno.

AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS

PLANO DE AULA

Docente: Laura Teles Ferreira

Departamento: Línguas

Disciplina: Inglês

Data: 22/04/2013

Hora: 08:30

Sala: 17B

Ano: 5º

Turma: B

AULA Nº/Lesson number

Sumário/Summary:

.Correction of the homework;

.Unit 10ª- "Can you swim?"

- Vocabulary exercises. Listening, reading comprehension, oral and written exercises about the texts on page 56 of the students' book and page 52 of the exercises' book.

COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER PELO ALUNO:

Compreensão oral, leitura/ compreensão escrita, expressão oral, expressão escrita.

RECURSOS:

Quadro interativo com acesso à internet e som, manual do aluno, livro de exercícios, quadro, giz e apagador.

ATIVIDADES A REALIZAR PELO ALUNO:

1-Abertura da lição, apresentação dos objetivos da aula e correção do TPC (vocabulary study – page 117);

2- Audição da gravação e repetição do vocabulário (2/3 vezes). Exercício 2, pág. 56 e ligação das imagens às palavras (match);

3- Realização dos exercícios 1 e 2 do livro de exercícios, da pág. 52 sobre o vocabulário em estudo. Correção.

4- Audição da gravação (2/3 vezes) do texto da pág. 56 "Can you swim?" e leitura pelos alunos (role play);

3-Leitura e explicação em voz alta das instruções do exercício 2 "Check";

4- Realização do exercício individualmente;

5- Correção das respostas dos alunos;

6-Sumário e indicação do T.P.C. - Exercícios 3e 4 da pág. 52 do livro de exercícios.

AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS

PLANO DE AULA

Docente: Laura Teles Ferreira

Departamento: Línguas

Disciplina: Inglês

Data: 02/05/2013

Hora: 13:10

Sala: 17B

Ano: 5º

Turma: B

AULA Nº/ Lesson n^{er} 68 (sixty-eight)

Sumário/Summary:

.Correction of the homework (page 56 and 57 of the exercises' book.)

.Revision exercises:

- Oral and written exercises about the Episode 2 of the DVD from the interactive book.
(Preparation for the test)

COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER PELO ALUNO:

Expressão oral, expressão escrita.

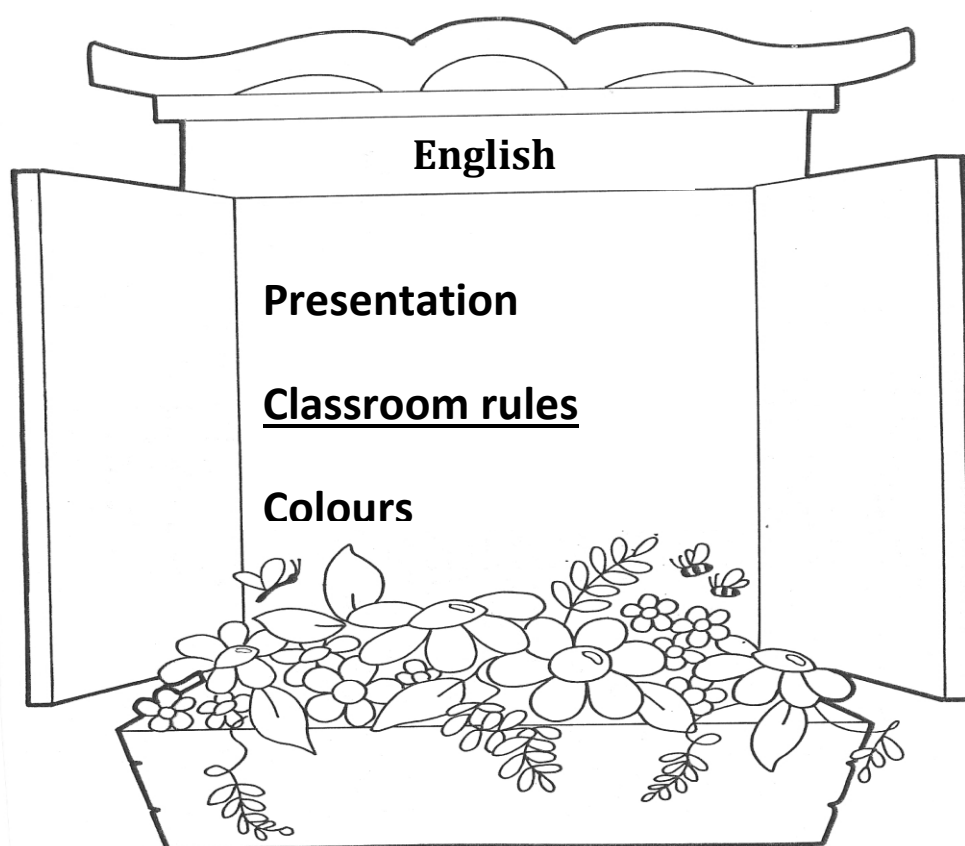
RECURSOS:

Quadro interativo, manual do interativo do aluno e livro de exercícios.

ATIVIDADES A REALIZAR PELO ALUNO:

- 1-Abertura da lição;
- 2- Apresentação dos objetivos da aula;
- 3- Correção do TPC (page 56 and 57 of the exercises' book.);
- 4- Leitura do questionário;
- 5-Visualização do 2º episódio do DVD
- 6- Resposta ao questionário
- 7- Os alunos trocam os questionários e corrigem o trabalho do colega, pontuando;
- 8- Verificação pelo próprio aluno da sua pontuação e correção;
- 6- Sumário;
- 7- Indicação do T.P.C. - Estudar para o teste.

Welcome



Lesson number 1(one)

Monday, 17th September 2012

Summary

1. Presentation;

2. Classroom rules;

3. Colours

Numbers

Days of the week

Months of the year

Seasons of the year – Fall (USA)/ Autumn(UK)

School objects

Classroom language

Classroom rules – Difícil para 5º ano ou interessante?

ABC

Lesson number 2(two)

Thursday, 20th September
2012

Summary

1. Numbers

2. Days of the week

3. Months of the year

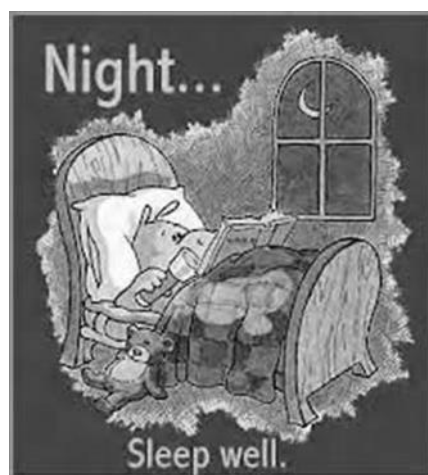
4. Seasons of the year

Lesson number 3(three)

Friday, 21st September 2012

Summary

1. School objects
2. Classroom language
3. Greetings



1a

Hello!

OBJETIVOS

Estruturas

to be no singular: *am/is*

Pronome pessoal: *I*

Determinantes possessivos: *my/your*

Perguntas: *What's ...?*

Funções

Saudações: *Hello!/Hi!*

Apresentar-se: *I'm/My name's ...*

Perguntar o nome: *What's your name?*

Vocabulário

Expressões de saudação: *Hello! Hi!*

Outro: *and, name*

Informação complementar

Hello/Hi: ambas as palavras podem ser usadas em qualquer momento do dia ou da noite. *Hello* adequa-se a qualquer tipo de situações. *Hi* é usado com mais frequência em situações informais.

Po /pəʊ/: Po é um enorme panda que se torna num guerreiro de kung fu. É o herói do filme de animação de 2008, *O Panda do Kung Fu*.

Hagrid /hægrɪd/: Hagrid, personagem da série de livros *Harry Potter*, escrita por J. K. Rowling, é o 'Guardião das Chaves e dos Terrenos' de Hogwarts e professor de 'Trato das Criaturas Mágicas'.

Spider-Man /spɑɪdə mæn/: o Homem-Aranha, super-herói da banda desenhada americana, foi criado na década de 1960 e recentemente apresentado em filme. *Spider-Man*, Peter Parker, usa os seus poderes para lutar contra o crime e o mal: é forte, rápido, capaz de trepar as paredes e o seu 'sentido de aranha' avisa-o do perigo.

Tin Tin /tɪn tɪn/: Tin Tin, ou Tintin, é um jovem repórter e viajante belga que, nas suas aventuras, conta com a ajuda do seu fiel cão, **Snowy** /snəʊi/. *As Aventuras de Tin Tin* foi originalmente uma série de livros de banda desenhada que começou em 1929, tendo sido adaptada para cinema e teatro.

Shrek /ʃrek/: personagem do filme de animação *Shrek*, é um ogre verde assustador que vive isolado num pântano.

Introdução

- Apresente-se à turma (*Hello! My name's ...*). Faça isso quatro ou cinco vezes. Se necessário, traduza para português.

1 Listen and read

- Peça aos alunos que olhem para a imagem da página 12. Faça perguntas em português e incentive-os a falar sobre a figura, por exemplo, *Quantos anos achas que as crianças têm? Onde pensas que estão? Estão felizes? Gostas de cães? etc.*

- Leia as instruções e verifique se os alunos as compreenderam.
- Ponha a gravação e peça aos alunos para apontarem para cada balão de fala à medida que ouvem.
- Ponha a segunda gravação (com pausas) duas ou três vezes para a turma ouvir e repetir.
- Ponha a gravação mais uma vez e peça a um ou outro aluno para repetir. Se possível, cada aluno deve ler pelo menos um dos balões.
- Diga aos alunos que podem encontrar o diálogo no Active Book.

Everyday phrases

- Peça aos alunos para lerem e repetirem várias vezes as expressões depois de si.
- Cada aluno diz *Hi!* ou *Hello!* ao colega do lado. O exercício é feito em cadeia para todos os alunos terem a oportunidade de praticar ambas as frases.

Lesson number 2 (two) and 3 (three)

Grammar

- Leia o balão com a frase de Banjo. Explique que o Banjo ajuda os alunos nas questões de gramática e mostre-lhes o *Banjo's Grammar Store*, na página 102.
- Peça aos alunos para lerem a caixa *Grammar* e para repetirem as frases que vai dizer.
- Escreva no quadro *I'm ... I am ...*. Explique que o apóstrofo na forma abreviada (*I'm*) mostra que falta uma letra.
- Peça aos alunos para lerem outra vez os balões da página 12. Pergunte: *Are there long or short forms in the speech bubbles? (Short forms: name's, I'm, What's)*. Explique que normalmente usamos as formas abreviadas ao falar e as mais longas na escrita.

2 Speak

- Leia o exemplo de diálogo várias vezes, com diferentes alunos a fazerem o papel de B.
- Alguns alunos leem o diálogo para a turma ouvir.
- Os alunos trabalham em pares, lendo o diálogo e alternando os papéis. Percorra a sala, verificando como corre a atividade.

3 Act

- Peça aos alunos que observem as imagens das personagens famosas. Incentive-os a dizerem o que sabem sobre elas, falando em português.
- Peça aos alunos que leiam o exemplo de diálogo e o repitam em voz alta, depois de si.
- Peça aos alunos para representarem o diálogo em pares, escolhendo uma das personagens.
- Os alunos trabalham em pares, representando o diálogo. Percorra a sala, verificando como corre a atividade.

Outros exercícios

- Leve para a aula imagens grandes de personagens famosas e dê uma a cada aluno. Se não tiver imagens, escreva o nome de 8 ou 10 personagens famosas em folhas de papel e use-as.
- Peça aos alunos que, em pares, se desloquem para a frente da sala com as imagens. Cada grupo segura os desenhos para que a turma veja e representa o diálogo.

4 Game

- Explique que, neste jogo, os alunos têm de recordar todos os nomes que foram ditos até chegar a sua vez.
- Demonstre como se joga. Peça à turma para olhar para a imagem. Peça a quatro alunos que estejam sentados uns ao lado dos outros para serem Rosie, Jess, Robert e Jamie. Esses quatro alunos leem o exemplo em voz alta.
- Os alunos jogam em cadeia, percorrendo toda a turma e usando os seus próprios nomes. Alguns alunos podem preferir traduzir os seus nomes para inglês.

5 The Name Rap

- Explique aos alunos que não têm de aprender todas as palavras dos *raps*. Incentive-os a adivinharem o significado das palavras novas e, se necessário, traduza-as.

- Peça aos alunos para indicarem cada linha nos livros à medida que ouvem a gravação. Ponha a gravação e os alunos ouvem, leem e apontam.
- Os alunos repetem enquanto ouvem a gravação outra vez.
- Divida a turma em dois grupos. Ponha a gravação. O Grupo A repete as frases do rapaz (Guy) e o Grupo B repete as da rapariga (Di, abreviatura de Diane ou Diana). A primeira frase do *rap* é do rapaz e depois alternam.
- Diga aos alunos que podem encontrar o *rap* no Active Book.

Resource A (Unit 1a)

Boys

Tom	Chris	Andy	Sam	Dave
Tony	Simon	Matt	Kevin	Peter
John	Mike	Joe	Nick	James

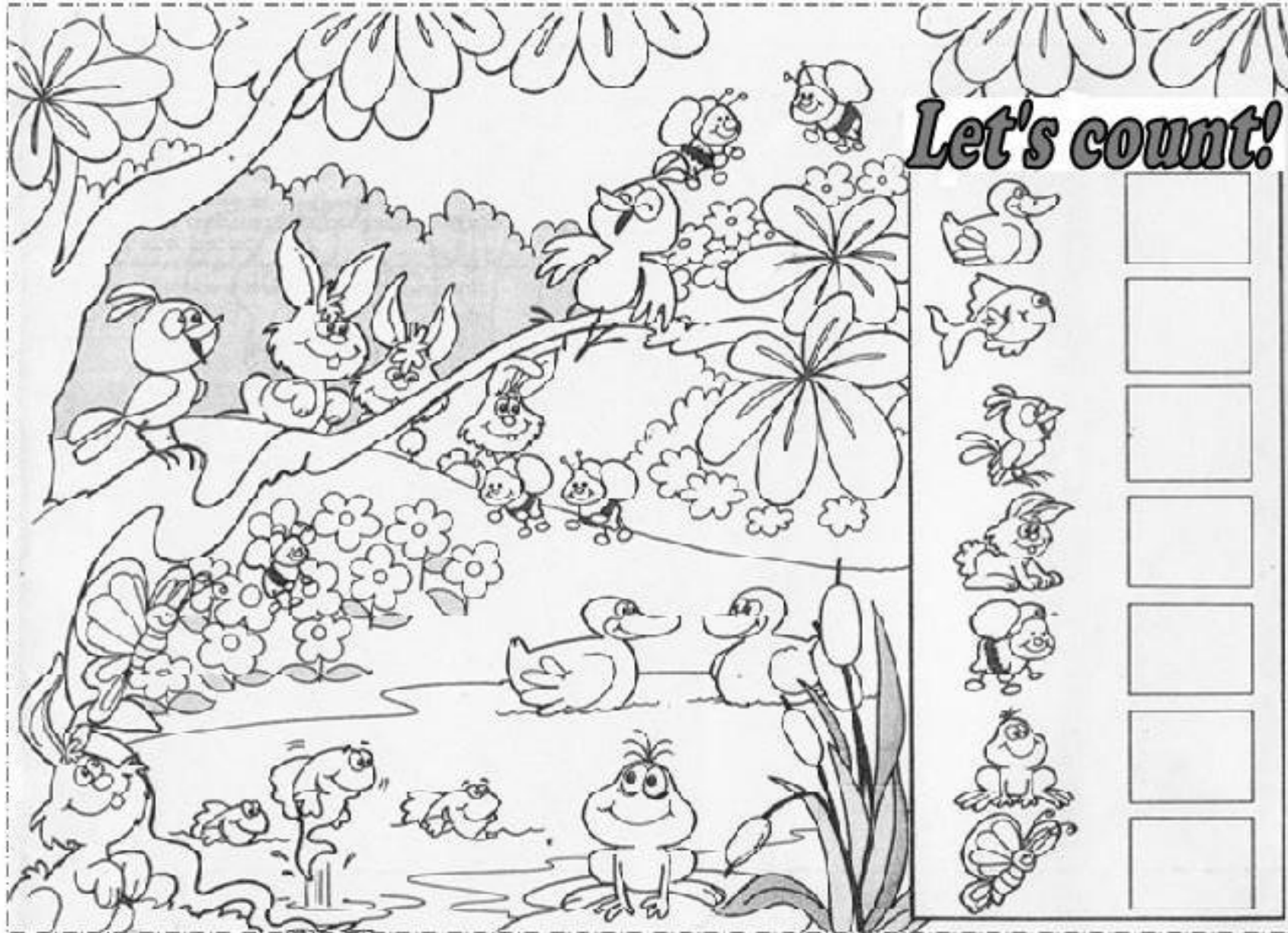
Girls

Sue	Chris	Emma	Sam	Lisa
Sharon	Jane	Sarah	Amy	Anna
Lucy	Sally	Joanne	Nicola	Kate

The Numbers.

My Name is: _____

Count the animals and write the number in the box. Color the picture.



1- one

2- two

3- three

4- four

5- five

6- six

7- seven

8- eight

9- nine

10- ten

5ºB

Lesson number 49 (forty-nine)

Friday, 22nd February 2013

Lesson Plan

- 1- Abertura da lição, enquanto se verifica quem realizou o TPC; (5 min.)
- 2- Apresentação do Plano da aula; (5 min.)
- 3- Correção do TPC (ficha de trabalho -> 5 perguntas sobre o texto dado na aula anterior, da pág. 42 do livro do aluno); (5 min.)
- 4- Diálogo com os alunos sobre as várias imagens da pág. 43 do manual – Role Play - registando as frases dos alunos no quadro e nos cadernos; (10 min.)
- 5- Realização de exercícios de expressão oral, de reconhecimento de figuras públicas e a sua origem com registo escrito de algumas perguntas e respostas; (5 min.)
- 6- Participação na 1ª parte do *Spelling Contest* : Audição e preenchimento dos espaços com letras e palavras; (10 min.)
- 7- Sumário;
- 8- Indicação do T.P.C. : Exercícios 3e 4 da pág. 39 do Livro de Exercícios.

Correction of the homework

Summary

Correction of the homework;

Unit 7a- We're from the USA:

- Oral and written exercises about the pictures on page 43 and teachers' flashcards.

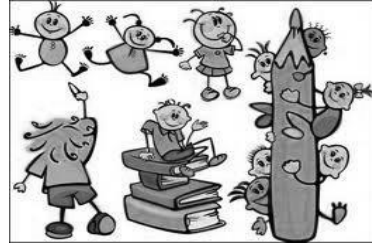
- Spelling Contest – part 1.

Homework (5^oB)

Exercises 3 and 4 on page 39 – Exercises book.

MAY I

SHARPEN MY



PENCIL?

MAY I COME IN?



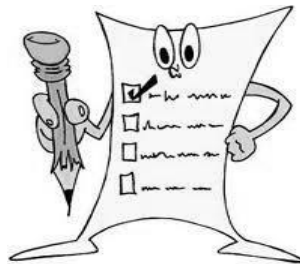
Open your

book on



page...

Write



Listen



Read



Be quiet



Sit down



Come to the board



May I go to the toilet?



Can you repeat?



Step aside,
please!



Imagem extraída do site:
http://jornaloprofessor.com.br/portal_imagens/fotos/dia%20do%20livro.jpg

You may put your
things away.



You may go.



Close

the door.

Stand

up.

Come

here.

Open

the window.

Cross

your arms.

Put

it on the desk.

Get

down.

Sit

down.

Go

to the door.

Touch

your toes.